



Domínios de Lingu@gem

Revista Eletrônica de Linguística

2º Semestre 2011
Volume 5, número 3

Tradução

(Número Especial)

Organização:
Profa. Dra. Marileide Dias Esqueda

ISSN: 1980-5799

Universidade Federal de Uberlândia

Reitor

Prof. Alfredo Júnior Fernandes Neto

Vice-Reitor

Prof. Darizon Alves de Andrade

Diretor da EDUFU

Prof. Humberto Aparecido de Oliveira Guido

EDUFU – Editora e Livraria da Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila, 2121 – Campus Santa Mônica – Bloco A – Sala 01
Cep 38400-902 – Uberlândia – MG
Tel: (34) 3239-4293
www.edufu.ufu.br | e-mail: livraria@ufu.br

Editoração: Prof. Dr. Guilherme Fromm

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

Domínios de Lingu@gem: revista eletrônica de linguística, v. 5, n. 3, 2011,
Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, 2007-

Semestral.
ISSN: 1980-5799

Número especial: Tradução / organização: Marileide Dias Esqueda.
Modo de acesso: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>

1. Linguística - Periódicos. 2. Linguística aplicada - Periódicos.
2. Tradução - Periódicos. I. Tradução. II. Esqueda, Marileide Dias.

CDU: 801(05)

Domínios de Lingu@gem

Diretor

Guilherme Fromm (UFU)

Conselho Editorial

Ana Donnard (UFU)

Ariel Novodvorski (UFU)

Eliana Dias (UFU)

Maria Clara Carelli Magalhães Barata (UFU)

Marileide Dias Esqueda (UFU)

Conselho Consultivo

Adriana Cristina Cristianini (UFU), Aldo Luiz Bizzochi, Alessandra Montera Rotta (UFU), Alice Cunha de Freitas (UFU), Ataliba Teixeira de Castilho (USP), Benice Naves Resende (UFU), Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (UFU), Camila da Silva Alavarce Campos (UFU), Carla Nunes Vieira Tavares (UFU), Carmen Lúcia Hernandez Agustini (UFU), Cecília Magalhães Mollica (UFRJ), Cíntia Camargo Vianna (UFU), Cláudia Maria Xatara (UNESP), Cleci Regina Bevilacqua (UFRGS), Clécio dos Santos Bunzen (UNIFESP), Cleudemar Alves Fernandes (UFU), Cristiane Carvalho de Paula Brito (UFU), Dánie Marcelo Jesus (UFMT), Daisy Rodrigues do Vale (UFU), Deise Prina Dutra (UFMG), Dilma Maria de Mello (UFU), Dulce do Carmo Franceschini (UFU), Dilys Karen Rees (UFG), Eduardo Batista da Silva (UEG), Eduardo José Tollendal (UFU), Elaine Cristina Cintra (UFU), Eliane Mara Silveira (UFU), Elisa Battisti (UFRGS), Elisete Maria de Carvalho Mesquita (UFU), Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro (UFU), Enivalda Nunes Freitas e Souza (UFU), Ernesto Sérgio Bertoldo (UFU), Evandro Silva Martins (UFU), Fabiana Vanessa Gonzalis (UFU), Fernanda Costa Ribas (UFU), Fernanda Mussalim G. Lemos Silveira (UFU), Fernando Julio Cabrera (UFU), Francis Henrik Aubert (USP), Frederico de Sousa Silva (UFU), Gabriel Antunes de Araújo (USP), Gabriel de Ávila Othero (UFRGS), Gladis Maria de Barcellos Almeida (UFSCar), Giovanni Ferreira Pitillo (UFU), Hardarik Gerhard Jürgen Blühdorn (Universidade de Mannheim), Ivan Marcos Ribeiro (UFU), Heliana Mello (UFMG), Heloísa Mara Mendes (UFU), Janice Helena Chaves Marinho (UFMG), Joana Luiza Muylaert de Araújo (UFU), João Bortolanza (UFU), João Bosco Cabral dos Santos (UFU), José Luiz Fiorin (USP), José Ribamar Lopes Batista Júnior (CAF/UFPI), José Sueli Magalhães (UFU), Kátia Marques da Silva (UFU), Kenia Maria de Almeida Pereira (UFU), Leonardo Francisco Soares (UFU), Liliâne Santos (Université Charles-de-Gaulle - Lille 3), Luisa Helena Borges Finotti (UFU), Luiz Carlos Travaglia (UFU), Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP), Marcelo Módolo (USP), Maria Aparecida Resende Ottoni (UFU), Maria Bernadete Gonçalves dos Santos (UFU), Maria Célia Lima-Hernandes (USP), Maria Cecília de Lima (UFU), Maria Cristina Martins (UFU), Maria de Fátima F. G. de Castro (UFU), Maria Inês Vasconcelos Felice (UFU), Maria Stela Marques Ochiucci (UFU), Maria Ivonete Santos Silva (UFU), Maria João Brôa Martins Marçalo (Universidade de Évora/ Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa), Maria José Bocorny Finatto (UFRGS), Maria Luiza Braga (UFRJ), Maria Madalena Bernadeli (UFU), Maria Suzana Moreira do Carmo (UFU), Marisa Martins Gama-Khalil (UFU), Marlúcia Maria Alves (UFU), Maura Alves de Freitas Rocha (UFU), Maurício Viana de Araújo (UFU), Michael J. Ferreira (Georgetown University), Montserrat Souto Gómez (Universidade Santiago de Compostela), Nilza Barrozo Dias (UFF), Odete Maria Álvares (UFU), Patrícia Carvalhinhos (USP), Paula Godoi Arbex (UFU), Paulo Fonseca Andrade (UFU), Paulo Osório (Univ. Beira Interior / Centro de Linguística – Univ. Nova de Lisboa), Pedro Malard Monteiro (UFU), Pedro Perini-Santos (PUC-MG), Raquel Meister Ko. Freitag (UFS), Rejane Bueno (Universitat Pompeu Fabra), Roberta Rego Rodrigues (CLC/UFPEL), Rolf Kemmler (Centro de Estudos em Letras [CEL] da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro [UTAD], Vila Real), Sebastião Carlos Gonçalves (UNESP-Rio Preto), Silvana Maria de Jesus (UFU), Simone Azevedo Floripi (UFU), Simone Tiemi Hashiguti (UFU), Stéfano Paschoal (UFU), Stella E.O. Tagnin (USP), Tommaso Raso (UFMG), Vânia Casseb Galvão (UFG), Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG), Waldenice Moreira Cano (UFU), Waldenor Barros Moraes Filho (UFU), William Mineo Tagata (UFU), Zeina Abdulmassih Khoury Simão (UFU), Zuleika da Costa Pereira (UFU).

Sumário

Apresentação – Marileide Dias Esqueda (UFU), Silvana Maria de Jesus (UFU).....	5
Artigos	9
O Conceito de Original sob Rasura – Danylle Neiva da Silva Azevedo (UESC), Zelina Márcia Pereira Beato (UESC)	9
Edgar Allan Poe em Português: os Limites entre Tradução e Adaptação – Élide Paulina Ferreira (UESC), Karin Hallana Santos Silva (UFRJ)	20
Questionando a funcionalidade das traduções do Chico Bento para o inglês – Elisângela Liberatti (UFSC), Michelle de Abreu Aio (UFSC)	38
O tradutor como <i>função enunciativa</i> : uma análise de autotradução- Paula Ávila Nunes (UFRGS).....	52
A Eficácia da Tradução como Estratégia de Ensino de ESP – Renata Ribeiro Guimarães (UFF)	74
Describing the Methodological Procedure of a Translation Studies Investigation based on Corpora - Sinara de Oliveira Branco (UFCG).....	95
Tentativa e erro: “Text”, de Carol Ann Duffy, em duas traduções – Telma Franco Diniz (UFSC)	119

Apresentação

Pode-se dizer que, de modo geral, as abordagens e teorias da tradução se dimensionam multidisciplinarmente, apoiadas em fundamentos, descrições e explicações específicas do fenômeno tradutório. Esse quadro não é apenas nacional, mas também recorrente em instituições acadêmicas do exterior (CRONIN, 2000). A continuidade do intercâmbio multidisciplinar de pesquisas consolida a própria natureza da tradução, qual seja, aquela de integrar novos e distintos lugares de discussão, produção e divulgação acadêmico-científicas.

De acordo com proposições teóricas das décadas de 1980 e 1990 (MARTINS, 1999), a inter-, trans- e multidisciplinaridade na tradução faz-se recomendável, uma vez que seus adeptos buscam, constantemente, meios e estratégias passíveis de garantir que experiências diversas de investigação se transformem em ações produtivas mais duradouras, capazes de motivar e aprofundar experiências complementares significativas, ensejando a oportunidade para o exercício crítico da reflexão sobre os problemas da teoria e prática da tradução, colocando em dúvida as certezas dogmáticas, oxigenando o campo do conhecimento com novas perspectivas interpretativas embasadas na ampliação do horizonte teórico da tradução.

No século XXI, a natureza da tradução ultrapassou os limites das discussões dos séculos anteriores que, sem deixarem de ter importância, dividem o cenário com questionamentos mais abrangentes sobre o lugar da tradução nas diferentes culturas, a interface com as mais avançadas tecnologias, o diálogo com as pesquisas cognitivas e historiográficas, as políticas de inclusão e acessibilidade, as propostas de formação, credenciamento e visibilidade dos tradutores, entre outras áreas em que a tradução se faz presente como objeto de estudo.

Observa-se, ainda, que a área da tradução fornece mostras de sua vitalidade, com a criação de novos cursos de graduação e pós-graduação, de publicações de revistas científicas especializadas na área, de oferta de congressos e eventos, atestando o desenvolvimento das bases teóricas da disciplina.

É na esteira destes acontecimentos que, em 2010, no âmbito do Reuni, foi criado o Curso de Bacharelado em Tradução, pertencente ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU), que, como consequência,

demandou a admissão de docentes que agora assumem os desafios, dificuldades e as prerrogativas da institucionalização de um curso superior em Tradução, de grupos de estudo e pesquisa, investindo na ampliação deste cenário.

Inicialmente, o grupo de docentes criou o Grupo de Pesquisa Translatio, o qual, embora em fase de gestação, tem perspectivas promissoras de desenvolvimento. Uma das ideias do grupo era organizar uma primeira publicação de artigos científicos especialmente sobre tradução, não apenas para propiciar aos nossos alunos acesso a modelos metodológicos distintos de investigação em tradução, mas também para consolidar a criação do Curso de Tradução e formalizar as propostas do Grupo Translatio.

Em face desse contexto, a Revista Eletrônica Domínios da Lingu@gem, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL UFU), tem o prazer de apresentar um número especial sobre Tradução, já buscando colher os primeiros frutos dessas iniciativas.

Considera-se que a escolha deste número temático sobre tradução, regido por um caráter amplo, traz considerações valiosas que vão desde a teoria da tradução por meio de abordagens filosófica, psicanalítica, semiótica, literária, até o ensino e a aprendizagem da tradução em outras instâncias.

Este número contempla, portanto, os trabalhos de Danylle Neiva da Silva Azevedo e Zelina Márcia Pereira Beato, que retomam uma das questões centrais dos estudos da tradução: a relação original-tradução. Investigando uma tradução para o português do romance grego Dáfnis e Cloé, a partir da tradução desta obra para o francês e não do original grego, as autoras discutem o duplo papel da tradução francesa, que se situa, ao mesmo tempo, como tradução do grego e "original" da tradução para o português.

Igualmente preocupadas com esta questão central, a relação original-tradução, Élide Paulina Ferreira e Karin Hallana Santos Silva analisam as traduções para o português dos contos de Edgard Allan Poe, Histórias extraordinárias, feitas por Brenno Silveira e Clarice Lispector, sendo que a tradução de Clarice Lispector foi considerada pela editora como adaptação. As autoras questionam, então, os critérios utilizados para se classificar uma obra como tradução ou adaptação.

Ainda focando o texto literário, Telma Franco Diniz apresenta algumas questões pertinentes à tradução de poesia, a partir da sua tradução do poema *Text* de Carol Ann Duffy, seguindo critérios apontados por poetas e tradutores brasileiros, como Paulo Henriques Britto e Alípio Correia de Franca Neto.

O trabalho de Elisângela Liberatti e Michelle de Abreu Aio propõe uma análise funcionalista de alguns quadros das histórias em quadrinhos de Maurício de Souza traduzidas para a língua inglesa. Por meio da análise funcionalista de Nord (1991), as autoras destacam as traduções das variações linguísticas para o inglês do personagem Chico Bento.

Paula Ávila Nunes realiza uma análise de um estudo de caso de autotradução. O trabalho explora as marcas textuais contidas no texto de Samuel Beckett, *En attendant Godot* (1949) e sua autotradução *Waiting for Godot* (1953). Com base nos estudos enunciativos, a autora coteja as traduções e tece comentários sobre a função enunciativa do tradutor.

A eficácia da tradução como estratégia de ensino de línguas é o tema do qual trata Renata Ribeiro Guimarães. A autora organiza exercícios de tradução que podem servir como atividades para o ensino de inglês para fins específicos. Explorando exercícios de leitura, elaboração de resumos e diagramas, a autora discute como a tradução pode ser revista e introduzida na sala de aula de línguas estrangeiras de maneira eficaz.

Sinara de Oliveira Branco utiliza reportagens jornalísticas no par linguístico inglês-português dos sites da Reuters, BBC, The New York Times e da UOL para analisar as estratégias de tradução utilizadas pelos jornalistas-tradutores. Com base em Chesterman (1997), a autora discute os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos que distanciam ou aproximam os originais de suas respectivas traduções veiculadas pelas agências citadas.

Os trabalhos aqui apresentados agem, portanto, no sentido de promoverem reflexões sobre tradução, que se entrecruzam com outros discursos e demonstram a multidisciplinaridade que caracteriza a área de tradução, conforme já afirmamos. Embora estes trabalhos, de inteira responsabilidade de seus articulistas, não necessariamente expressem e representem as mesmas filiações teóricas dos integrantes do Grupo *Translatio*, a heterogeneidade e complexidade das relações entre tradução e

original, tradutor e sociedade, que se estabelecem nesses trabalhos, salientam o papel transformador desempenhado pela tradução e o próprio problema teórico que dela decorre.

Agradecemos a todos pelo envio dos trabalhos e também aos pareceristas deste número especial sobre Tradução.

Profª Drª Marileide Dias Esqueda

Profª Drª Silvana Maria de Jesus

Artigos

O conceito de original sob rasura

Danylle Neiva da Silva Azevedo*
Zelina Márcia Pereira Beato^o

Resumo: No campo dos estudos da tradução, a supervalorização do texto original em relação ao traduzido é fato incontestável. Na dicotomia que se estabelece entre o original e a tradução, essa é vista como mácula ao original, devendo sempre ser apenas seu reflexo. Esse artigo apresenta uma reflexão que questiona a relação aparentemente tranqüila entre original e tradução ao investigar o evento tradutório do texto Dáfnis e Cloé do autor grego Longo, publicado pela Pontes Editora e traduzido por Denise Bottmann, em 1990. Segundo a tradutora, a tradução feita a partir do texto em francês justificou-se pela dificuldade de acesso ao original em grego. Esse evento coloca sob suspeição a distinção considerada certa e tranqüila entre a tradução e original e pretende contribuir com a reflexão teórica ao questionar a expectativa de que toda tradução nasce necessariamente de um original.

Palavras chave: Tradução; Original; Desconstrução; Dáfnis e Cloé.

Abstract: In Translation Studies, vis-a-vis, the over-valuation of the original over the translated text is beyond doubt. In the dicotomy between original and translation, the latter is taken as maculating the original, being nothing more than its reflection. This essay questions the relationship between original and translation whose serenity is always taken for granted. The investigated event was the translation of Daphnis and Chloé by the Greek author Longo, translated by Denise Bottman and published by Pontes Editora in 1990. According to Bottmann, the translation was made from the French version due to difficult access to the Greek original. This event places the distinctness taken as clear and calm between original and translation under suspicion and contributes to theoretical field by questioning the expectations that each and every translation is necessarily made from an original text.

Keywords: Translation; Original; Deconstruction; Daphnis and Chloé.

No campo da tradução, a reflexão teórica toma como dado que o texto traduzido se produz a partir do original. Sempre existe um original que servirá como base para a tradução. A existência do original é sempre certa, natural e inquestionável. Nessa relação naturalizada entre original e tradução, ainda mais natural é o lugar privilegiado do original em relação à tradução, vista meramente como seu subproduto ou um mal necessário (c.f. Mounin 1975, Tytler 1907).

O pensamento da tradição metafísica, em geral, está em busca da origem, do ponto inicial mais puro de onde começar tudo. Essa busca pela origem, e eventual localização, sustenta a legitimidade do ato. A tradução é tão mais legítima quanto mais

* Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA e tradutora profissional.

^o Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia.

garantida sua proximidade com o texto original. Entretanto, não raro esse processo, em algum lugar ou em algum momento, desanda. As coisas começam de outra forma, começam mal, desviam e surpreendem. A origem não está ao alcance como seria esperado ou desejado. Essa infelicidade é um acontecimento estranho, estrangeiro ao processo, como que vinda do exterior, na forma de acidente ou catástrofe. Por outro lado, pode-se considerar essa infelicidade não como estranha, estrangeira e externa, mas já em operação no interior da formulação, isto é, colocando em dúvida a própria possibilidade de uma origem última. De qualquer forma, acidente externo ou constitutivo, o que não se nega é a sensação de perda e frustração infinita. A perda do paraíso onde a ordem pode sempre ser restabelecida e os males afastados, em definitivo.

No campo da tradução, a relação original e tradução mantém lugar privilegiado de reflexão. É tomado como fato dado que uma tradução tem como contramolde um original. Walter Benjamin, um importante pensador da tradução, em seu texto canônico de 1977, *A tarefa do Tradutor*, faz uma distinção solene entre original e tradução ao afirmar que o original deixa-se traduzir um número indefinido de vezes, enquanto a tradução não se deixa traduzir de forma alguma. Para o autor, estão definidas claramente as posições e diferenças entre uma e outra, e preservada a sacralidade do texto original.

Que catástrofe pensar uma tradução que surgiria de outro lugar que não do original mesmo. Qualquer coisa de ilegítimo marcaria esse nascimento quase bastardo. A sacralidade do original é tamanha que muitos autores que abordam a questão da tradução de textos literários, John Catford e o próprio Walter Benjamin, por exemplo, consideram que traduzir é destruir, é descaracterizar, é trivializar¹. O mal da tradução é, pois, supor que pode tocar o original e dele se apossar impunemente.

Nesse cenário de sacralidade e relação inquestionável entre original e tradução surge o evento editorial da tradução de *Daphnis et Chloé*. A edição traduzida por Denise Bottmann foi publicada em 1990, pela Editora Pontes, de Campinas. Segundo depoimento da própria tradutora, o texto foi traduzido a partir de uma interposição do

¹ c.f. ARROJO 1992

francês, isto é, uma tradução feita com base na tradução do grego feita por Pierre Grimal.

Segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o termo “tradução” tem origem na palavra latina *traductio,ōnis* que representa a ‘ação de levar em triunfo, ação de transferir de uma ordem a outra, curso, andar (do tempo); espécie de repetição’. Outra possibilidade etimológica para o termo “traduzir” é o termo latino “*traducere*”, que possui o sentido de “fazer passar”, “conduzir”, “transportar de uma língua para outra”, indicando o sentido movimentação de um ponto para outro.

Em quaisquer das possibilidades, a missão para a qual aponta o verbo seria a de “levar”, “transferir” o sentido do texto original, o que faz considerar a tradução como um meio para cruzar “fronteiras de um texto por meio da condução de seus significados para o território das formas expressivas de outra língua.” (CARVALHO, 2006).

Segundo Geir Campos (1986), em *O que é tradução*, “os dicionários costumam definir tradução como ‘ato ou efeito de traduzir’. Enquanto ato, leva o tempo que o tradutor emprega no seu trabalho; como efeito, é o que resulta desse trabalho.” (p.7). Campos insiste na ideia de que a tradução não vai muito além dessa ação de passar de uma língua para outra um texto escrito na primeira. Ele ainda cita alguns teóricos², cujas declarações reforçam a concepção de traduzir como uma atividade intelectualmente inferior à elaboração do original.

[...] nenhuma tradução pode ter a pretensão de substituir o original: é apenas uma tentativa de recriação dele. E sempre cabem outras tentativas. Pode-se dizer que, de um mesmo texto, poderão existir tantas traduções aceitáveis quanto forem os objetivos a que ele puder servir” (CAMPOS, 1986, p. 12).

Essa declaração do autor confirma o papel secundário que a teoria tradicional reserva para a tradução. Para Campos, seria um gesto audacioso do texto traduzido, ou seja, do tradutor, buscar substituir o texto original.

Em *Torres de Babel*, Jacques Derrida (2002) elabora a noção de dívida que dá forma à relação tradutor e original. Essa noção concebe a situação na qual se

² Werner Winter, Alfred Malblanc, Brenno Silveira, Paulo Rónai, Valéry Larbaud, Jean Maillot, Ortega y Gasset.

encontraria então o tradutor, para sempre endividado nessa relação com o texto original: “O tradutor é endividado, ele se apresenta como tradutor na situação de dívida; e sua tarefa é de devolver, de devolver o que devia ter sido dado.” (p. 27). Segundo Derrida, ao tradutor é dada a responsabilidade por devolver o sentido original do texto, o mesmo sentido original que supostamente lhe deveria ter sido dado na origem. Derrida continua seu questionamento: “o tradutor seria assim um receptor endividado, submetido ao dom e ao dado de um original?” (p. 33), devendo estar o tradutor e sua tradução, subordinados aos significados do escritor do original? Mas que garantia tem o tradutor de que o sentido original lhe foi, de fato, oferecido?

Nessa perspectiva, a função do texto original seria a de permanecer intocado, em local especial, resguardado e puro, para sempre como fonte de outras traduções. A tradução, por sua vez, é a cópia desse primeiro texto em outra língua. Apesar de ansiar a perfeição do texto que serviu de fonte, apesar do esforço de apreender o sentido original que é prometido pelo texto, sua empreitada está sempre fadada ao insucesso. Perda de qualquer forma, e inevitável por princípio, pois o que a tradução impõe, necessariamente, é a perda da língua mesma.

Campos resume o pensamento tradicional ao colocar que “dos que opinam contra a tradução, há quem diga que o principal argumento resume-se em que a tradução não é o original.” (p. 12), ou seja, o texto traduzido sempre estará em posição desprivilegiada, pelo simples fato de não ser o original. A tradução, sejam quais forem suas qualidades, jamais poderá ser considerada um texto com as mesmas ambições de um texto original, porque à sua existência sempre corresponderá um texto dito original de qualidade superior, um texto cuja mera existência já é sua garantia de superioridade.

Essa perspectiva do pensamento tradicional aborda a tradução como uma atividade de simples transferência de significados de uma língua para a outra, sem que haja interferência, interpretação ou trabalho intelectual do tradutor na obra original. A autora Susan Bassnett-McGuire (1978) enumera em sua obra, *Translation Studies*, o que Alexander Fraser Tytler³, um dos teóricos pioneiros da tradução, sugeriu como elementos que podem definir uma boa tradução:

a tradução deve transcrever em sua totalidade a ideia do texto original;
o estilo e a forma de escrita devem ter as mesmas características do

³ TYTLER, Alexander, *Essay on the Principles of Translation*. London: J. M. Dent & Sons, 1907

original; a tradução deve possuir a fluência e naturalidade da composição original.” (BASSNETT-McGUIRE, 1978, p. 63)⁴.

A partir desses princípios postulados por Tytler, a teorização tradicional que a tradução deve estar incondicionalmente subordinada ao texto original e que o tradutor não seria mais que um elemento transparente incumbido de facilitar a transposição de suas ideias. Além de ver sua atividade intelectual considerada tarefa meramente mecânica, ele deve manter-se invisível nesse processo, ou seja, a intenção maior é que o texto na língua meta aparente ter sido escrito pelo autor mesmo, sem a interferência do tradutor.

A partir dos princípios estipulados por Tytler, a tradução deve estar em total acordo com as ideias do texto original, passando essa mensagem inteiramente para o texto traduzido. Além disso, acredita-se, também, que o tradutor deve ater-se à correspondência formal e à equivalência textual, para que o seu texto possua as mesmas características propostas pelo autor do texto original. Por fim, a tarefa mais complicada, o texto deve soar na língua meta com a naturalidade com que soou na língua fonte.

O ensaísta inglês, John Cunnison Catford (1980) traz em sua obra, *Uma Teoria Lingüística da Tradução*, uma definição bastante simples da tradução. Segundo o que diz, a “tradução é a substituição de material textual de uma língua por material textual equivalente em outra” (p. 22), sendo que o termo “material textual” é utilizado pelo autor para abordar os elementos de conteúdo e de forma do texto. Catford reforça que a equivalência é de suma importância para a teoria tradicional, apesar de admitir que uma das maiores dificuldades é estabelecer equivalentes exatos no momento da tradução: “o problema central em prática de tradução consiste em encontrar equivalentes de tradução da língua meta.” (p. 23)

Concordando com o pensamento de Catford, Campos (1986) alega que a tradução é baseada em duas estruturas: a correspondência formal e a equivalência textual. No intuito de preservar uma dessas estruturas, o texto original ou até mesmo a outra estrutura são prejudicados. Dessa forma, a teoria tradicional é unânime em considerar a tradução como texto de menor valor em relação ao texto original, visto não passar de uma tentativa de cópia. Por mais bem cuidada que seja a tradução, ela permanece uma tentativa frustrada de refazer o original. Campos reforça os lugares

⁴ Nossa tradução

destinados ao texto original e ao traduzido, o primeiro sempre mais valorizado que o segundo: “Claro está que nem a mais perfeita das traduções poderá jamais igualar o texto original com todos os recursos expressivos da língua ao dispor do seu autor no momento em que o escreveu.” (p. 71).

Pode-se entender, até aqui, na perspectiva da teorização tradicional sobre tradução, que a tarefa de traduzir poderia se resumir a uma equação: Original → tradutor → tradução, na qual, ao original, está reservado o lugar de vantagem, e ao tradutor e, conseqüentemente à tradução, o lugar de transparência, de invisibilidade. De qualquer forma, para a tradição, a tarefa de traduzir sempre supõe um tradutor transparente, um original sagrado e uma tradução em débito.

É pensando na sacralização dessa equação que Walter Benjamin n’*A tarefa do tradutor*, trata como impossibilidade, até mesmo sacrilégio, traduzir a partir de outra tradução. Para ilustrar as diferentes posições entre texto original e traduzido, W. Benjamim faz uso de metáforas, posteriormente analisadas por Derrida em *Torres de Babel*.

É, de passagem, uma afirmação bastante firme senão bastante demonstrativa: ‘o elemento originário do tradutor’ é a palavra e não a proposição, a articulação sintática. Para o dar a pensar, Benjamin propõe uma curiosa ‘imagem’: a proposição (*Satz*) seria ‘o muro diante da língua do original’, ao passo que a palavra, a literalidade (*Wörtlichkeit*) seria sua ‘arcada’. Ao passo que o muro escora escondendo (ele está *diante* do original), a arcada sustenta deixando passar o dia e dando a ver o original [...]. (DERRIDA, 1998, p. 45 - 46).

Ao usar as imagens de muro e arcada, de esconde e escora, Benjamin cria um quadro de escondidos e impedimentos. O tradutor encontra várias barreiras para seu acesso ao texto, aos sentidos, ao elemento originário mesmo, a palavra-arcada. Esse impedimento não está na falta de capacidade do leitor/tradutor, a quem faltariam qualidades necessárias para acessar os sentidos do original. Ao contrário, a impossibilidade é parte originária da relação com a língua. Os sentidos do originário não são dados ao leitor, mas construídos no processo de leitura.

A fim de repensar a relação inquestionável dessa equação que se constrói entre tradução e original, esse trabalho apresenta um acontecimento editorial que contraria a encenação que tradicionalmente marca o processo tradutório, qual seja, a existência prévia de um original que, pelas mãos do tradutor, se transforma em um texto traduzido. Contrariando essa imagem tão naturalizada, o que esse acontecimento tradutório de Dáfnis e Cloé testemunha é a possibilidade/necessidade de uma tradução feita a partir de outra tradução.

O acontecimento editorial que analisamos é a tradução do romance Dáfnis e Cloé, do autor grego Longo. Na história da literatura, o romance Dáfnis e Cloé, também conhecido como *As Pastorais*, é atribuído a Longo que viveu no século II ou III d.C. O romance bucólico conta a estória de dois jovens que vivem no campo e se apaixonam intensamente, em plena harmonia com a natureza e sob a bênção dos deuses. A estória desse romance teve grande influência tanto na literatura, quanto nas artes em geral (pintura, música, dança, etc.). O romance serviu de modelo para *La Sireine* de Honoré d'Urfé, *Diana enamorada* de Jorge de Montemayor, *Aminta* de Torquato Tasso, e *The Gentle Shepherd* de Allan Ramsay. A novela *Paul et Virginie* retoma a mesma estória. Maurice Ravel baseou seu balé, *Daphnis et Chloé*, nessa estória. A tradução francesa de 1559, preparada por Jacques Amyot, bispo de Auxerre e revisada por Paul Louis Courier é talvez mais conhecida que o original.

Uma informação interessante e nada banal refere-se à especulação em torno do nome de Longo, por alguns considerado como sendo meramente uma má interpretação da última palavra do título do texto em grego Λεσβακων νρωτων λογοι. Observou-se que o melhor manuscrito disponível começa e termina com a palavra λογου, e não Λογος (Logos). De qualquer forma, é preciso ter em conta na análise desse evento editorial o fato de a autoria do texto original estar sob suspeita, melhor dizendo, sob ~~rasura~~.

A edição traduzida de Dáfnis e Cloé foi publicada em 1990, pela Editora Pontes, de Campinas. O texto foi traduzido a partir de uma interposição do francês, a tradução de Pierre Grimal. Pierre Grimal traduziu o texto do grego para o francês e, a partir dessa tradução, a tradutora brasileira, Denise Bottmann traduziu o texto para a

língua portuguesa. A partir de relatos⁵, a tradutora informou que tem conhecimento de outra tradução feita por Duda Machado e posterior à sua, publicada pela Editora Landy: Princípio. Segundo Bottmann, na tradução de Duda Machado, o nome do personagem masculino “Dáfnis” [δαφνισ] é traduzido por “Dafne” [δαφνε], que vem a ser um nome feminino. Bottmann supõe que, assim como a sua, essa tradução tenha sido feita de modo indireto.

Sobre o trabalho realizado, Denise Bottmann esclarece que a sua foi uma tradução feita por “interposição de outra língua”. Informa ainda acreditar que esse é um fenômeno que tem diminuído bastante nas traduções, apesar de tal recurso ter sido largamente utilizado no Brasil por várias décadas devido à falta de profissionais de tradução com qualificações em línguas menos usuais. Contudo, com o aprimoramento cultural dos tradutores, ela acredita que essa atividade “tende a desaparecer”. Na opinião da própria Denise Bottmann, a tradução indireta é uma situação que deve ser evitada, sendo a tradução direta o ideal de todo tradutor.

É inegável que Denise Bottmann não teve escolha senão usar uma tradução para produzir outra. A alternativa seria não produzir tradução nenhuma e a tradução aconteceu, mesmo que esse acontecimento tenha ido de encontro ao que é a expectativa mais natural da tradição teórica, ou até mesmo, que contrariasse o que desejam os tradutores, isto é, traduzir diretamente a partir do original.

Essa situação⁶ contraria o cenário teórico tradicional, pois, se para toda tradução deve existir um original, em traduções feitas de forma indireta o original, assim como é concebido pela teorização tradutória, não existe. O lugar do original não é ocupado por um texto a que nomeamos original, mas antes, é ocupado por uma tradução. Situação incômoda a ser evitada a todo custo, como confessa Denise Bottmann. Que propriedade pode assim reivindicar uma tradução que não nasce de um original, que não tem como origem uma fonte considerada legítima? A questão toda gira em torno do que nomeamos original – a origem. Esse é o valor supremo a que tudo mais deve se dobrar, antes e mais que qualquer outra entidade, a tradução. O lugar sagrado e absoluto da origem, do começo.

⁵ As informações sobre o processo de tradução do texto foram obtidas através de correspondência eletrônica diretamente com a tradutora, Denise Bottmann, entre 30/03 e 01/04/2009.

⁶ Não foi nossa intenção analisar em detalhes as razões que levaram a Editora Pontes a optar por produzir uma tradução por interposição.

Como lembra Derrida (1996), o pensamento metafísico não concebe nada sem começo, sem origem e o pensamento metafísico trabalha, essencialmente, na busca de um começo e de um fundamento. Na lógica do pensamento metafísico, como explica Derrida, tudo se apoia numa oposição: a presença garantida de um lado e a ausência indesejada de outro.

Ao organizar-se dessa forma – o mundo, as coisas e o pensamento, parece natural que tudo se divida entre secundário e primário, simples e complexo, verdadeiro e falso, essencial e contingente, significante e significado, original e tradução. Qualquer desordem nessa lógica, por exemplo, afirmar a falsidade do verdadeiro, a simplicidade do complexo, o significado como significante ou a originalidade da tradução, desorganiza a própria possibilidade de pensar. É preciso manter a ordem, e antes de tudo, a origem. A origem que vai dar legitimidade ao que dela depende e nasce. Mesmo que ela sobreviva na forma de sentimento de um certo paraíso perdido. Entretanto, o próprio Derrida garante, mesmo na ausência da origem,

é necessário começar em algum lugar, mas não existe um começo absolutamente justificado. Não se pode, devido a razões essenciais que deveremos explicar, retornar a um ponto de partida a partir do qual todo o resto poderia se construir conforme uma ordem das razões nem segundo uma evolução individual ou histórica. Quando muito, podemos dar uma justificativa estratégica para essa medida (DERRIDA, 1996, p.19).

Na lógica metafísica, em que a presença se opõe a uma ausência, devemos supor que a primeira representa o absoluto, o inteiro, ou como afirmamos acima: o primário, o simples, o verdadeiro, o essencial. Não se poderia esperar nada diferente do original: entidade bastante para si mesmo. O original, na lógica metafísica, é completo e primário. Mas o que dizer, então da demanda de tradução que se cola a todo original? Como sustentar, associada ao original, essa ideia de completude no momento em que ele demanda uma tradução? Como lembra Derrida (*idem*), na estrutura do original já está uma demanda de tradução.

Nada é mais grave que uma tradução. Eu gostaria preferencialmente de marcar que todo tradutor está em posição de falar da tradução, em um lugar que não é nada menos que segundo ou secundário. Pois se a estrutura do original é marcada pela exigência de ser traduzido, é que, fazendo disso a lei, o original começa por endividar-se também em relação ao tradutor. O original é o primeiro devedor, o primeiro demandador, ele começa por faltar-se e por lastimar após a tradução (p. 40)

Eis aí o momento em que a origem fratura: na demanda de tradução constitutiva do original. Se na ideia mesmo de original existe latente a necessidade da tradução – porque se o original fosse bastante por si mesmo, ele não necessitaria jamais de qualquer tradução – é que a ideia de começo absoluto e completo não existe. Não se pode retornar a um começo essencial. A noção de original completo, unitário, fechado em si mesmo e a tradução como derivada, secundária e complementar é puramente uma estratégia. Como justifica Derrida (idem), a noção de original se sustenta sobre a necessidade de instituir um começo. “É necessário começar em algum lugar” (p.19).

É preciso dizer onde começar. Estrategicamente, é necessário arbitrar onde é a origem. Ou, como nos interessa aqui, é preciso arbitrar a origem e instituir o original. Qualquer original é original por mero gesto político. Ou existe uma forma de garantir a originalidade mesmo do texto de Longo? Dito de outro modo, quem ou o quê pode garantir que o texto de Longo é original? Vimos acima que nem mesmo a origem autoral de Longo está acima de qualquer questionamento. Estrategicamente, o mesmo gesto que institui o texto grego como original e Longo como seu autor, pode atribuir ao texto traduzido por Pierre Grimal a condição de original, em face de uma tradução que foi produzida a partir dele.

Ao se deixar traduzir, a tradução de Grimal torna-se, ela mesma, um original. Uma origem arbitrada, como é toda origem. Nesse sentido, o conceito de original na pureza que lhe atribui o pensamento metafísico estaria então sob rasura. O conceito de origem, inserido na lógica da presença absoluta a si, é impensável. Não é o caso de apagar completamente o conceito de origem, ou de original, negando sua existência. O gesto é de rasurar o conceito de original absoluto, colocando sob suspeição a lógica da identidade. É um gesto, também político, de rasurar o conceito, não para propor um conceito novo, nem para desmerecer o original assim instituído, mas apenas para colocar sob suspeita a pureza de um conceito que conhecemos como original.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROJO, R. **Oficina de Tradução**: a teoria na prática. São Paulo: Ática, 1986.

BASSNETT-Mc GUIRE, S. **Translation Studies**. London and New York: Methuen & Co., 1978.

BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. Em HEIDERMANN, W. **Clássicos da teoria da tradução**. Antologia bilíngüe: alemão-português. Florianópolis: NUT/UFSC, 2001: (211-2).

BENNINGTON, G. **Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

CAMPOS, G. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CATFORD, J. C. **Uma teoria lingüística da tradução**: ensaio da lingüística aplicada. Campinas (SP): PUC; Cultrix, 1980.

DERRIDA, J. **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte (MG): UFMG, 1998.

LONGO. **Dáfnis e Cloé**. Tradução de Denise Bottmann. Campinas (SP): Pontes, 1990.

LONGUS, La pastorale de Daphnis et Chloé, In: **Romans grecs et latins**. Traduit par Pierre Grimal. Bibliothèque de la Pléiade, 1958.

MOUNIN, G. Os problemas teóricos da tradução. Tradução de Heloysa de Lima Dantas de **Les problèmes théoriques de La traduction**, Paris 1963. São Paulo: Cultrix, 1975.

TYTLER, A. F. **Essay on the principles of translation**. London: J.M. Dent & Sons, 1907.

Edgar Allan Poe em português: os limites entre tradução e adaptação

Élida Paulina Ferreira*
Karin Hallana Santos Silva^o

Resumo: Nesse artigo discutimos os limites entre tradução e adaptação, tomando o contexto de publicação de duas traduções para o português da obra *Tales of the Grotesque and Arabesque*, de Edgar Allan Poe. Tratou-se do estudo da publicação de *Histórias Extraordinárias* (1978; 2003) com tradução de Breno Silveira e de tradução e adaptação, com o mesmo título, de Clarice Lispector. Observamos que o conjunto de contos da obra original diferiu do conteúdo dos volumes produzidos em português, o qual apresenta título bem diverso do original. Por meio de uma análise comparativa, envolvendo o original e as duas traduções, investigamos o que nesse contexto foi considerado o original. Além disso, um dos volumes em português já se coloca como adaptação, o que, do ponto de vista investigativo levantou outra questão a ser estudada: se a própria tradução não reproduz o original, então qual seria o limite entre tradução e adaptação? Procuramos responder a essa questão tomando a ideia de que todo texto traduzido já é uma reescrita e transforma o original (Lefevere 1992, Amorim 2006). A reflexão sobre o limite entre tradução e adaptação na contemporaneidade traz para o debate o questionamento sobre o próprio conceito de original e de tradução (Paz 1990; Derrida 1982, Ferreira 2006 e 2007) e sobre os condicionantes da constituição de imagens nas culturas alvo (Rodrigues 2001, Amorim 2006); conceitos em que nos concentramos para responder a questão aqui proposta.

Palavras-chave: Tradução; Adaptação; Tradução Literária; Edgar Allan Poe.

Abstract: This paper approaches the alleged limits between translation and adaptation, taking into consideration the publishing conditions of two translations into Portuguese of the great work, *Tales of the Grotesque and Arabesque*, by Edgar Allan Poe. The publication of *Histórias Extraordinárias* (1978; 2003) translated by Breno Silveira and the translation and adaptation with the same title published by Clarice Lispector were investigated. It was noted that the tales that compound the original work were different in both translations and adaptation into Portuguese, starting by the title itself. A comparative analysis of the works mentioned above was carried out in order to discuss what is translation and its differences from what is called adaptation. The question which emerged was: if the translation itself does not reproduce the original as such, so what would be the limit, the difference, between translation and adaptation? This investigation was based on the concept of translation as a rewriting (Lefevere, 1992, Amorim 2006) due to the fact that the process of writing implies transformation (Derrida, 1982). It is at stake a proposal of questioning the traditional concept of translation and adaptation, bringing new light towards contemporary theory of translation (Paz 1990; Derrida 1982, Ferreira 2006 e 2007), and cultural representations associated (Rodrigues, 2001, Amorim, 2006) to language and translation.

Keywords: Translation; Adaptation; Edgar Poe; Theory of Translation.

* Professora adjunta da Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA.
^o Mestranda em Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Introdução

Em 1840, Edgar Allan Poe publica na Filadélfia uma série de 25 contos sob o título de “Tales of the Grotesque and Arabesque”. Dividido em dois volumes, o primeiro livro apresenta os contos: “Morella”, “Lionizing”, “William Wilson”, “The Man that was Used up”, “The Fall of the House of Usher”, “The Duc de L’Omelette”, “Ms. Found in a Bottle”, “Bon-Bon”, “Shadow”, “The Devil in the Belfry”, “Ligeia”, “King Pest”, “The Signora Zenobia” e “The Scythe of Time”. No segundo volume estão presentes os contos: “Epimanes”, “Hans Phaal”, “A Tale of Jerusalem”, “Von Jung”, “Loss of Breath”, “Metzengerstein”, “Berenice”. “Why the Little Frenchman” Wears his Hand in a Sling”, “The Visionary” e “The Conversation of Erios and Charmion”. Alguns contos tiveram seus títulos alterados como é o caso de “The Bargain Lost” (título original de “Bon-Bom”), “A Decided Loss” (título original de “Loss of Breath”), “Life in Death” (título original de “The Oval Portrait”).

A publicação de “Tales of the Grotesque and Arabesque” no Brasil, que, em português foi traduzido como “Histórias Extraordinárias”, apresenta algumas peculiaridades que mereceram atenção neste estudo.

Como referido anteriormente, na publicação da Ediouro anuncia-se, na capa do livro “Tradução e Adaptação de Clarice Lispector” e, na página interna, no quadro de dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) da Câmara Brasileira do Livro, há a informação de que a obra “contém os textos dos 18 contos de Edgar Allan Poe, selecionados e reescritos por Clarice Lispector”. Na tradução publicada pela Abril Cultural lê-se na folha de rosto que a obra está catalogada no CIP- Brasil como “Histórias Extraordinárias” com tradução de Breno Silveira e outros; na página seguinte informa-se que o título original da obra é “Tales of the Grotesque and Arabesque”.

O que chama atenção nas duas traduções brasileiras é: 1) A quantidade de volumes. Enquanto o original é composto por dois volumes, as traduções nacionais apresentam apenas um. 2) A quantidade de contos. Se no original são publicados 25 contos, na tradução de Breno Silveira eles somam 16 e na tradução e adaptação de Clarice Lispector são 18. 3) Nem todos os contos presentes no original aparecem nas traduções. A publicação de Breno Silveira tem em comum com o original seis dos 16 contos publicados e a de Clarice Lispector 8 contos dos 18 publicados. 4) Alguns contos

presentes nas traduções não estão no original. Eles somam 10 na tradução de Breno Silveira e Lispector, respectivamente.

Com relação aos aspectos editoriais pode-se destacar duas considerações preliminares: na capa da tradução e adaptação de Clarice Lispector há uma informação sinalizando que a publicação é voltada para o jovem leitor, o que poderia justificar as modificações realizadas pela tradutora com o objetivo de atingir o público-alvo. Na tradução de Breno Silveira não há qualquer sinalização indicando o público específico.

Os limites entre Tradução e Adaptação

Tradicionalmente, o conceito de tradução está intimamente ligado à ideia de fidelidade a um original. E dessa perspectiva, a tradução deve tornar-se a sua imagem e semelhança no contexto de destino.

Seguindo esta tradição, Roman Jakobson, no ensaio *Aspectos Lingüísticos da Tradução* (1959) concebe três tipos de tradução. A tradução Intralingual que interpreta os signos de uma mesma língua. Em seguida, vem a tradução Interlingual ou tradução propriamente dita que interpreta os signos verbais por meio de uma outra língua. E por fim, a tradução Inter-semiótica que interpreta os signos verbais por meio de um sistema de signos não-verbais. Segundo ele, ligado a uma tradição linguística estrutural, “a equivalência na diferença é o problema principal da linguagem é a principal preocupação da Linguística”. Ou seja, o foco da preocupação se concentra em reproduzir mensagens de uma língua para outra de forma equivalente: duas mensagens equivalentes em dois códigos distintos. A tarefa do tradutor é apenas adequar os conteúdos semânticos e as estruturas sintáticas do original na língua de chegada possibilitando o contato do leitor sem interferências, um contato direto com o original. Entretanto, no mesmo texto, Jakobson sinaliza que não há sinonímia completa no interior de uma mesma língua. Então, cabe o seguinte questionamento: Se não há sinonímia perfeita no interior da própria língua, como pensar a equivalência de sentidos e mesmo a sinonímia na passagem de uma língua para outra na tradução?

Partindo da ideia de impossibilidade de sinonímia plena em Jakobson, afastando-nos da sua visão estruturalista da tradução, buscamos responder a esta questão a partir do que Derrida discute sobre a tradução e a tarefa do tradutor. Em *Des Tours de Babel*, Derrida (2006) redimensiona o conceito de tradução e chama atenção para as relações

assimétricas entre os povos e as línguas, uma vez que no mito de Babel Deus condena a tribo dos Shem à tradução – necessária e impossível – por quererem construir uma torre que chegasse ao céu e através dela impor sua língua a todas as tribos, tornando-a universal. Segundo o autor (2006, p. 25):

Quando Deus lhes impõe e opõe seu nome, ele rompe a transparência racional, mas interrompe também a violência colonial e o imperialismo lingüístico. Ele os destina à tradução, ele os sujeita à tradução necessária e impossível; por conseguinte, do seu nome próprio traduzível-intraduzível, ele libera uma razão universal (esta não será mais submetida ao império de uma nação particular), mas ele limita por isso a universalidade mesma: transparência proibida, univocidade impossível. A tradução torna-se a lei, o dever e a dívida, mas dívida que não se pode mais quitar.

Para Derrida, a tradução liga-se necessariamente à impossibilidade de transparência e univocidade, legando ao tradutor uma tarefa necessária e impossível de reprodução do mesmo no embate com as línguas envolvidas na tradução. Nessa perspectiva da reprodução impossível na tradução, como então pensar a especificidade entre tradução e adaptação?

O conceito de adaptação, na perspectiva tradicional, está ligado à ideia de “manipulação” ou mesmo “simplificação” do original para melhor adequação ao leitor na cultura de chegada. Amorim (2005) afirma que “a prática de adaptação é geralmente marginalizada sob o argumento de que estaria relacionada a leituras que ocasionariam certa agressão à ‘integridade’ dos textos originais e que, portanto, deveriam ser consideradas uma prática distinta da tradução” (p.40). Ou seja, os argumentos que sustentam a diferença entre as duas práticas se encontrariam em modificações realizadas nas adaptações que de modo algum deveriam aparecer na tradução, tais como: omissão ou acréscimo de trechos, supressão de personagens, alterações na ordem frasal, omissão de poemas ou canções, etc. Mas nem mesmo a tradução permite a reprodução do mesmo.

Diante dessa questão teórica importante, trazemos para estudo a comparação entre trechos das obras referidas na introdução deste artigo. Propomos iniciar nossa comparação pelo próprio título do texto em inglês:

Tales of the Grotesque and Arabesque

O que poderia ser traduzido literalmente como *Histórias do Grotesco e do Arabesco* passa a ser traduzido como *Histórias Extraordinárias*, tanto na tradução de Breno Silveira como na adaptação de Clarice Lispector. Esse deslocamento, em certa medida, dá conta de antecipar para os leitores da cultura de chegada algo que está implícito no título original ou até mesmo para suavizar o significado de grotesco o que poderia afastar leitores mais conservadores. Há ainda outro aspecto curioso na reescrita do título em português. A primeira tradução da obra de Edgar Allan Poe em língua estrangeira foi feita por Baudelaire com o título de *Histoire Extraordinaire*, o que pode ter influenciado as traduções no Brasil.

Tradicionalmente, outro argumento que sustenta a diferença entre tradução e adaptação são as omissões de trechos. Na adaptação essa prática é aceita como legítima, na tradução ela é recusada, pois fere o princípio de fidelidade. Quais são os motivos que levam um tradutor a omitir um trecho? Quais os efeitos que essa omissão provoca na narrativa? Na adaptação, uma explicação plausível para a omissão de trechos por parte do tradutor é a adaptação à cultura ou público-alvo da língua de chegada. Com uma publicação voltada para o público jovem, Lispector não faz referência, por exemplo, aos deuses mitológicos que aparecem no conto Os Dentes de Berenice (Berenice). Isto é perfeitamente aceito em uma adaptação.

Mas será que omissões aparecem em traduções? Na pesquisa, constatamos que o seguinte trecho não consta na tradução de Breno Silveira:

Metzengerstein

Poe: “Indeed, at era of this history, it was observed by an old crone of haggard and sinister appearance, that ‘fire and water might sooner mingle than a Berlifzing clasp the hand of a Metzengerstein” (p.152, vol. II)

Aparentemente, essa omissão pode não afetar em nada o andamento do conto. No entanto, tratando-se de Edgar Allan Poe, tudo em sua narrativa é cuidadosamente utilizado para criar uma atmosfera de suspense e mistério. A supressão desse fragmento quebra essa atmosfera, porque diminui o impacto da profecia que previa a supremacia da família Metzengerstein sobre a família Berlifzing. Essa omissão interfere na narrativa criando outro texto em português.

O trecho seguinte também não consta na tradução de Silveira:

Poe: “The beautiful Lady Mary! How could she die? – and of consumption! But it is a path I have prayed to follow. I would wish all I love to perish of that gentle disease. How glorious! To depart in the heyday of the blood - the heart all passion – the imagination all fire – amid the remembrances of happier days – in the fall of the year – and so be buried up forever in the gorgeous autumnal leaves!

Thus died the Lady Mary. The Young Baron Frederick stood without a living relative by the coffin of his mother. He placed his hand upon her placid forehead. No shudder came over his delicate frame – no sigh from his flinty bosom. Heartless, self-willed and impetuous from his childhood, He had reached the age of which I speak through a career of unfeeling, wanton, and reckless dissipation; and a barrier had a long since arisen in the channel of all holy thoughts and gentle recollections” (p. 153-4, vol. II)

No decorrer do fragmento percebemos que a morte da mãe da personagem Baron Frederick causou grande impacto em sua vida e em seu caráter. Tal transformação faz parte de uma compreensão de um contexto maior que desembocará nas atitudes da personagem ao longo da narrativa e que não consta na tradução de Breno Silveira, nem na adaptação de Lispector.

O fragmento suprimido presente no exemplo abaixo guarda algumas peculiaridades que merecem atenção:

Metzengerstein

Poe: “Frederick was, at the time, in his fifteenth year. In a city fifteen years are no long period – a child may be still a child in his third lustrum: but in a wilderness – in so magnificent a wilderness as that old principality, fifteen years have a far deeper meaning” (grifo nosso) (p. 153, vol. II)

Silveira: “Frederick contava, a essa altura, dezoito anos. Numa cidade, dezoito anos não são muito tempo; mas na solidão – numa solidão

tão magnífica como a daquele velho principado – o pêndulo vibra com um significado mais profundo” (grifo nosso) (p. 236-7)

Lispector: Frederick contava, a essa altura, dezoito anos. Numa cidade grande, esta idade não quer dizer nada. Mas na solidão – numa solidão tão grande como a daquele velho lugar – isto significava muito “(grifo nosso) (p. 118)

É interessante observar que tanto Silveria quanto Lispector alteram a idade da personagem de quinze anos para dezoito. Essa alteração pode ser explicada por uma contextualização com a cultura de chegada. No Brasil, a maioridade só pode ser alcançada aos dezoito anos. Mesmo em caso de morte dos pais, os herdeiros só podem tomar posse da herança nessa idade. Para trazer para o contexto brasileiro uma situação que acontece em uma realidade diferente, os tradutores optam por atribuir ao personagem dezoito anos e suprimir o fragmento “child may be still a child in his third lustrum” que ilustra Frederick como uma criança. Essa contextualização, no entanto, implica uma interpretação distinta do original no que concerne à visão que se tem da personagem, uma vez que com quinze anos ele é considerado uma criança e explicaria suas atitudes diante da perda dos pais. Sendo um adulto o fragmento perde todo o sentido em português.

Nesse aspecto, no estudo, observamos uma prática comum realizada tanto na tradução e na então chamada adaptação, o que problematiza a divisão estanque entre adaptação e tradução como apresentada anteriormente.

Nesse âmbito, além de omissões também observamos acréscimos de trechos. Quando o tradutor opta por acrescentar algo à tradução que não consta no original, ele amplia de forma a trazer mais elementos interpretativos, interferindo na recepção do texto e, eventualmente, criando uma imagem diferente desse texto na língua de chegada. Vejamos os exemplos:

Berenice

Poe: “I held them in every light – I turned them in every attitude. I surveyed their characteristics – I dwelt upon their peculiarities – I pondered

upon their conformation – I mused upon the alteration in their nature – and shuddered as I assigned to them in imagination a sensitive power, and even when unassisted by the lips, a capability of moral expression. Of Mad'selle Sallé it has been said, 'que tous ses pas etaient des sentiments', and of Berenice I more seriously believed que tous ses dents etaient des idées. (p.176-7, vol. II)

Silveira: “Via-os sob todos os aspectos; revolvia-os em todos os sentidos; estudava suas características. Refletia longamente sobre suas peculiaridades. Meditava sobre sua conformação. Cogitava acerca de sua natureza. Estremecia ao atribuir-lhes, em minha imaginação, uma faculdade de sensação e de sensibilidade e, mesmo quando não ajudados pelos lábios, uma capacidade de expressão moral. De Mademoiselle Sallé foi dito – aliás muito bem – que ‘tous ses pás étaient des sentiments’, e, de Berenice, eu acreditava ainda mais seriamente que toutes ses dents étaient des idées! Des idées!- ah! Aqui estava o pensamento idiota que me destruiu! Des idées! – Ah era por isso que eu os cobiçava tão loucamente! Sentia que somente a posse deles poderia restituir-me a paz, fazendo-me recobrar a razão.” (p. 62)

Lispector: “Via-os sob todos os aspectos. Nada mais teve interesse para mim. Era a essência de minha vida espiritual. E na minha cabeça veio o pensamento louco: as ideias de Berenice estavam em seus dentes. Sim, as ideias! Era por isso, então que eu os cobiçava tão loucamente! Eu queria, sempre quis, ter ideias, como os outros. E me pareceu, dali por diante, que só os dentes, a posse dos dentes de Berenice poderia me restituir a paz. Poderia me fazer recobrar a razão” . (p. 72)

Em nossa investigação, fica em suspenso o entendimento acerca da semelhança proposta tanto por Silveira, quanto por Lispector. Mas o que se observa é que Lispector traduz o texto em francês e que Silveira repete o texto em francês e acrescenta um comentário interpretativo. Ambos os tradutores dão uma dinâmica diferenciada à narrativa.

Outro aspecto relevante que problematiza a divisão estanque da tradução sobre a adaptação são os desmembramentos e condensações de parágrafos realizadas pelos tradutores. Na tradução de Silveira e Xavier e na adaptação de Lispector não é difícil encontrar esses recursos, como é o caso do conto William Wilson:

William Wilson

Poe: “I invited a small party of the most dissolute students to a secret carousal in my chambers. We met a late hour of the night; for our debaucheries were to be faithfully protracted until morning” (p.44, vol.I)

Xavier/Silveira: “convidei um grupo de estudantes, dos mais dissolutos, para uma orgia secreta em meu quarto.

Reunimo-nos a uma hora avançada da noite, porque a nossa orgia devia prolongar-se religiosamente até a manhã.” (p. 97)

Poe: “‘Follow me, or I stab you where you stand’ - and I broke my way from the ballroom into a small antechamber adjoining, dragging him unresistingly with me as I went” (p. 56, vol. I)

Xavier/Silveira: “Segue-me, ou apunhalo-te aí onde estás”!

E abri caminho, do salão de baile, para uma pequena antecâmara vizinha, arrastando-o irresistivelmente comigo” (p. 106)

Em Lispector um exemplo de condensação de parágrafo:

Lispector: “É melhor que, por enquanto, eu me chame William Wilson. Não quero envergonhar mais a minha família com os horrores que cometi com o meu verdadeiro nome, que já foi objeto de desprezo e abominação. E com muita razão. De fato, tenho feito muitas. E nesses últimos anos, então, não gosto nem de lembrar. Mas eu vou lhes contar, para que vejamos como, em pouco tempo, um homem acaba na miséria, no crime, nas maiores baixezas. Os outros homens tornam-se vis pouco a pouco. Mas de mim, só num instante, o caráter se desprende como uma capa. Fui perverso, escravo de todas as tendências más. Deixei-me levar pelos mais extravagantes caprichos e as mais indomáveis paixões.” (p. 86)

Poe: “Let me call myself, for the present, William Wilson. The fair Page now lying before me need not be sullied with my real appellation. This has been already too much an object for me scorn – for the horror – for the detestation of my race. To the uttermost regions of the globe have not the indignant winds brided its unparalleled infamy? Oh, outcast of all outcasts most abandoned! – to the earth art thou not for ever dead? To its honors, to its flowers, to its golden aspirations? - and a cloud, dense, dismal, and limitless, does not hang eternally between thy hopes and heaven?

I would not, if I could, here or to-day, embody a Record of my later years of unspeakable misery, and unpardonable crime. This epoch – these later years – took unto themselves a sudden elevation in turpitude, whose origin alone it is my present purpose to assign. Men usually grow base by degrees. From me, in an instant, all virtue dropped bodily as a mantle. From comparatively trivial wickedness I passed, with the stride of a giant, into more than the enormities of an Elah-Gabalus. What chance – what one event brought this evil thing to pass, bear with me while I relate.” (p.27-8, vol.I)

Exemplo de condensação de parágrafo em Xavier/Silveira:

Xavier/Silveira: “vim a rivalizar em prodigalidade com os mais orgulhosos herdeiros dos mais ricos condados da Grã-Bretanha. Estimulado ao vício por semelhantes meios, minha natureza explodiu em breve com um duplo ardor

e na louca embriaguez de minhas devassidões calquei aos pés os vulgares entraves da decência” (p.99)

Poe: “to vie in profuseness of expenditure with the haughtiest heirs of the wealthiest earldoms in Great Britain.

Excited by such appliances to vice, my constitutional temperament broke forth with redoubled ardor, and I spurned even the common restraints of decency in the mad infatuation of my revels” (p. 46, vol. I)

Quando Lispector ou Xavier optam por condensar ou desmembrar um parágrafo estão interpretando o original. Observamos que na narrativa a condensação do parágrafo exprime uma ideia em um único parágrafo que viria em dois períodos conectando ideias que não haviam sido previstas no original. O desmembramento, por sua vez, rompe com um determinado andamento da narrativa que vinha sendo construída ao longo do parágrafo. A partir desses fragmentos, percebemos que tanto Lispector, quanto Xavier impõem seu ritmo de leitura e terminam por oferecer uma leitura diferente do original na cultura de chegada.

Outros trechos, embora pouco relevantes para problematizar a diferenciação estanque entre tradução e adaptação, demonstraram que alguns recursos utilizados por Silveira e Xavier são muito recorrentes em sua prática tradutória.

Um aspecto que merece atenção é a sintaxe:

Poe: “To the uttermost regions of the globe have not the indignant winds bruted its unparalleled infamy?” (p.27, vol. I)

Xavier/Silveira: “Os ventos indignados não têm divulgado, até nas mais longínquas regiões do globo, a sua incomparável infâmia?” (p.85)

Poe: “In the manner of my friend I was at once struck with an incoherence – an inconsistency” (p. 82, Vol.I)

Silveira: “Chocou-me logo certa incoerência – certa contradição, nas maneiras do meu amigo”.

Observamos nas traduções para o português uma tendência a tornar a estrutura da frase a mais direta possível, enquanto Poe traz um fraseado mais fragmentado.

Destacamos também a utilização do recurso de ênfase ora suprimido, ora acrescentado, ora deslocado na frase:

Message found in a bottle

Poe: “I went as passenger” (p.182, vol. I)

Silveira: “Embarquei como simples passageiro” . (p. 70)

Poe: “My notice was soon afterwards attracted by the dusky-red appearance of the moon, and the peculiar character of the sea. The later was undergoing a rapid change, and the water seemed more than usually transparent. Although I could distinctly see the bottom, yet, heaving the lead. I found the ship in fifteen fathoms. The air now became intolerably hot, and was loaded with spiral exhalations similar to those arising from heated iron”. (p.113, vol. I)

Silveira: “Logo depois, chamaram-me a atenção o aspecto avermelhado da Lua e o estranho caráter do mar. Operava-se, neste, uma rápida mudança, e a água parecia mais transparente do que de costume. Podia ver claramente o fundo; não obstante, ao lançar a sonda verifiquei que havia quinze braças de profundidade. O ar tornou-se intoleravelmente quente, saturando-se de exalações às que se erguem, em espirais, dos metais incandescentes”. (p. 70-1)

Poe: “Stunned by the shock of the water” (p. 114, vol. I)

Silveira: “Aturdido pelo violento impacto da água” (p.71)

No primeiro exemplo observamos que a ênfase que Silveira dá pela inclusão da palavra “simples”, que não aparece em inglês. Essa é a leitura do tradutor, que passa a ser também a do leitor.

No segundo exemplo, o destaque é o advérbio now que foi excluído na tradução. Aparentemente a omissão de um pequeno advérbio dentro de um contexto maior não causa grande impacto sobre o leitor. Entretanto, ao observarmos com mais atenção percebemos que o advérbio enfatiza o tempo e a sucessão dos acontecimentos. Os eventos não acontecem todos ao mesmo tempo. Só depois que a personagem vê a profundidade da água é que percebe que o ar torna-se quente.

No terceiro exemplo, Silveira atribui ao impacto da água o adjetivo violento, interpretando para o leitor a sua visão do texto de Poe.

A marca da conjunção although, ausente na tradução nos exemplos abaixo, provoca um entendimento diferente do texto original:

Poe: “My notice was soon afterwards attracted by the dusky-red appearance of the moon, and the peculiar character of the sea. The later was undergoing a rapid change, and the water seemed more than usually transparent. Although I could distinctly see the bottom”. (p. 113, vol. I)

Silveira: “Logo depois, chamaram-me a atenção o aspecto avermelhado da Lua e o estranho caráter do mar. Operava-se, neste, uma rápida mudança, e a água parecia mais transparente do que de costume. Podia ver claramente o fundo”. (p. 70)

Poe: “The extreme fury of the beast proved in a great measure, the salvation of the ship. Although completely water-logged, yet, as her masts had gone by the board”. (p.114, vol.I)

Silveira: “A própria violência da rajada contribuiu, em grande parte, parte para salvar o navio. Completamente tomado pelas águas, seus mastros foram arrancados”. (p.71)

A ausência da conjunção although nos fragmentos exemplificados acima não estabelece entre as orações uma relação explícita, deixando a ideia subtendida. Os exemplos mencionados acima demonstram que ao promoverem mudanças de ordem sintática, de ênfase ou na omissão de conjunções, a tradução é um texto diferente do original. Ao olharmos com mais atenção para o texto traduzido percebemos que o tradutor deixa sua marca, ele não é invisível e simplesmente copia o original. A tradução é um texto reescrito (Lefevere, 1992), mas não copiado.

Imagem da obra na língua de chegada

Para o leitor brasileiro, a imagem do original consiste da publicação de Histórias Extraordinárias em único volume em português, cujos contos supostamente reproduzem o original integralmente. A adaptação, por sua vez, seria produto de uma liberdade do tradutor em realizar alterações que ele julgasse necessárias e que, em alguns momentos, não correspondem exatamente ao conteúdo e à forma do original. Ora, ao analisar o

contexto das duas publicações, observamos que ambas apresentam muitas práticas tradutórias em comum, ou seja, opção por publicar a obra em um único volume, diminuir a quantidade de contos com relação ao original e seleção de contos que não estão no original para compor a publicação, para além das próprias alterações textuais que discutimos anteriormente.

Segundo Amorim (2005) “a linguagem – como aquilo que possibilita a formação de imagens e que estabelece relações de sentido entre homens, mulheres e eventos – não é transparente: não é um ‘meio’ de comunicação que deixa inalterada a percepção da realidade” (p.24). Dessa forma, problematiza-se a concepção de imagem enquanto mera reprodução da realidade. Na medida em que interagimos com o mundo mediados pela linguagem jamais entraremos em contato com a realidade última, uma vez que essa realidade só é acessível por intermédio das relações que estabelecemos para que dela possamos falar.

Quando aceitamos a tradução de Breno Silveira como representação/cópia do “original” e a adaptação de Clarice Lispector como uma representação mais livre, que permite a interferência do tradutor, estabelecemos uma hierarquia entre original e tradução. No entanto, o que observamos, no caso estudado, é que tanto a adaptação quanto a tradução criam uma imagem do original.

Cada texto representa uma possibilidade de acesso ao original, utilizando uma estratégia para reescrever o original na língua de chegada. Quando as editoras estabelecem diferenciação estanque entre tradução e adaptação determinam a recepção da obra pelo público leitor e manipulando a imagem que a cultura de chegada tem do original. Como afirma Amorim (2005, p.46)

embora um determinado trabalho apresente-se como “tradução”, certamente promove a recriação de imagens, valores e tendências em relação ao texto original de forma tão decisiva, “transgressora” e, ao mesmo tempo, “aceitável” (para uma determinada sociedade, prática discursiva ou público-alvo) quanto qualquer “adaptação” poderia fazer.

Os dados coletados confirmam o que demonstra Amorin, ou seja, que tanto tradução quanto a adaptação criam uma imagem do original na cultura de chegada. Pode-se acrescentar que isto é mesmo inevitável, uma vez que a linguagem não é transparente e não se entrega à univocidade plena (Derrida, 2006).

A partir da análise comparativa das duas traduções para o português de *Tales of the Grotesque and Arabesque*, observamos que as editoras manipulam tanto a adaptação de Lispector como a tradução de Silveira e que as mesmas circunstâncias que ocorrem na adaptação podem ocorrer em um livro publicado como tradução. Assim, a separação estanque entre adaptação e tradução é desconstruída, na medida em que os critérios utilizados para sustentar essa separação são tênues e utilizados por ambos.

Se tanto a adaptação como a tradução realizam alterações com relação ao original, qual seria o limite entre elas? A questão poderia girar em torno da autoria? Como se sabe, os direitos autorais são negados aos tradutores uma vez que cabe a eles apenas reproduzir o texto original. Aos adaptadores, por possuírem maior liberdade para modificar levando em consideração o público receptor, são concedidos os direitos autorais. Decorre dessa prática realizada pelas editoras a visão de que o ato de traduzir seja apenas reproduzir e o ato de adaptar envolveria modificações que justificam o reconhecimento autoral.

O fato de Clarice Lispector ser uma tradutora de renome a atitude da editora em classificar sua reescritura como tradução e adaptação e publicar seu nome na capa do livro implicariam o seu prestígio como autora e com isso atribuir à obra um status artístico. A não existência de qualquer menção ao nome de Breno Silveira na capa do livro publicado pela editora Abril corrobora a hipótese de que ele simplesmente reproduziu a obra de Poe o que não confere a ele nenhum valor artístico. Dessa forma, à Clarice Lispector seriam pagos os direitos autorais, uma vez que ela, enquanto artista, faz intervenções no texto original. Ao passo que a Breno Silveira não é dado o valor criativo e artístico. Entretanto, a partir dos dados coletados e analisados, observamos que ambos imprimem ao texto traduzido o seu olhar, a sua leitura e interpretação.

O leitor, ao se deparar com as duas reescrituras pode ser influenciado por uma imagem manipulada pelo contexto, necessidades e interesses do contexto editorial (Lefevere 1992). A tradução e adaptação de Clarice Lispector publicada pela Ediouro cria uma imagem editorialmente destinada ao jovem leitor. A tradução de Breno Silveira também cria uma imagem em função da: intervenção do tradutor ao fazer escolha vocabular, interferir na construção sintática, na narrativa ao fazer inclusões e omissões de trechos.

Considerações finais

Podemos afirmar que a divisão estanque entre a tradução e a adaptação não se baseia em critérios intrínsecos. Por trás dessa classificação está, em primeiro lugar, uma visão idealizada da língua. Mas não se deve esquecer dos interesses editoriais, da inevitável interferência do tradutor, evidenciada pela manipulação e processos de reescrita, como já discutimos anteriormente.

Essa visão idealizada pressupõe-se que no interior da cultura em que o original está inserido todos os leitores teriam a mesma compreensão do texto. O que sabemos que não é verdade, uma vez que não são raros os exemplos de divergências ou visões distintas do mesmo texto que presenciamos em nossa língua materna. O próprio original não é idêntico a si mesmo (Derrida apud Ferreira 2006), porque é o leitor, a partir do seu olhar, da sua leitura, do seu repertório e conhecimento de mundo quem produz sentido para o texto. E o tradutor na busca de dizer o mesmo que o original não está distante do texto a ponto de tornar-se invisível na apropriação da língua do outro. Ele é visto no texto quando opta por um vocábulo e não outro, quando leva em consideração as diferenças culturais e faz as alterações necessárias para compreensão do leitor na cultura de chegada, na visão que tem do autor, da obra e da cultura que traduz (Amorim 2006; Rodrigues 2001)

Conseqüentemente, as reescrituras – sejam elas classificadas como tradução ou adaptação - são apenas uma forma de entrar em contato com o original (Amorim 2006). As editoras, ao estabelecerem uma diferença estanque entre tradução e adaptação, constroem uma imagem do original na cultura de chegada em que a tradução representa o original fielmente e a adaptação seria uma representação mais livre ou com interferência do tradutor. No entanto, quando o tradutor é um escritor famoso e prestigiado como Clarice Lispector a adaptação alcança status artístico e se destaca com relação à reescrituras mais “comportadas”. Assim, percebemos que a manipulação editorial ao estabelecer uma diferença entre tradução e adaptação atende interesses mercadológicos e vai além de questões como supressão e acréscimo de fragmentos, desmembramento e condensação de parágrafos, alteração da ordem frasal e fidelidade ao original.

Concluimos com esse estudo que, ainda que a adaptação realize mais modificações na reescrita do original do que a tradução, não há uma unanimidade

teórica que delimite uma quantidade específica que sustente essa diferenciação tão estanque e definitiva. A manipulação editorial dos conceitos de tradução e adaptação presentes na capa ou na folha de rosto de um livro vai além da fidelidade ou não ao original. Envolve questões que vão desde a influência ou prestígio de um escritor famoso na reescrita de uma obra ao objetivo mercadológico da editora.

Há que se pensar a prática tradutória enquanto transformação. Mas não é uma transformação qualquer, uma vez que toda tradução tem a necessidade de dizer o mesmo (Derrida 1985; Ferreira 2006). Diante da impossibilidade de restituir o significado puro e intocável na passagem de uma língua para outra o tradutor, ao apropriar-se da língua do outro, apresenta soluções para os limites linguísticos, pragmáticos, culturais que transformam, reinventam e fazem o chamado original crescer tornando problemática a distinção estanque entre tradução e adaptação.

Referências Bibliográficas

AMORIM, L. M. **Tradução e Adaptação**. Unesp: São Paulo. 2006.

Berenice. Disponível em: www.eapoe.org/works/tales/bernicec.htm. Acesso em 30/03/2011.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução de Júnia Barreto. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2006.

FERREIRA, E. **Tradução e transformação em the devil to pay in the backlands**. Comunicação apresentada no IX Seminário de Linguística Aplicada VI Seminário de Tradução. 2006.

JAKOBSON, Roman. Aspectos Linguísticos da Tradução. In: **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

LEFEVERE, A. **Translation Rewriting and The Manipulation of literary fame**. London and New York: Routledge 1992.

LEFEVERE, André (org.). Translation: its genealogy *in the West*. In: **Translation, history and culture**. London and New York: Pinter, 1992.

POE, E. A. **Tales of the Grotesque and Arabesque**. Vol. I and II. 1840. Disponível em: <http://docsouth.unc.edu/southlit/1840poe1/menu.html>
<http://docsouth.unc.edu/southlit/1840poe2/menu.html>. Acesso em: 30/03/2011.

_____. **Histórias Extraordinárias**. Tradução de Brenno Silveira e outros. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **Histórias Extraordinárias de Allan Poe**. Tradução e Adaptação de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

Metzengerstein. Disponível em: <http://www.eapoe.org/works/tales/metznngnd.htm>. Acesso em: 30/03/2011.

PAZ, O. **Traducción, literatura y literalidad**. Barcelona: Tuquets, 1990.

RODRIGUES, C. C. Ecos de Babel. In: **Estudos Lingüísticos XXXV**, p. 60-65, 2006.

_____. A distinção entre adaptação e tradução relativizada: questões de poder e apropriação. In: **Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação**, 2001.

WESTPHALEN, Flávia et al. Os tradutores de *Alice* e seus propósitos. In: **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: NUT, 2001, v. 2, n. 8, p. 121-144.

Questionando a funcionalidade das traduções do Chico Bento para o inglês

Elisângela Liberatti*
Michelle de Abreu Aio^o

Resumo: As Histórias em Quadrinhos (HQs) de Chico Bento, da autoria de Maurício de Souza, representam o suposto típico caipira brasileiro, sendo que as figuras e as falas dos personagens são uma tentativa de representação do cenário caipira dessas histórias. As HQs de Maurício de Souza são traduzidas para 50 idiomas diferentes e publicadas em mais de 120 países, mas, quando se trata de HQs do Chico Bento, o panorama é outro: existem apenas três traduções publicadas em língua inglesa, talvez pelo fato de o texto do Chico Bento ser carregado de variações linguísticas do português brasileiro não padrão e apresentar fatores culturalmente marcados. Dentro desse contexto, o presente artigo propõe uma análise funcionalista de alguns quadros de três HQs do Chico Bento traduzidos para o inglês, à luz da proposta de Nord (1991), cujos resultados destacam os fatores culturais presentes nas escolhas tradutórias.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos; Chico Bento; Tradução; Variação Linguística; Funcionalismo Nordiano.

ABSTRACT: Chuck Billy's comics, written by Maurício de Souza, represent the supposed typical Brazilian hillbilly, and the figures of the characters and their lines are an attempt to represent the hillbilly scenery of these stories. The comics written by Maurício de Souza are translated into 50 different languages and published in over 120 countries, but when it comes to Chuck Billy's comics, the picture is different: there are only three published translations in English, perhaps because Chuck Billy's text carries variations of the non-standard Brazilian Portuguese language and presents culturally marked factors. Within this context, this paper proposes a functionalist analysis of some pictures of three Chuck Billy's comics translated into English, in the light of Nord's theory (1991), in order to examine whether the translation choices are relevant to the purpose they were assigned.

Keywords: Comics; Chuck Billy; Translation; Language Variation; Nordan Functionalism.

Introdução

Durante parte do século XX, os quadrinhos norte-americanos foram os mais traduzidos pelo mundo, com publicações na Europa, na América do Sul e na Ásia. Traduções são essenciais para possibilitar a difusão de textos e cultura entre países de línguas distintas, e isso não é diferente em relação às histórias em quadrinhos (HQs), que também constituem um texto, composto pelas modalidades verbal e não verbal. De

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

^o Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

acordo com Lopes (2006, grifo nosso), “História em quadrinhos [...] é uma forma de arte que *conjuga texto e imagens* com o objetivo de narrar histórias dos mais variados gêneros e estilos”. Eisner (1999, p. 5,) aponta que “Os quadrinhos são uma antiga forma artística que está inserida na recente disciplina da Arte Sequencial, que aborda a narração ou a dramatização de ideias através da disposição de imagens ou figuras, e palavras”.

A proposta deste artigo é realizar uma análise de HQs do Chico Bento traduzidas para o inglês, com base na teoria funcionalista de Christiane Nord (1991), a fim de identificarmos a pertinência das escolhas tradutórias no processo de translação do texto para uma cultura alheia à contextualização cultural trazida pelo universo de Chico Bento – no caso, o texto-fonte, doravante TF, está inserido na cultura brasileira e o texto-alvo, doravante TA, tem como contexto de recepção a cultura estadunidense.

A turma do Chico Bento e o português não padrão

A Turma do Chico Bento foi criada em 1961 pelo cartunista Maurício de Souza. Os primeiros personagens a aparecerem nessas HQs foram Hiro e Zé da Roça. Chico foi criado em 1963, surgindo como personagem secundário no “Diário da Noite”, que circulava em São Paulo, na década de 60. Em seguida, Chico ganhou espaço nas páginas de um suplemento semanal de quadrinhos, no “Diário de São Paulo”. Ali, estreou como personagem principal, em cores. Em agosto de 1982, o personagem ganhou sua própria revista.

Os quadrinhos do Chico Bento contam a história de uma turma de moradores caipiras da fictícia Vila Abobrinha, cenário que retrata a rotina e os costumes de uma típica cidade do interior de São Paulo. Segundo Maurício de Souza, Chico Bento (e sua turma) representam o caipira brasileiro, como afirma no seguinte trecho: “Chico é uma *montagem de características que vi e vivi* na minha infância, nas cidades de Mogi das Cruzes e Santa Isabel. Bem na área do Vale do Paraíba. [...] Chico Bento é [...] um tio-avô meu, *roceiro* da região do Taboão [...]” (SOUZA, 2002. Grifos nossos.).

Dentro desse contexto, a fim de retratar o universo rural das HQs do Chico Bento, os criadores da turma fazem uso de elementos linguísticos e extralinguísticos: no âmbito extralinguístico, tem-se o texto não verbal, ou seja, as imagens, que retratam um mundo caipira, rural. Já no âmbito linguístico, tem-se o texto verbal – o fato de as falas

dos personagens tentarem representar uma variante não padrão da língua portuguesa do Brasil. Para a tradução de HQs, ambos os fatores devem ser levados em conta: o texto verbal e o texto não verbal, como afirma Celotti (*in* ZANETTIN et. al, 2008, p. 33¹): “Quadrinhos são um espaço narrativo em que imagens e palavras carregam significado e juntamente criam a história, com o tradutor ‘lendo’ o significado dos elementos pictóricos e suas diferentes relações com as mensagens verbais [...]”². Mais adiante, alguns exemplos serão dados quanto à análise da relação entre texto verbal e texto não verbal nas traduções do Chico Bento.

Quanto ao âmbito linguístico, para denominar a fala não padrão presente nas HQs do Chico Bento, nos embasamos no termo sugerido por Bagno (2011a): *pseudodialecto caipira*. Segundo Bagno (2011. Grifo nosso),

A "fala" do Chico Bento não corresponde a nenhuma entidade sociolinguística real: ela é, de fato, uma tentativa de representação, nem uma representação propriamente dita ela é. Não cabe chamar de "dialecto caipira" porque só podemos usar a palavra "dialecto" quando se trata de uma *fala autêntica*. Além disso, grande parte do suposto "caipira" do Chico Bento é mera representação ortográfica de traços fonéticos característicos de todos os brasileiros, ou pelo menos da maioria deles. Por exemplo, escrever “di” a preposição "de", [utilizar] “nóis” [ao invés de] "nós", etc. E [...] [quanto] [à]s concordâncias, nós sabemos que mesmo os brasileiros mais letrados deixam de fazer as concordâncias quando estão em fala distensa.

O linguista ressalta, ainda, que

É preciso sempre deixar bem claro que as historinhas do Chico Bento [...] não são uma representação fiel de nenhuma variedade linguística verdadeira. Em todas essas manifestações o que existe é uma *representação artística* de uma variedade linguística imaginada pelo autor. Por isso, optei pela denominação de “pseudodialecto”, porque não é um dialecto verdadeiro, é um dialecto “falso”, “fingido”, no sentido usado por Fernando Pessoa ao dizer que “o poeta é um fingidor”. É a recriação artística de uma representação imaginária que o autor tem do que seja a variedade linguística que ele tenta representar. (BAGNO, 2011b).

¹ Todas as citações em língua estrangeira foram traduzidas pelas autoras do artigo. Os respectivos originais encontram-se em notas de rodapé.

² *Comics are a narrative space where both pictures and words convey meaning and jointly create the story, with the translator “reading” the meaning of the pictorial elements and their different relationships with the verbal messages [...].*

Segundo Bagno (BAGNO, 2011b), grande parte da variante linguística do Chico Bento são representações ortográficas “[...] de traços fonéticos característicos de todos os brasileiros, ou pelo menos da maioria deles.”, ou seja, marcas de oralidade (“di”, “si” e “os minino”, por exemplo). Contudo, ressalta-se que, para esta análise, será considerado pseudodialeto caipira tudo o que for variação da norma escrita do português padrão.

O funcionalismo nordiano como norteador da análise tradutória das HQs do Chico Bento

A teórica alemã Christiane Nord traz uma colaboração de cunho funcionalista aos Estudos da Tradução, abordagem segundo a qual a função da tradução passa a sobrepor quaisquer outros possíveis direcionamentos do texto traduzido. Com base em teorias de análise textual, em seu livro intitulado “Text Analysis in Translation” (1991), Nord apresenta uma abordagem prospectiva da tradução, na qual todo o processo tradutório é voltado para o receptor da mensagem, tornando o TF culturalmente emoldurado para que cumpra a função atribuída à sua tradução. A autora afirma que “A função do texto-alvo não procede automaticamente de uma análise do texto-fonte, mas é definida pragmaticamente pelo propósito da comunicação intercultural.”³ (NORD, 1991, p. 9). Passa a ser o *skopos*, ou o propósito da tradução, o determinante da função do TA e, conseqüentemente, dos elementos do TF que deverão permanecer ou não no texto traduzido.

Vista desse modo, a tradução será culturalmente engendrada tanto pela função a ela atribuída quanto pelos próprios elementos linguísticos que a constituem. Sendo a língua uma das manifestações culturais da sociedade, torna-se difícil a dissociação do fator cultural como elemento constituinte da tradução. Por isso, as competências do profissional tradutor devem incluir tanto o conhecimento da língua quanto da cultura estrangeira – essenciais para que ele consiga recuperar os elementos culturais do TF e emoldurá-los na cultura-alvo (GONÇALVES; MACHADO, 2006). Nord (1991, p.11) afirma que

³ *The function of the target text is not arrived at automatically from an analysis of the source text, but is pragmatically defined by the purpose of the intercultural communication.*

O domínio da cultura-fonte [pelo tradutor] deve permitir-lhe reconstruir as possíveis reações em um receptor do texto-fonte [...], enquanto o domínio da cultura de chegada lhe permite antecipar as possíveis reações de um receptor do texto traduzido, e então verificar a adequação funcional da tradução que produz.⁴

O conhecimento das culturas fonte e alvo habilita o tradutor a transitar entre textos fonte e alvo com mais familiaridade, permitindo-lhe alcançar resultados mais satisfatórios, já que conseguirá reconhecer os traços culturais mais sutis presentes no texto. A própria língua traz muitos elementos que auxiliam a identificação do entorno cultural da produção do texto. Quando usamos qualquer tipo de linguagem, segundo Bornstein (2001, p. 20), “[...] há todo um repertório de elementos, associações, conotações, insinuações, intenções e desejos que os acompanham [as palavras, ou signos, ou gestos], há um horizonte de referência que dá ‘sentido’ e impregna a mensagem.”⁵ Além de ser um meio pelo qual a mensagem é transmitida, a língua utilizada no TF traz em seu bojo marcas culturais fundamentais a serem consideradas em sua retextualização.

Nord propõe um modelo para fins de análise textual da tradução como produto final com o intuito de categorizar os elementos presentes no texto e, assim, identificar as estratégias tradutórias a serem adotadas durante seu processo de transcrição (cf. 1991; 2001). O estabelecimento desse modelo

[...] deve permitir aos tradutores entender a função dos elementos ou características observados no conteúdo e na estrutura do texto-fonte. Com base nesse conceito funcional, eles, então, podem escolher as estratégias de tradução adequadas para o propósito pretendido da tradução em que estão trabalhando. (NORD, 1991, p.7⁶).

⁴ *His command of the source culture (SC) must enable him to reconstruct a ST recipient [...], whereas his command of the target culture (TC) allows him to anticipate the possible reactions of a TT recipient and thereby verify the functional adequacy of the translation he produces.*

⁵ *[...] hay todo un repertorio de elementos, asociaciones, connotaciones, insinuaciones, intenciones y deseos, que los acompañan, hay un horizonte de referencia que da ‘sentido’ y que impregna el mensaje.*

⁶ *[...] should enable translators to understand the function of the elements or features observed in the content and structure of the source text. On the basis of this functional concept they can then choose the translation strategies suitable for the intended purpose of the particular translation they are working on.*

Ao dispor de uma tabela com diversos fatores extra e intratextuais (cf. ZIPSER, 2002, p. 54), Nord pretende estabelecer as bases para uma análise textual minuciosa do TF e permitir, com isso, a visualização dos caminhos que o tradutor pode escolher para a obtenção de um texto adequado à função à qual foi atribuído. Neste trabalho, não intencionamos analisar cada um dos fatores propostos por Nord, embora tal empreendimento mostre-se bastante enriquecedor para qualquer análise tradutória. Em vez disso, iremos nos ater à função global de cada história, pois se mostram mais pertinentes ao tipo de análise que pretendemos fazer.

Na análise de trechos já traduzidos, como propusemos neste artigo, só mesmo a análise entre o universo de representações trazido pelo TF e sua reconstrução pelo TA é que poderá nortear a avaliação do resultado do processo nas escolhas presentes nos textos.

Chico Bento traduzido

Maurício de Souza, criador dos personagens da Turma da Mônica (incluindo o Chico Bento), é conhecido nacional e internacionalmente por suas histórias, que, em geral, narram as aventuras de crianças e jovens urbanos e rurais. Nelas, os personagens são desenhados em estilos simples e as historinhas muitas vezes têm um final feliz. Maurício começou a escrever quadrinhos em 1959, publicando tirinhas de jornal aos domingos, que foram compradas e publicadas pela *Folha de São Paulo* em 1960. Atualmente, é responsável por grande parte da produção dos quadrinhos nacionais, como pode ser observado em Vergueiro (2009):

As crianças naturalmente gostam dos quadrinhos, se identificam com a narrativa. Afinal, a linguagem dos quadrinhos se aproxima muito do universo das crianças e também dos adolescentes. Felizmente, aqui no Brasil, temos uma forte produção infantil [basicamente assinada por Maurício de Sousa] que está facilmente disponível no mercado e ao alcance de boa parte dos leitores. A leitura é fácil e prazerosa. Se compararmos com a de outros países, a produção de quadrinho infantil brasileiro é bastante significativa.

Atualmente, os quadrinhos de Maurício são traduzidos para cinquenta idiomas diferentes e vendidos em mais de cento e vinte países, incluindo Estados Unidos, Itália, Indonésia e Espanha. O grande sucesso e distribuição internacionais das HQs de

Maurício de Souza devem-se, por ora, principalmente aos quadrinhos da Turma da Mônica. Já em relação às HQs de Chico Bento, o cenário é um tanto quanto diferente: até o presente momento, existem apenas três HQs traduzidas e publicadas no par linguístico português-inglês, sendo que as mesmas encontram-se *online*, no *website* da Turma da Mônica. São elas:

1. *Chico Bento em: que furada de reportagem!* – HQ publicada em 1999 e traduzida no mesmo ano com o título *Chuck Billy in: Makin' News!*;
2. *O unicórnio* – HQ publicada em 2001 e traduzida no mesmo, tradução intitulada *The Unicorn*;
3. *Chico Bento em: ou nós acabamos com as formigas...* HQ publicada em 1983 e traduzida em 2002, levando o título de *Chuck Billy in: It's Either Us or the Cutter Ants...*

Uma hipótese levantada para esse contexto de relativamente poucas traduções é a de que Chico Bento e sua turma falam um português não padrão, e, segundo informações trocadas com a MSP (Maurício de Souza Produções), as exigências editoriais da empresa são de que a fala não padrão deve ser mantida nas traduções, não devendo, com isso, haver neutralização do TT. Com isso, tal fato pode tornar moroso e até mais difícil o processo tradutório de tais HQs.

Tratando-se da influência do texto não verbal na tradução, pode-se citar, por exemplo, as estratégias tradutórias adotadas no quadrinho abaixo (figuras 1 e 2) em relação à palavra *saci*: no quadro em que a figura folclórica aparece desenhada, o tradutor optou por manter esse nome no TA para a língua inglesa, adicionando nota de rodapé para explicar ao público leitor o que significa a palavra *saci*, uma vez que o conceito desse personagem folclórico está fortemente ligado à cultura brasileira, não sendo, portanto, facilmente recuperável pela prática social do público-alvo anglófono.

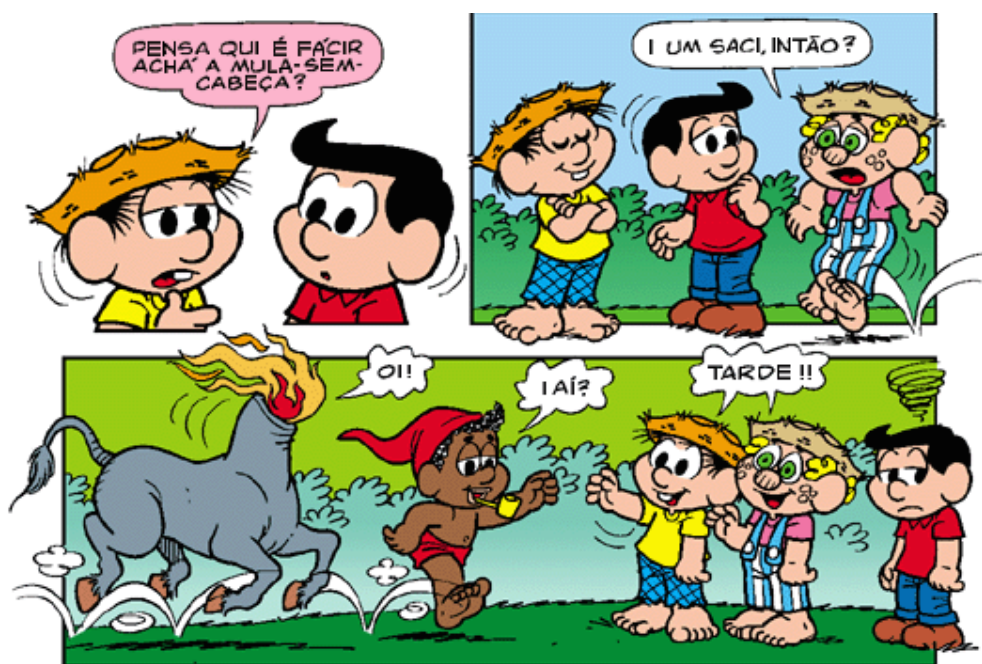


Figura 1 – TF HQ *O Unicórnio*. Disponível em <http://www.monica.com.br/comics/unicorni/pag15.htm>

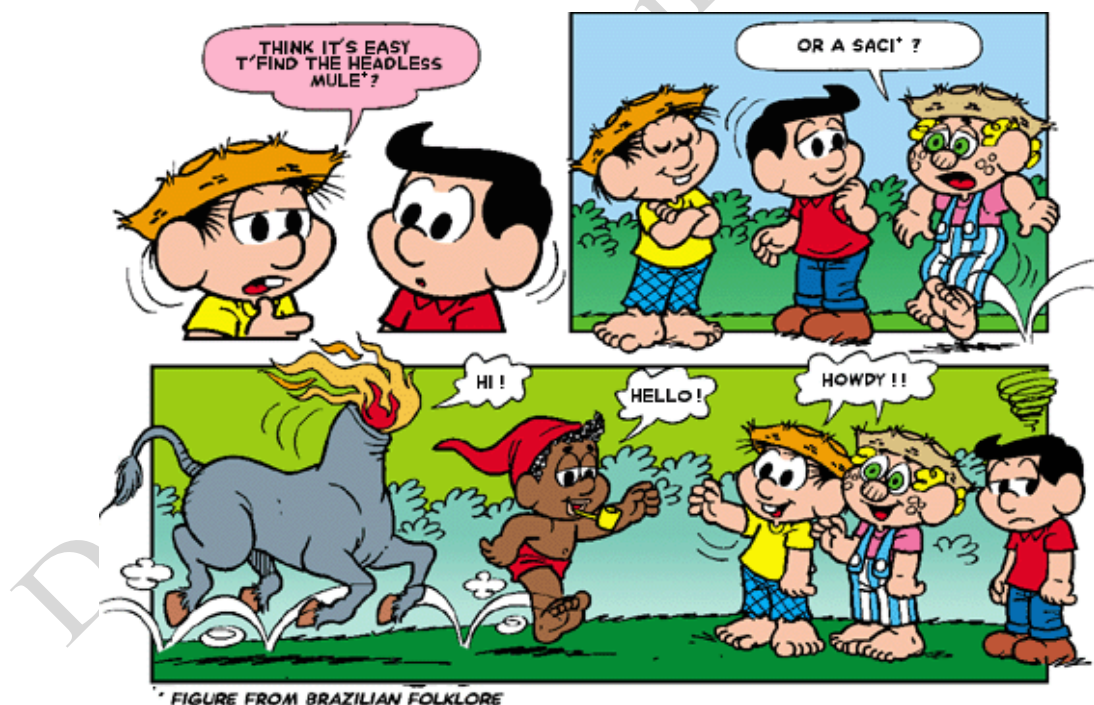


Figura 2 – TA HQ *The Unicorn*. Disponível em <http://www.monica.com.br/ingles/comics/unicorni/pag15.htm>
(*figura do folclore brasileiro, em tradução literal)

Se considerarmos que o propósito do quadrinho era justamente apresentar alguns dos elementos folclóricos brasileiros, e também (mesmo com a ironia do texto) a

dificuldade em encontrá-los, segundo as lendas, podemos considerar que o tradutor, ao inserir uma nota de rodapé explicativa para situar o leitor não familiarizado com os conceitos de saci-pererê e mula-sem-cabeça, manteve a mesma funcionalidade do TA.

Já no quadro em que Chico Bento faz menção ao pulo do saci, e não havendo a imagem do saci no quadro, o tradutor pôde optar pela adaptação de tal vocábulo a uma palavra conhecida do vocabulário do público-alvo: *sapo*, mantendo-se, assim, a alusão ao pulo, mas utilizando-se uma figura compartilhada internacionalmente, e, portanto, inteligível ao público-alvo (figuras 3 e 4).



Figura 3 – TF HQ *Ou nós acabamos com as formigas...* Disponível em <http://www.monica.com.br/comics/formigas/pag6.htm>

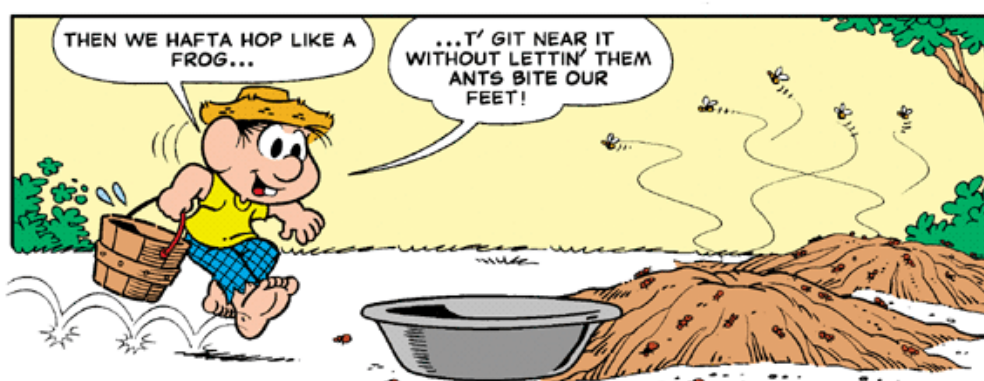


Figura 4 – TA HQ *It's Either Us or the Cutter ants...* Disponível em <http://www.monica.com.br/ingles/comics/formigas/pag6.htm>

Neste caso, por não constar a imagem do saci no quadrinho, a mudança de vocábulo pelo tradutor justifica-se pelo próprio uso no TA, em que a comparação com o pulo do saci não se apresenta como determinante para o entendimento da mensagem. O tradutor pode, portanto, evitar o estranhamento que seria causado no leitor optando por modificar o elemento comparativo.

Outros exemplos da influência do texto não verbal nas escolhas tradutórias das HQs encontram-se nas figuras 5 e 6. Na figura 5, contendo o TF, pode-se dizer que o texto não verbal funciona como *referência* ao texto verbal, uma vez que, no TF, Chico Bento cita os animais, e os mesmos aparecem desenhados. Os signos (verbais e imagéticos), nesse caso, aparecem duas vezes. Já na figura 6, com o TA, o texto não verbal está funcionando como um *complemento* ao texto verbal, pois Chico não cita os animais, e os mesmos aparecem somente no texto não verbal.



Figura 5 – TF HQ *Que furada de reportagem!* Disponível em <http://www.monica.com.br/comics/reportag/pag2.htm>

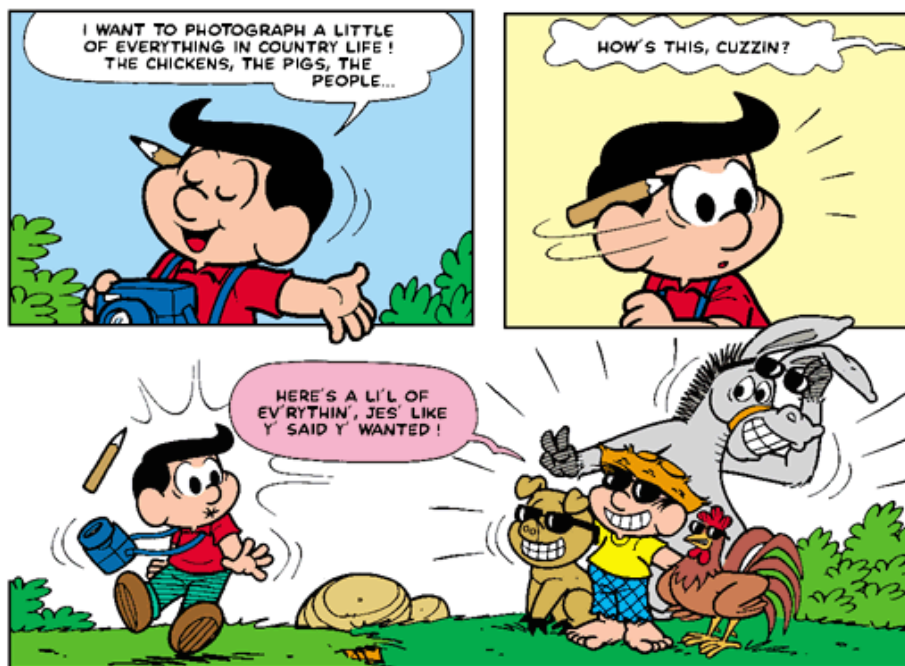


Figura 6 – TA *HQ Makin' News!* Disponível em <http://www.monica.com.br/ingles/comics/reportag/pag2.htm>

Pode-se perceber, com relação a esses quadrinhos, que o tradutor optou por omitir informações provavelmente recuperáveis pelo leitor estrangeiro: os animais que aparecem na imagem poderiam aparecer no texto sem que a compreensão ficasse comprometida por parte do receptor.

As figuras 7 e 8 nos mostram a tendência de uma tentativa de tradução funcionalista dos quadros seguintes, uma vez que se adapta para o suposto leitor do TA o conteúdo presente no TF, a fim de que o texto cumpra sua função e seja compreendido por tais leitores: “roupa de festa junina”, neste caso, é traduzido por “dress from last year’s school play” (em tradução livre: “vestido da peça do ano passado na escola”).





Figura 7 – TF HQ *O Unicórnio*. Disponível em <http://www.monica.com.br/comics/unicorni/pag8.htm>

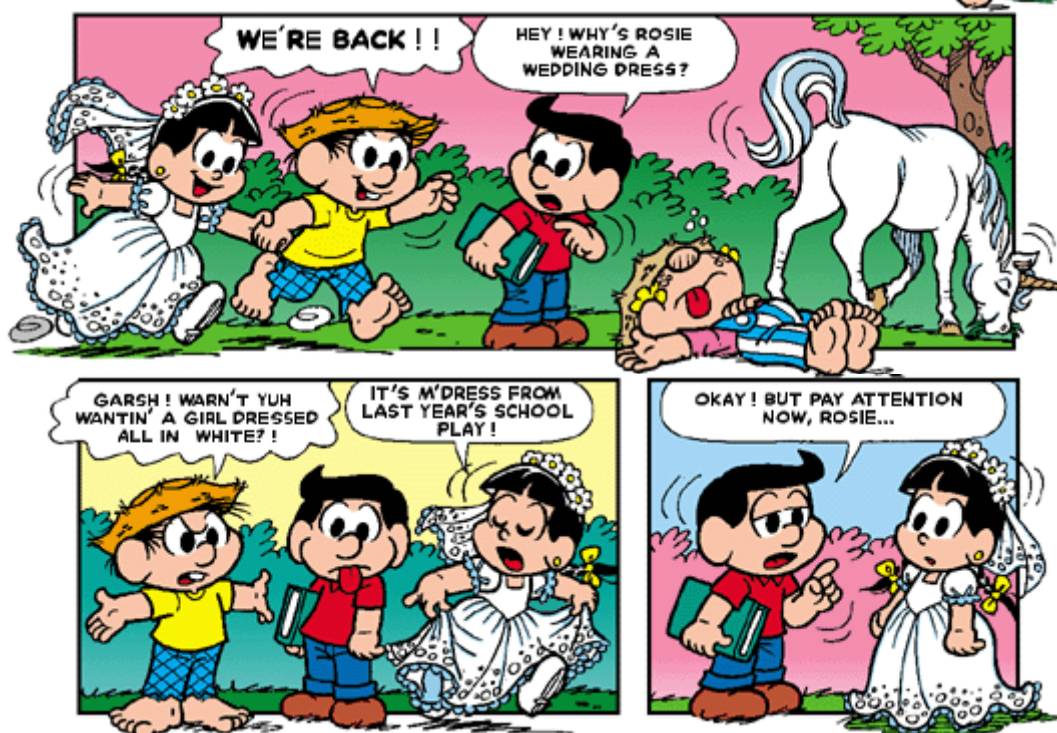


Figura 8 – TA HQ *The Unicorn*. Disponível em <http://www.monica.com.br/ingles/comics/unicorni/pag8.htm>

Com isso, o conceito de “festa junina”, evento fortemente marcado na cultura brasileira, foi substituído por um evento mais conhecido do público do TA: uma peça de teatro na escola. O que permitiu tal substituição foi, mais uma vez, a não presença de signos imagéticos inerentes à típica festa junina, poupando o tradutor de ter de usar recursos como a nota de rodapé para explicar tais elementos ou mesmo de adicionar um acontecimento na própria história para contextualizar as imagens.

Nota-se, em todas as HQs, que o pseudodialeto caipira existente no TF não foi apagado no TA, ou seja, houve manutenção de uma variante não padrão da língua inglesa no TA, aqui chamada de pseudodialeto caipira (estadunidense). Talvez esta seja

uma boa escolha tradutória uma vez que aproxima o leitor do universo rural já apresentado pelo TF, adequando-o às realidades do contexto situacional de recepção.

Considerações finais

O universo de Chico Bento apresenta-nos elementos tipicamente rurais, presentes no imaginário brasileiro e também na realidade de muitos interiores do Brasil. De uma forma geral, os resultados das traduções para o inglês dos elementos rurais, folclóricos e culturais presentes nos quadrinhos originais cumpriram a função de entreter, que é um dos principais propósitos das revistas em quadrinhos infantis, sem ter de remeter o leitor a leituras adicionais (em notas de rodapé, por exemplo) a fim de contextualizar a história.

O fato de o tradutor ter contornado as situações em que tinha a possibilidade de não precisar fazer uma tradução propriamente dita dos termos, lançando mão de outros recursos disponíveis e permitidos pelo próprio texto, é o que reitera a importância da consideração dos marcadores culturais de um texto e os caminhos possíveis para que sua tradução seja funcional dentro de seu propósito.

Além disso, não houve neutralização da fala não padrão dos quadrinhos de Chico Bento nas traduções para a língua inglesa. Tal manutenção no texto traduzido de um suposto pseudodialecto estadunidense permite que a representação do típico caipira presente no TF seja mantida no TA em âmbito linguístico, atingindo-se, com isso, o propósito semelhante àquele almejado pela utilização da fala não padrão em Chico Bento.

A análise feita do ponto de vista funcionalista fornece-nos mais subsídios com os quais avaliar a qualidade de uma tradução. Se dentro do propósito atribuído à tarefa tradutória conseguiu-se obter um texto cuja recepção tenha sido bem sucedida, então podemos considerar que essa tradução cumpriu com sua função, pois fechou o ciclo entre produção de texto, tradução e recepção. E o universo de Chico Bento levado a outras culturas sempre apresentará desafios na contextualização dos elementos tão brasileiros que ele carrega em si próprio e em seu ambiente. Mas, ainda assim, nunca deixará de ser enriquecedor conhecermos os outros universos criados em torno dele.

Referências

BAGNO, Marcos/online. **Dissertação sobre dialeto** - mestrado em Estudos da Tradução UFSC [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por mbagno@terra.com.br em 27 de maio de 2011(a).

_____. **Entrevista concedida a Elisângela Liberatti e Michelle de Abreu Aio**. Florianópolis, junho de 2011(b).

EISNER, W. **Quadrinhos e arte seqüencial**. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LOPES, Hélio Eduardo *in Os diferentes tipos de desenhos*, 2006. Disponível em <http://www.globo.com/FlashShow/0,,11226,00.swf>. Acesso em: 25 jun 2011.

NORD, Christiane. **Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model of Translation-Oriented Text Analysis**. Translated by Christiane Nord and Penelope Sparrow. Amsterdam, Atlanta, Rodopi, 1991.

SOUZA, Maurício de. Crônica 269 – “O Véio Chico”. 2002. Disponível em: <http://www.monica.com.br/mauricio/cronicas/cron269.htm>. Acesso em: 17 jul 2011.

Turma da Mônica. Disponível em www.monica.com.br. Acesso em: 12 jun 2011.

Wikipédia. Turma do Chico Bento. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Turma_do_Chico_Bento. Acesso em: 03 maio 2011.

ZANETTIN, Federico. **Comics in translation**. University of Perugia, Italy. St. Jerome Publishing, 2008, p. 1 - 32.

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato à reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural**. 2002. 274 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Língua e Literatura Alemãs). Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: <http://pget.ufsc.br/publicacoes/professores.php?autor=10>. Acesso em: 02 ago 2011

Material de apoio

HQs do Chico Bento disponíveis no *website* www.monica.com.br.

O tradutor como *função enunciativa*: uma análise de autotradução

Paula Ávila Nunes*

Resumo: Este trabalho realiza a análise de um estudo de caso de autotradução. Dado que, nesse tipo de processo tradutório, a figura do autor e do tradutor parecem se fundir em uma só, o objetivo é evidenciar como essa sobreposição pode ser analisada enunciativamente, por meio das marcas textuais contidas tanto no texto original quanto no texto traduzido. Para tanto, toma-se um dos trabalhos de um conhecido autotradutor – Samuel Beckett – como *corpus*, a saber, *En attendant Godot* (1949), e sua autotradução, *Waiting for Godot* (1953), dos quais são explorados dois exemplos. O cotejo entre ambas deve permitir tecer considerações sobre como algumas diferenças encontradas de um texto para outro podem servir de base para se pensar o tradutor como função enunciativa.

Palavras-chave: Autotradução; Teoria da Enunciação; função enunciativa.

Abstract: The present study undertakes an analysis of a case study of self-translation. Given that in this kind of translation process the figure of the author and that of the translator seem to merge into one, we attempt to demonstrate how this superposition may be analyzed enunciatively, through textual marks in both original and translation. In order to do that, we take one of the works of a renowned self-translator – Samuel Beckett – as corpus, namely *En attendant Godot* (1949), as well as its self-translation – *Waiting for Godot* (1953), of which two examples are explored. The comparison between these works should allow us to exposit some considerations on how some of the differences encountered from one text to the other may serve as the basis for us to think of the translator as an enunciative function.

Keywords: Self-Translation; Enunciative Studies; Enunciative Function.

“Um ser humano realiza um ato de tradução, no pleno sentido da palavra, quando recebe uma mensagem verbal de qualquer outro ser humano”. Assim, George Steiner (1998:48) definia a amplitude do campo da tradução. Não é de surpreender, portanto, interesse que essa área despertou nos últimos anos, não só entre os pensadores da linguagem *stricto sensu* (nas áreas de Linguística e de Literatura), como também entre sociólogos, psicanalistas, cientistas sociais, etc. No entanto, mesmo que haja discussão, há ainda, como aponta Aubert (in BENEDETTI, 2003), um hiato entre o que é pensado e o que é efetivamente produzido, em termos de trabalhos acadêmicos, sobre tradução. É na tentativa de contribuir não só para o pensamento como para a produção científica sobre o assunto que este trabalho procura se posicionar.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Essa tentativa ganha ainda mais importância uma vez que o tema a ser tratado apenas recentemente tem atraído mais fortemente a atenção de tradutores: a autotradução. A modalidade é tão periférica nos estudos sobre o fenômeno tradutório que mesmo Jakobson (2003a), em sua famosa divisão tripartida dos modos de tradução (interlinguística, intralinguística e intersemiótica), não a contemplou, por qualquer que seja o motivo.

É possivelmente a especificidade desse tipo de tradução que lhe confere a menor gama de estudos sobre o assunto, sem esquecer que as instâncias em que a autotradução se faz presente são bem menos numerosas do que aquelas da “tradução propriamente dita”, para utilizar os termos de Jakobson. Contudo, é justamente por esse caráter de *especificidade* que a autotradução atrai: para o autor/tradutor, ela pressupõe um mesmo indivíduo, mas uma posição frente ao seu texto que é radicalmente diferente; para o leitor, conforme nos sugere St-Pierre (1996), a autotradução é mais fiel, pois, uma vez que é o próprio autor que traduz seu trabalho, não há possibilidade de um erro, equívoco ou mesmo má tradução. Em outras palavras, não se costuma questionar o estatuto de fidelidade e de validade quando o que está em jogo é a autotradução.

Em meio a essas peculiaridades, que parecem atrair muito mais teóricos da literatura do que linguistas, é que emerge o objetivo deste trabalho: investigar a modalidade autotradutória a partir de um ponto de vista – linguístico, é preciso que se diga – que contemple sua singularidade. E quando os termos *linguístico* e *singularidade* caminham juntos, normalmente rumam a uma linguística específica, a da Enunciação¹, representada, neste trabalho, pela teoria computada a Émile Benveniste e cujos pressupostos que esteiam este trabalho são expostos adiante. Antes, porém, é necessário observar que a opção por essa visada teórica deriva imediatamente de algumas considerações que creio ser aplicáveis à autotradução. A primeira delas é a de que, se a autotradução pressupõe um mesmo indivíduo, atuando como autor e tradutor, ela também pressupõe condições enunciativas diferentes, além de, conseqüentemente, se configurar em situações enunciativas diferentes. Apenas a título de exemplo, na obra dita original, o escritor é visto como um *criador*, enquanto que, na tradução, não passa de um *reprodutor*. Tais colocações acentuam a constante que parece haver nos estudos de tradução, levando em conta também a figura do tradutor. Dessa forma, é lícito

¹ Serão utilizadas, ao longo deste texto, duas grafias para a palavra *enunciação*. Quando a primeira letra for grafada em maiúscula, a referência é ao campo de estudos, ao passo que a grafia em minúscula se relaciona ao “ato mesmo de produzir um enunciado” (BENVENISTE, 1989, p. 82).

dizer que, para analisar o fenômeno da autotradução, é necessário observá-lo sob o prisma de uma teoria que coloque o sujeito no centro de sua análise. E a Teoria da Enunciação dispõe do aparato teórico-metodológico para tanto.

A segunda consideração diz respeito ao *status* que a autotradução tem em relação à obra de um autor. Por se tratar de um processo linguístico e, portanto, subjetivo, poderíamos antecipar que o produto resultante da autotradução é diferente daquele que resultaria do trabalho de um tradutor que não fosse o próprio autor. Isso se deve, ao menos preliminarmente, ao fato de que o autotradutor estabelece uma relação única com sua obra, o que o permite traduzi-la de uma forma que ninguém mais poderia fazer, a não ser ele próprio. E é justamente sobre essa relação única entre autor-obra-tradutor que a análise enunciativa toma lugar, com vistas a observar as singularidades que fundam essa relação e seus efeitos no texto traduzido, permitindo-nos tratar o tradutor como uma *função enunciativa*, termo cunhado por Foucault (2005), em referência a um modo singular de existência do enunciado².

Assim, por se tratar de uma teoria da singularidade do uso linguístico, tem-se, como consequência, a necessidade de análise de um caso específico, mesmo que, dessa análise, derivem considerações que possam ser estendidas e generalizadas a outros casos. No âmbito da autotradução, ninguém parece tê-la utilizado tão frequentemente e de forma tão particular como Samuel Beckett (1906-1989). A grande quantidade de trabalhos de críticos literários sobre suas autotraduções permite evidenciar o quão profícua é a abordagem do tema tendo os textos beckettianos como *corpus*. Assim, para efeitos de ilustração dessa *função enunciativa*, faço uso de dois textos do autor como objeto de estudo: *En attendant Godot* e *Waiting for Godot*. A análise de ambos deverá evidenciar a possibilidade e viabilidade de se pensar em uma abordagem enunciativa da autotradução. Ao mesmo tempo, deve também fornecer elementos que comprovem a hipótese de que o (auto)tradutor desempenha uma função em relação à sua tradução, que pode ser observada e descrita através de uma análise enunciativa.

Conceitos da Teoria da Enunciação benvenistiana que interessam a uma abordagem enunciativa da tradução

² É importante a ressalva de que tomo emprestado apenas o termo foucaultiano, sem que, com isso, passe a incorporar as ideias do autor no estudo.

A pequena quantidade de reflexões sobre tradução por parte dos pensadores do campo da Enunciação deixa claro que a relação entre os dois campos não foi ainda pensada com a devida dedicação. Disso resulta a necessidade imediata, imposta a todos aqueles que queiram observar o fenômeno tradutório pelo prisma enunciativo, de (1) forjar uma metodologia que, ao mesmo tempo em que opere com os conceitos próprios ao campo enunciativo, contemple o processo tradutório como um modo particular de produção de sentidos; e de (2) optar por uma teoria da enunciação que seja flexível o suficiente para comportar questões da tradução.

Nesse sentido, a opção é pela teoria de Émile Benveniste pelo fato de que alguns dos conceitos fundamentais do sistema de pensamento benvenistiano parecem ser extremamente produtivos para se pensar a prática tradutória. Dessa forma, para traçar o esboço de uma metodologia de análise, é útil recuperar alguns desses conceitos, tais como a noção de *sujeito* e de *subjetividade* (que implica diretamente uma revisão das relações *eu-tu/ele*), a noção da relação *forma* e *sentido*, e as noções de *semântico* e *semiótico*. Cada um deles deve ser explorado em sua gênese, isto é, entendido no universo dos trabalhos de Émile Benveniste, bem como pensados em sua articulação com os estudos sobre tradução. É isso o que se pretende realizar a seguir.

Sujeito e (inter)subjetividade

Ao justificar anteriormente a convocação da Teoria da Enunciação benvenistiana para a análise do processo autotradutório, enfatizei a necessidade de se adotar uma teoria que contemplasse não só o enunciado (o produto, o texto traduzido), mas também o autor/tradutor. Isso poderia levar à ideia equivocada de que o que gostaria de abordar é, em última instância, o *sujeito* que traduz. No entanto, conforme bem lembra Flores (no prelo), a Linguística, seja ela qual for, não dispõe do aparato teórico-metodológico para abordar o *sujeito*. Isto, na verdade, impõe-se como um grande equívoco na interpretação das teorias da enunciação: não se trata de abordar o sujeito *per se*, mas os *efeitos* da enunciação desse sujeito, marcados nos enunciados, o que comumente é referido como *as marcas do sujeito no enunciado*. Dito de outra forma, não se estuda, em Enunciação, o sujeito *stricto sensu*, mas a *subjetividade na linguagem* (cf. infra).

Um outro ponto a ser considerado é que, ao fazer uso do termo *sujeito*, refiro-me a uma categoria teórica, e não empírica. Uma leitura atenta dos textos de Benveniste permite observar que mesmo que os termos *homem*, *locutor* e *sujeito* sejam por vezes usados com sentidos muito parecidos, ou mesmo de forma intercambiável, há uma diferença fundamental entre eles, que pode ser inferida da seguinte afirmação em *Da subjetividade na linguagem*: “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (1995, p. 286 – grifos do autor). Essa passagem exhibe claramente que, uma vez que tomamos a linguagem como objeto de estudo, não mais tratamos do *homem*, mas do *sujeito*. Ou seja, *sujeito*, termo de interesse aqui, não equivale ao ser empírico, ao homem, mas a um *efeito* manifestado através do que Flores (no prelo) chama de *sintaxe da enunciação* (cf. infra)³.

Isto posto, é preciso responder ainda pelo menos uma pergunta: o que é a *subjetividade na linguagem* de que fala Benveniste? O próprio autor a responde ao afirmar que “a ‘subjetividade’ de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (1995, p. 286). Essa propriedade fundamental da linguagem é manifestada na própria língua: “a relação do locutor com a língua determina os caracteres linguísticos da enunciação. Deve-se considerá-la como o fato do locutor, que toma a língua por instrumento, e *nos caracteres linguísticos* que marcam esta relação” (1989, p.82 – grifo meu). Ou seja, a subjetividade é expressa na língua, devendo o linguista observá-la tanto com relação àquele que enuncia, quanto às marcas deixadas por ele nos enunciados. É disso que trata a Enunciação.

Mas as implicações da subjetividade adquirem uma dimensão ainda maior na obra benvenistiana, sobretudo por ser resultado de uma *intersubjetividade*. De um lado, a subjetividade, através da apropriação, por parte do sujeito, do aparelho formal da língua, “introduz aquele que fala em sua fala” (Benveniste, 1989, p.84) e “não é mais que a emergência do ser de uma propriedade fundamental da linguagem” (1995, p. 286), a que Benveniste acrescenta: “é ‘ego’ que *diz ego*. Encontramos aí o fundamento da ‘subjetividade’ que se determina pelo *status* linguístico da pessoa” (idem – grifos do autor). De outro lado, essa mesma subjetividade não existe senão como consequência da intersubjetividade, pois

³ É importante ressaltar que o termo “sujeito” tampouco se trata de um sujeito sintático, categoria gramatical, assim como a “sintaxe”, no sintagma “sintaxe da enunciação” não se relaciona à sintaxe gramatical.

a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa como eu (idem – grifos do autor). (BENVENISTE, 1995. p. 286)

Assim, uma vez que o sujeito se põe como locutor, implanta o outro diante de si, qualquer que seja o estatuto desse alocutário. A relevância dessa noção precisa ser sublinhada: mesmo um autor, ao compor sua obra, tem um alocutário em mente, ainda que este não esteja verdadeiramente presente. É o que chamamos de leitor em potencial. E qual a implicação disto para a autotradução? O fato de que a própria presença, ainda que virtual, de um alocutário condiciona a enunciação do autor. Uma vez que, em tradução, há sempre alteração de alocutário, é lógico afirmar que essa condição imprime mudanças na própria enunciação do autor/tradutor.

A relação *forma* e *sentido* e as marcas do sujeito no enunciado

Para entender o que considero como as “marcas do sujeito no enunciado”, partamos de uma importante passagem do texto *O Aparelho Formal da Enunciação*: “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de *índices específicos*, de um lado, e por meio de *procedimentos acessórios*, de outro” (Benveniste, 1989, p. 84 – grifos meus). Deste excerto, podemos elaborar a seguinte conclusão: há duas formas do sujeito se marcar na língua, sem que haja, no entanto, uma hierarquia entre elas. A primeira concerne ao que Benveniste chama de “índices de ostentação” (idem) e se relaciona a certos elementos linguísticos que “são engendrados de novo cada vez que uma enunciação é produzida, e cada vez eles designam algo novo” (ibid., p. 85). Dessa forma, o sujeito “se marca na língua” através de elementos cuja função é precisamente permitir que essa marcação apareça. Esse grupo é constituído, de certa maneira, por um número finito de elementos e de categorias (pronomes, tempos verbais, etc.) que são promovidos à existência *pela* e *na* enunciação. São esses os elementos frequentemente atribuídos a uma análise enunciativa.

No entanto, se tais elementos figuram como marcadores de subjetividade, há ainda o que Benveniste chama de “procedimentos acessórios”, e que designo aqui como uma *outra forma* do sujeito se marcar no que diz. É no escopo desses procedimentos acessórios que vejo a relação entre *forma* e *sentido* se estabelecer, pois “forma e sentido devem definir-se um pelo

outro e devem articular-se juntos *em toda a extensão da língua*” (Benveniste, 1995, p. 135 - grifo meu). Assim, se, de um lado, os índices de ostentação são, por excelência, aqueles que permitem ao sujeito se marcar no que diz, por outro lado, a relação entre *forma* e *sentido*, ao permear toda a língua, é, também, um modo fundamental de marcação do sujeito na estrutura linguística. É essa relação, sempre singular, entre *forma* e *sentido* que chamo de “a segunda forma de se marcar na língua” e que constitui um grupo infinito de possibilidades.

Cabe acrescentar, ainda, que é esta relação singular entre *forma* e *sentido* que configura a *sintaxe da enunciação*, termo este fundamental para pensarmos uma análise enunciativa nos moldes que proponho aqui. Vale recorrer, assim, às considerações de Flores (no prelo):

É sobre esse ponto que vemos a possibilidade de falar de *sujeito da enunciação*, de *sujeito que advém da enunciação*, que se manifesta via *sintaxe da enunciação*, cuja característica mais evidente é a de ser uma relação particular entre *forma* e *sentido*. Para utilizar uma metáfora, a enunciação é uma espécie de “funil” por onde o locutor faz passar a língua para tentar garantir um sentido (FLORES, no prelo, p. 27 – grifos do autor).

Como é constatado da leitura do trecho acima, *forma* e *sentido* são fundamentais para a configuração de uma *sintaxe da enunciação* e, conseqüentemente, para se pensar sobre o *sujeito da enunciação*. Ademais, o excerto anterior propõe uma visão de enunciação que pode ser de grande valia para pensarmos a tradução: o fato de que toda a enunciação é uma tentativa de *afunilamento do sentido*.

Ao transpormos essa ideia para o campo tradutório, seria lícito pensar na seguinte formulação lógica:

- (1) toda a tradução é também uma nova enunciação;
- (2) a enunciação é uma tentativa de afunilamento de sentido, logo
- (3) *toda a tradução é também uma tentativa de afunilamento do sentido.*

Como exemplo, poderíamos lembrar as notas dos tradutores, que frequentemente explicitam escolhas feitas na tradução, ao optar por um termo ou por outro como equivalente para determinada unidade no texto-fonte. Esse tipo de recurso revela a tentativa, por parte do tradutor, de controlar as interpretações que irão surgir a partir de sua tradução, ainda que, em contrapartida, seu próprio texto traduzido seja, por sua vez, já uma interpretação.

Isso posto, é possível formular outra conclusão a respeito da tradução: por ser um afunilamento de sentido, ela pressupõe um ato interpretativo, e a figura do tradutor instaura

um *tentativa* de controle dos sentidos de ambos texto original e da própria tradução, determinando os sentidos que ali podem ou não e devem ou não estar. Dessa forma, interessa observar de que forma essa tentativa é realizada quando o que está em pauta é a autotradução.

Semântico e Semiótico

Benveniste, ao se referir brevemente à tradução, opera com dois conceitos basilares a seu pensamento, a que chama de “dois modos distintos de significância” (p. 64): o *semiótico* e o *semântico*.

Por *semiótico*, entende-se um modo de significação em que o sentido é “fechado sobre si mesmo e contido de algum modo em si mesmo” (p. 21). Ou seja, no plano semiótico, o que está em jogo é a “significância dos signos” (p. 66), dada apenas pela oposição (cf. a conclusão de Saussure de que na língua só existem diferenças), e tomada como propriedade intrínseca da língua. O sentido semiótico advém de uma relação paradigmática e opositiva, e os signos operam através de um valor conceitual e genérico, motivo pelo qual a função semiótica é a de significar, não de comunicar. O semiótico significa apenas por oposição. Por isso, ainda segundo Benveniste, não importa determinar *qual* o sentido, mas se *há* sentido.

Radicalmente diferente é o plano *semântico*, em que “é preciso *compreender* e *distinguir*” (p. 22 – grifos meus). É no nível semântico que se pode determinar, então, *qual* é o sentido. A unidade deixa de ser o *signo* e se torna a *palavra*. Consequentemente, o sentido semântico, diferentemente do semiótico, é particular, estabelecido por uma relação sintagmática, de engendramento, e não é mais propriedade constitutiva, mas o resultado da língua em ação. Também é o plano semântico que faz com que a função da língua deixe de ser apenas a de significar, e passe a ser a de comunicar.

Assim, Benveniste conclui que duas são as propriedades constitutivas da linguagem. A primeira, constitutiva de sua natureza, diz respeito ao fato de a língua ser formada por unidades significantes [signos]; a segunda, constitutiva de seu emprego, ao fato de a língua poder arranjar esses signos de maneira significativa. E ainda mais importante: as duas propriedades “comandam duas análises diferentes” (p. 99). Pelo fato de que a “língua-discurso constrói uma semântica própria” (p. 233), é no plano semântico que repousa uma análise enunciativa: “a ordem semântica *se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso*” (p. 65-66 – grifos meus). É por isso que, em última análise, a Linguística da

Enunciação é, por excelência, uma semântica da enunciação, e interessa-se por “como do signo [semiótico] se pode passar à fala [semântica]” (p. 66).

Análises: exemplo de funcionamento específico da autotradução

Uma vez explicitadas as categorias relevantes para uma análise enunciativa da autotradução, a saber, *sujeito*, *subjetividade*, *forma* e *sentido*, e *semiótico* e *semântico*, prossigamos, então, para a especificação de como tais categorias se articulam no texto beckettiano, configurando um tipo enunciativo particular. Para tanto, é necessário, segundo Benveniste, considerar, “sucessivamente, o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (1989, p. 83). Por isso, é possível conceber uma ordem de exposição dos dados que obedece aos seguintes termos:

- (1) descrição dos instrumentos linguísticos;
- (2) explicitação de como tais instrumentos funcionam em um dado contexto enunciativo; e
- (3) caracterização de como os instrumentos e seus funcionamentos configuram um tipo enunciativo particular, no nosso caso, o tipo enunciativo da autotradução para Beckett.

Compõem os dados excertos da obra *En attendant Godot* (EAG)⁴, escrita em 1948 e publicada em 1952, e sua autotradução *Waiting for Godot*⁵ (WFG). Cabe a lembrança de que as duas obras foram analisadas em toda a sua extensão e de forma contrastiva.

Escolhidas as obras, o primeiro procedimento foi, a partir de ambas, selecionar apenas as instâncias em que foram verificadas diferenças entre original e tradução. Foram consideradas, dessa forma, três tipos de diferenças, sempre tendo em vista o movimento de tradução do francês para o inglês: *inclusões* (de falas ou de rubricas, visto que se trata de um texto teatral), *exclusões* (igualmente de falas ou de rubricas) e *alterações lexicais*. A primazia na seleção pelas diferenças deve ser vista apenas como um artifício para ressaltar a singularidade que impregna o processo de autotradução, sem que faça, no entanto, com que a subjetividade do autor/tradutor seja restrita apenas a elas, pois, do ponto de vista enunciativo, o sujeito está em toda a manifestação enunciativa, e não somente em marcas específicas.

⁴ A versão utilizada é a de 1952, das *Editions de Minuit*.

⁵ A versão utilizada é a de 2006, da editora *Faber and Faber*. Essa versão é apenas uma reimpressão da original, produzida em 1956.

Autotradução como possível criadora de condições para o re-estabelecimento da correferência

Um dos aspectos fundantes do ato enunciativo está na sua capacidade de criar referência e correferência. A referência pode ser entendida, dentro do aporte teórico benvenistiano, como “a significação singular e irrepetível da língua cuja interpretação realiza-se a cada instância de discurso contendo um locutor” (FLORES ET AL., 2009, p. 197). Portanto, há uma relação que o locutor estabelece com o mundo, com sua própria enunciação e com a enunciação do outro, que deve também, ao menos idealmente, ser traduzida na língua-alvo, impondo ao tradutor talvez uma das maiores dificuldades: a transposição da referência estabelecida no texto original para o texto traduzido. A tarefa assume uma complexidade ainda maior, dado a especificidade da enunciação escrita. Como ainda afirma Benveniste,

seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem (BENVENISTE, 1989. p. 90).

Ou seja, a questão da referência, na enunciação escrita, precisa ser mais bem delineada. Trata-se, no caso da obra proposta para análise, de uma tentativa de estabelecimento de correferência em três níveis distintos: entre autor e público leitor/espectador, entre autor e atores – leitores da obra como um *script* para a encenação, e entre os próprios personagens da obra, sempre mediado pelo texto. O estabelecimento da correferência entre os locutores-personagens é fundamental para que o texto faça sentido, mas esse sentido também depende da correferência estabelecida com o leitor/espectador. Temos, dessa forma, uma problemática única nas autotraduções em Beckett. E, para endereçá-la, é útil partir de uma comparação com a tradução interlinguística.

Se pensarmos em como as condições para o estabelecimento de correferência são reconstruídas no texto traduzido, em contextos outros que os autotradutórios, em geral vemos a acentuação da figura do tradutor como *mediador* dessa recuperação referencial: sua voz se marca, sobretudo, nas notas de tradução, na tentativa de *recuperar* as condições para que a correferência se instaure. Contudo, ainda que esse seja um procedimento comum, não podemos aplicá-lo à obra de Beckett, pelo simples fato de não haver uma nota de rodapé

sequer em qualquer uma de suas traduções, salvo quando as mesmas já existiam no original. Na verdade, muitos leitores das obras beckettianas permanecem ignorantes do fato de que se trata, muitas vezes, de uma tradução. Isso impõe, de imediato, uma situação específica: o leitor de Beckett tem em sua frente um único texto, em francês ou em inglês, original ou tradução. O analista, por seu turno, mesmo que trabalhe com apenas uma das obras, tem a visão global e é cognoscente da existência de um outro texto. O analista, em maior ou menor medida, tem a possibilidade de escutar os ecos que o texto escrito primeiro fazem ressoar no segundo, na dita tradução. Em suma: enquanto o leitor de Beckett lê o texto em sincronia, o analista os vê em uma diacronia, que não deixa apagar a existência concomitante de dois textos.

Dessa visão privilegiada do analista, deriva a tarefa aqui. Ao afirmar que um dado mecanismo não tem o mesmo *status* no texto beckettiano autotraduzido que teria em uma tradução do mesmo texto feita por outrem, isso não quer dizer, porém, que a voz de Beckett não é ouvida nos textos traduzidos, mas que os instrumentos pelos quais ele o faz diferem bastante daqueles comumente utilizados em traduções interlinguística. Cabe, então, uma análise de como tais mecanismos se tornam específicos nas mãos e na criatividade do autor: se, de um lado, as *inserções* foram um dos aspectos observados na comparação entre EAG e WFG, elas não parecem ser o mecanismo pelo qual o autor re-estrutura a correferência. Restamos, assim, observar as diferenças oriundas de *alterações* e de *omissões*. E, para tanto, observaremos um fenômeno único presente nas obras analisadas: a tradução de nomes próprios.

A reconstrução das condições de correferência através da tradução de nomes próprios: alterações e omissões

Um dos artifícios mais interessantes utilizados por Beckett para a recriação das condições de correferência se dá na tradução de diversos nomes próprios que aparecem ao longo da obra, ora alterando-os, ora omitindo-os. Examinemos alguns desses casos a seguir. Atentemos para o seguimento⁶:

⁶ Todos os trechos foram transcritos mantendo a exata forma como se encontravam no original.

ESTRAGON. – Ça fait combien de temps que nous sommes tout le temps ensemble ?

VLADIMIR. – Je ne sais pas. Cinquante ans peut-être.

ESTRAGON. – Tu te rapelles le jour où je me suis jeté dans la Durance ?

VLADIMIR. – On faisait les vendages. (p. 74)

ESTRAGON: How long have we been together all the time now?

VLADIMIR: I don't know. Fifty years perhaps.

ESTRAGON: Do you remember the day I threw myself into the Rhône?

VLADIMIR: We were grape-harvesting. (p. 47)

Ainda que a tradução desses elementos (nomes próprios) não seja uma matéria de consenso entre teóricos da tradução⁷, observamos que, para Beckett, ela é um dos mecanismos pelos quais ele promove a possibilidade de reconstrução da correferência para o leitor anglófono. Enquanto *Durance* é o rio mais famoso da região provençal na França, sendo provavelmente conhecido do leitor francês, nada garante que o leitor do texto em inglês o conheça. Beckett opta, então, por traduzi-lo, ou melhor, substituí-lo, pelo nome de outro rio, dessa vez maior, e que não se restringe apenas à França. Obviamente, tal opção não garante, ainda, que o leitor do texto em inglês o conheça, e, por isso, não referimos a uma *reconstituição da correferência*, pois nunca se tem a garantia de que ocorra, mas em *condições* para que ela aconteça. Tal procedimento marca uma estratégia por parte do autor/autotradutor, instaurando um funcionamento que parece ser absolutamente particular.

No entanto, se, como vemos no exemplo brevemente analisado, há uma instância que marca a tentativa de recuperação das condições de correferência, o que nos garante que, ao retomá-la no texto em inglês, Beckett produz condições para que a *mesma* correferência se instaure? Em outras palavras, ao traduzir, não estaria ele criando uma *outra e nova* (cor-) referência? Tento responder a essa indagação com a observação de dois outros exemplos.

Em um diálogo no primeiro ato da peça, Pozzo diz a Vladimir e Estragon: “*Qu'est-ce que j'ai fait de ma pipe?/What have I done with my pipe?*”. Um pouco depois, Pozzo e Estragon protagonizam a seguinte passagem:

POZZO. - J'ai perdu mon Abdullah!

POZZO: I've lost my Kapp and

⁷ Ver, por exemplo, Derrida (2002).

ESTRAGON (*se tordant*). - Il est
tordant ! (p. 48)

Peterson!

ESTRAGON: [convulsed with
merriment] He'll be the death of me. (p. 28)

Atentemos para as possíveis interpretações que ambos os recortes produzem. Em francês, Pozzo perde um *Abdullah*, palavra que não remete ao objeto que ele realmente perdeu (seu cachimbo), que inferimos de sua indagação anterior (“Qu’est-ce que j’ai fait de ma pipe?”/“O que fiz com meu cachimbo?”). Ao contrário, a leitura de *Abdullah* permite, na verdade, a interpretação de que o que ele perdeu foi seu servo (Lucky), uma vez que, em sua origem em árabe, *Abdullah* significa “*escravo* ou *servo* de Deus”⁸. Em inglês, porém, a referência é completamente reinventada: *Kapp & Peterson* refere-se à maior produtora de cachimbos da Irlanda. A tradução é, nesse caso, mais coerente com a menção anterior de Pozzo: “*What have I done with my pipe?*”.

O segundo exemplo parte do excerto a seguir:

ESTRAGON. – Alors fous-moi la paix
avec tes paysages ! Parle-moi du sous-sol !

ESTRAGON: You and your
landscapes! Tell me about the worms!

VLADIMIR. – Tout de même, tu ne vas
pas me dire que ça (*geste*) ressemble au
Vaucluse ! Il y a quand même une grosse
différence.

VLADIMIR: All the same, you can't
tell me that this [*Gesture*] bears any
resemblance to... [*He hesitates*] ... to the
Macon country, for example. You can't deny
there's a big difference.

ESTRAGON. – Le Vaucluse ! Qui te
parle du Vaucluse ?

ESTRAGON: The Macon country!
Who's talking to you about the Macon
country?

VLADIMIR. – Mais tu as bien été dans
le Vaucluse ?

VLADIMIR: But you were there
yourself, in the Macon country.

ESTRAGON. – Mais non, je n'ai
jamais été dans le Vaucluse ! J'ai coulé toute ma
chaudepisse d'existence ici, je te dis ! Ici ! Dans
la Merdecluse!

ESTRAGON: No, I was never in the
Macon country. I've puked my puke of a life
away here, I tell you! Here! In the Cackon
country!

(...) (p. 86)

(...) (p. 52-53)

⁸ Essa é, inclusive, uma interpretação afinada com a quantidade de referências religiosas presentes no texto.

A repetição, marca tão peculiar dessa obra de Beckett, é acentuada na passagem transcrita acima, em ambas as línguas. Há particularidades, contudo, na forma pela qual *Vaucluse* e *Merdecluse* são traduzidos, notadas, de início, pelas substituições inglesas do nome próprio.

Ao começarmos nossa análise pelos nomes presentes na versão francesa, temos de entender o jogo entre *Vaucluse* e *Merdecluse*. O primeiro deles realmente existe: trata-se de um departamento na região provençal francesa. O segundo, no entanto, é visivelmente um jogo de palavras com o primeiro, como nos aponta o aparecimento da palavra *merde*. Temos aqui pelo menos duas possibilidades de interpretação. A primeira, contida no próprio texto, sugere que *Merde(cluse)* seja uma referência ao solo tipicamente vermelho encontrado na região, como atesta a fala de Vladimir: “*Mais là-bas tout est rouge!*”/“*Mas tudo lá é vermelho!*” (p. 86). Essa referência é, inclusive, mantida em inglês. Mas uma outra interpretação é possível e diz respeito à insatisfação de Estragon de ter passado sua vida inteira em um lugar ruim, como denotamos de sua expressão no diálogo transcrito.

Por seu turno, a versão em inglês é curiosa: *Macon* e *Cackon country* não só não traduzem o trocadilho existente em francês como também não os substituem por lugares equivalentes. Além disso, se a força do diálogo em francês está justamente no jogo de palavras promovido pela fala de Estragon, ao substituir *Vaucluse* por *Merdecluse*, esse jogo é completamente perdido em inglês. Mais que isso, *Cackon*, se pensarmos em “caca” como substitutivo de “merde”, dialoga não com o leitor anglófono, mas sim com o francófono: basta observar que não há, em inglês, o substantivo “caca” ou algo similar, enquanto o dicionário francês *Le Robert* registra para a entrada desse verbete a seguinte definição: “*n.m. 1. Fam ou lang. enfantin. Excrément.*”.

O diálogo ainda prossegue e encontramos nele um outro tipo de substituição que merece ser discutida:

VLADIMIR. – Pourtant nous avons été ensemble dans le Vaucluse, j'en mettrais ma main au feu. Nous avons fait les vendages, tiens, chez un nommé Bonelly, à Roussillon.

ESTRAGON (*plus calme*). – C'est

VLADIMIR: But we were there together, I could swear to it! Picking grapes for a man called... [*He snaps his fingers*] ... can't think of the name of the man, at a place called... [*Snaps his fingers*] ... can't think of

possible. Je n'ai rien remarqué. (p. 86)

the name of the place, do you not remember?

ESTRAGON: [*A little calmer*] It's possible. I didn't notice anything. (p. 52-53)

Interessa observar que, nesse trecho, sucessor imediato do analisado anteriormente, as alterações assumem uma faceta diferente. Não se trata mais da tradução (ou substituição) de um nome próprio por outro, mas de uma substituição por um dêitico (no caso de “there” – lá, em português) e por circunlocuções nos outros casos. No primeiro caso, temos um resultado muito específico: a repetição do termo *Vauchuse* cessa, em inglês, tendo, portanto, interferência no próprio *modus operandi* que os personagens usam para passar o tempo, lembrando que “(...) as personagens se refugiam na repetição, repetindo suas próprias ações e palavras e frequentemente aquelas de outros para passar o tempo” (WORTON, 2006, p. 69 – tradução minha).

A partir da análise dos dois casos, observa-se que há, em ambos, uma completa reestruturação das condições de correferência: parece haver, por parte do autor/autotradutor uma certa “correção” de seu texto, permitindo o estabelecimento de uma correferência completamente nova. Este aspecto de correção, aliás, não é novidade na tradução. Plaza atenta que

a tradução [...] é emenda, externalização, extrojeção (levar para fora e para frente significados implícitos), *mas ela é também correção*. Tal correção e aperfeiçoamento são possíveis, e mesmo compulsórios, porque a visão que o tradutor tem do original é diacrônica; o tempo e a evolução da sensibilidade deram ao seu eco um poder de preenchimento. A correção feita pelo tradutor está virtual no original, mas apenas ele pode realizá-la (PLAZA, 2008. p. 31 – grifos meus).

O caso de Beckett, especificamente esses analisados, demonstra o caráter corretivo da tradução, ocasionado, dentre outros motivos, pelo próprio distanciamento linguístico e temporal que a tradução oferece ao autor, permitindo-lhe uma instância de correção. Esse aspecto, aliás, parece promover, então, uma diferença entre *autotradução* e *tradução interlinguística*: se, na primeira, o texto traduzido serve de “correção” ao original, na segunda, na “tradução propriamente dita”, não há correção, mas uma tentativa incansável de manutenção do sentido original.

Considerações sobre a análise

De todo o exposto até aqui, surge a necessidade de tecer algumas considerações. A primeira delas é a de que, como evidenciado nos excertos extraídos das obras e cotejados entre si, toda a tentativa de criação de condições de correferência remonta, na verdade, para a constituição de uma *nova* referência. E isso não é fortuito. Se lembrarmos algumas notas do início deste texto, veremos que tal peculiaridade é resultado de uma nova configuração enunciativa: trata-se de um novo leitor, um novo público, um novo *tu*. E, conforme antecipado, uma alteração na estrutura *eu-tu* não pode resultar senão em uma diferença na própria enunciação. É visível que, ao considerar o novo alocutário, Beckett se vê obrigado a, da mesma forma, instituir uma nova referência.

Mas não só a mudança de alocutário deve ser considerada, pois, lembremos, *eu* e *tu* estabelecem entre si uma relação de intersubjetividade, em que um tem efeito sobre o outro. Assim, ao mesmo tempo em que um novo *tu* se faz presente, também um novo *eu* emerge. E esse “novo eu” é marcado no próprio uso linguístico, na especificidade dos mecanismos utilizados pelo autor, que refletem, igualmente, em diferentes “*eus*” dentro da própria obra, uma vez que cada personagem, ao se enunciar, também assume o lugar enunciativo de *eu*. É a especificidade da enunciação escrita de que fala Benveniste.

Além disso, não podemos esquecer um outro elemento da relação triádica – o *ele* – que aqui é vislumbrado em duas dimensões: como o próprio texto e como a língua. Os exemplos citados mostram que, mais do que resultado de uma alteração na configuração enunciativa da relação *eu-tu*, a emergência de nova referência se dá como fruto de sua inserção num contexto maior. Isto é, há nova referência, pois há também a necessidade de adequação a uma nova cena enunciativa, a um novo texto, e também pela própria necessidade imposta por uma nova língua. Estabelecem-se, assim, duas razões, distintas, mas interligadas, para a constituição de nova referência: a primeira, de caráter externo ao texto, ainda que refletida nele, resultado da modificação na instância de enunciação, na relação *eu-tu*; e a segunda, de caráter interno ao texto, resultado de seu próprio *status* como tradução e como *novo* texto.

A segunda consideração diz respeito mais especificamente ao uso linguístico de Beckett, que, nos excertos analisados, surpreende por duas razões. Primeiramente, vemos uma peculiaridade da autotradução: ao transpor sua obra para o inglês, o autor não simplesmente

traduz, mas faz uma alteração que, se feita por outrem (um tradutor, por exemplo), poderia ser vista como uma “má tradução”. Acresce-se a isso o fato de que temos aqui não um caso de *inserção de comentário*, comumente utilizado para esses fins, mas de uma *alteração lexical* bastante específica.

Em termos benvenistianos, esse pode ser visto como um caso emblemático da especificidade da relação entre *forma* e *sentido*, como aludido anteriormente. Beckett faz tal uso da tradução do nome próprio que abala a relação *forma-sentido*, configurando, assim, um engendramento discursivo particular, que, do ponto de vista enunciativo, não pode ser avaliado como boa ou má tradução, visto que a Enunciação descreve os aspectos linguísticos, sem se posicionar de forma avaliativa sobre eles.

Considerações finais

A tentativa de estudar a autotradução derivou da necessidade de se observar o fenômeno no que ele tem de singular. Mais do que uma simples comparação entre obras, o objetivo foi o de entender alguns dos mecanismos que operam na tradução beckettiana, a fim de evidenciar um funcionamento específico. Permanece a certeza, no entanto, de que este trabalho não passa de um pequeno ensaio: vários outros mecanismos poderiam ser tomados como objeto de estudo e isto abre possibilidades futuras de estudo. Ademais, um dos maiores estudiosos da autotradução para Beckett toca o cerne do que considero ser necessário em relação ao estudo de sua obra: o objetivo deve ser

não meramente o de comparar passagens nos textos-gêmeos, não meramente observar diferenças e variante, mas chegar a uma *estética* do bilinguismo e da auto-tradução, ou, ainda melhor, chegar a uma *poética* de tais atividades (FEDERMAN, citado em FITCH, 1988. p.15 – grifos do autor, tradução minha).

Chegar a uma estética do bilinguismo e da autotradução, conforme sugere Federman, está longe das ambições deste trabalho. Creio, contudo, que o que foi aqui proposto possa ser um primeiro passo rumo à observação do fenômeno por um viés que torne possível chegar a tais resultados. E, por falar em resultados, é necessário, neste momento, estabelecer algumas considerações acerca do exposto até aqui.

A primeira questão que chama atenção no trato com os dados é o funcionamento radicalmente específico que a tradução tem relativamente ao original, o que tentei ilustrar pela abordagem dos nomes próprios. O caso de Beckett, como visto, certamente difere de outros neste ponto: os nomes próprios não mais figuram em tal categoria no texto beckettiano, mas são uma verdadeira ferramenta pela qual ele institui todo um processo de criação de nova referência. Tal uso é surpreendente, pois deriva de um elemento normalmente visto como “intraduzível”. Derrida (2002), ao falar do nome *Babel*, chega a uma conclusão perfeitamente afinada com os casos analisados: “é como se existissem aí duas palavras, dois homônimos dos quais um tem valor de nome próprio e o outro de nome comum: entre os dois, uma tradução que se pode avaliar bem diversamente” (p. 23). Tal é o uso específico que Beckett faz do nome próprio e isso pode ser avaliado, em Enunciação, sob dois aspectos: na relação entre *forma* e *sentido*, e na relação entre *semiótico* e *semântico*.

Quanto à *forma* e ao *sentido*, temos, no caso do nome próprio, uma forma que não se cola a um sentido. Tal é a percepção de Jakobson (2003b) ao conceber o nome próprio como um elemento do código que remete ao próprio código. Não há sentido em se dizer “Durance” a não ser se referir a um elemento do mundo que tenha esse nome. No entanto, Beckett, ao traduzir o nome próprio, faz com que ele adquira sentido, e, nesse movimento, o nome próprio não perde seu *status* como tal, mas também assume o *status* de nome comum. É somente por essa destituição que torna o nome próprio um nome comum que se torna possível a tradução. Ao mesmo tempo, a passagem de próprio a comum não existe senão pela tradução. Temos aí um paradoxo que funda um uso singular da linguagem.

É nesses termos que se torna possível pensar o tradutor como uma *função enunciativa*, termo tomado emprestado de Foucault (2005). Para ele, “um enunciado (...) se distingue de uma série qualquer de elementos linguísticos porque mantém com o sujeito uma relação determinada que se deve isolar” (p. 103). Ou seja, sujeito e enunciado estão em uma relação tal que o primeiro exerce uma *função* relativamente ao segundo. Esta *função* é vista pelo filósofo como a instauração de “um modo singular de existência” (p. 99). Tal definição é, no entanto, ampla, e cabe então a pergunta: qual é o modo singular de existência a que o sujeito promove seu enunciado? Em outras palavras, como ele, ao se marcar em seu enunciado, torna-o único?

Relativamente a Beckett, mais especificamente em relação ao caso analisado aqui, de tradução do nome próprio, é possível que tal especificidade – tal *função* – possa ser explicada,

enunciativamente, através das categorias *semiótico* e *semântico*, que, lembremos, são os pilares sobre os quais Benveniste constrói sua breve reflexão sobre tradução.

O nome próprio é, indubitavelmente, um signo da língua. E ser signo, como aponta Saussure (2004), é estar em relação de oposição, ser o que o outro não é no sistema da língua. Aí, se recordarmos a definição benvenistiana de *semiótico*, é precisamente onde se encontra o nome próprio. Ele não significa senão por oposição. Só é elemento da língua porque, antes de tudo, está em uma relação paradigmática e opositiva. Seu valor é, portanto, conceitual e genérico. No entanto, se minha hipótese estiver correta, ao traduzir esse item da língua, Beckett o semantiza, isto é, ao colocar a língua em uso, dá-lhe um sentido específico. Sua função, enquanto tradutor, é justamente, no caso analisado, o de semantização de algo que, teoricamente, só poderia estar no plano do semiótico.

E por que é necessário semantizar o nome próprio? Benveniste mesmo lembra que a única possibilidade da tradução é traduzir o *semantismo* de uma língua para outra. O que resta, o intraduzível, fica no modo semiótico de significação. Isto é, a única forma de fazer com que o nome próprio faça sentido é transpondo-o para um nível semântico de significação, o que Beckett faz, surpreendentemente, através da tradução. Aí parece se encontrar sua *função enunciativa*: *ele promove um modo singular de existência do nome próprio ao fazê-lo passar do semiótico para o semântico via tradução.*

Disso tudo, seria lícito perguntar: o que é estudar, então, o tradutor como função enunciativa? A resposta a isso pressupõe, igualmente, uma reconsideração sobre o que é tradução para a Enunciação. Como afirma ainda Derrida⁹ (op. cit.),

é o conceito usual da tradução que se torna problemático: ele implicava esse processo de restituição, a tarefa (*Aufgabe*) tornava a restituir (*wiedergeben*) o que era inicialmente *dado*, e o que era dado, era, pensava-se, o sentido (DERRIDA, 2002. p. 30).

Para a Enunciação, a tradução não pode ser vista como restituição. Não há como reconstituir algo com o grau de efemeridade de uma enunciação. Além disso, como bem questiona Derrida, o sentido não é *dado*, mas *interpretado*. Não se trata, assim, de restituir um sentido em uma outra língua, mas de, através de um ato interpretativo, produzir uma nova

⁹ Mesmo não sendo teóricos da Enunciação, algumas ideias de Foucault e Derrida são utilizadas por estarem em perfeita sintonia com o pensamento aqui proposto, sem se distanciar do verdadeiro aporte teórico adotado.

enunciação, na qual o sentido não é senão aproximativo do sentido do original. Trata-se, portanto, não de *reconstituir*, mas de *constituir*, em um novo lugar, em uma nova língua, um sentido. A análise do tradutor como função enunciativa deve dar conta, portanto, de observar como o tradutor constrói esses significados, dando a eles, nas palavras de Foucault, um novo modo singular de existência.

Dessas considerações, poder-se-ia ainda indagar: em que medida a Enunciação concebe, então, uma tradução, em detrimento à criação de um novo original, pois, certamente, em Enunciação, tudo é novo a cada vez em que é enunciado? Não pretendo responder essa pergunta de forma hermética, impossibilitando outras respostas que possam vir a se formar à medida que a articulação entre Enunciação e tradução se fizer mais forte, mas proponho alguns elementos que tentam, ao menos momentaneamente, respondê-la.

A relação entre original e tradução não pode ser negada: há algo, um elo que une os dois. Há sempre um ponto de contato entre original e tradução, e esse ponto se dá pelo sentido. É este ponto em que original e tradução se tocam que nos permite considerá-los como tal. Mas, certamente, a tradução, ao menos pelo prisma enunciativo, não é *cópia*, *reprodução* do original. Ela é, justamente por ser uma nova enunciação, já algo novo. Não há melhor exemplo disso do que *Pierre Menard, autor de Quixote*.

Em autotradução, especialmente após as análises propostas para os textos beckettianos, ficaríamos ainda mais tentados a pensar na originalidade da tradução, dadas as inúmeras diferenças que se espalham ao longo do texto do escritor irlandês. Essa, aliás, não é uma consideração inédita sobre os textos de Beckett. Encontramos teóricos que ocupam posições diametralmente opostas em relação a essa hipótese. Mas, de todos, gostaria de recuperar uma passagem em que Brian Fitch se questiona sobre essa possibilidade, e oferece uma possível resposta:

Em vez de ser confrontado com dois textos correspondentes a uma única obra, como no caso de um original e sua tradução, não temos aqui duas obras separadas, cada uma com seu próprio texto? A resposta é não, pela razão óbvia de que *Bing e Ping*, *Still e Immobile*, *Company e Compagnie*, *Le Dépeupleur* e *The lost ones* têm muito em comum. Apesar de ter me detido nas suas diferenças para trazer à tona a especificidade do status das segundas versões, suas semelhanças com as primeiras versões permanecem muito mais numerosas do que as diferenças. Dizer que a relação não é idêntica ou tão próxima quanto aquela de uma tradução com seu original não é negar que realmente existe uma relação entre elas (FITCH, 1988. p. 138, tradução minha).

Fitch constrói seu argumento para justificar a autotradução como ainda uma tradução sobre o fato de que existem mais similaridades do que diferenças entre as duas obras. Como enfatiza o autor, mesmo que haja diferenças radicais entre um texto e outro, há um momento em que eles se tocam. O teórico sugere ainda que, ao traduzir, o que temos é constantemente a produção de um *metatexto*, ou seja, um texto que remete, o tempo inteiro, a outro.

Penso que, em Enunciação, é nesse ponto de convergência, de toque, de metatextualidade que a tradução pode ser considerada desde esse ponto de vista teórico. Se há essa relação de dependência inegável entre um texto e outro, esse laço que os une, há também o espaço para o novo, para o original. Se refizéssemos, finalmente, a pergunta: original ou tradução? A resposta não poderia ser diferente: *os dois*.

À guisa de fechamento, cabe a lembrança de que as considerações aqui feitas são um movimento inicial, que devem ser consideradas em âmbito maior. São necessários ainda muitos outros estudos para que Enunciação e Tradução possam realmente dialogar, entre eles, um estudo que possa estabelecer uma metodologia enunciativa de análise do processo tradutório. Sendo esses exercícios futuros, resta apenas concluir lembrando as palavras de Hagège (1985, p. 47): “(...) o mais surpreendente é que, mesmo que imperfeitamente, mesmo de uma forma aproximativa, continue ser possível traduzir”. E, certamente, ainda traduziremos e estudaremos tradução por muito tempo.

Referências bibliográficas

ASADUDDIN, M. Lost/Found in translation: Qurratulain Hyder as self-translator. **The Annual of Urdu Studies**. Madison, v. 23, p. 234-249, 2008. Disponível em: <<http://www.urdustudies.com/pdf/23/24Asaduddin.pdf>>. Acesso em: agosto de 2008.

BECKETT, Samuel. **En attendant Godot**. Paris: Les éditions de Minuit, 1952.
_____. **Waiting for Godot: a tragicomedy in two acts**. Londres: Faber and Faber Limited, 2006.

BENEDETTI, C.; SOBRAL, A. **Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução**. São Paulo: Parábola, 2003.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes: 1995.

_____. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes: 1989.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

FITCH, Brian. **Beckett and Babel: an investigation into the status of the bilingual work**. Toronto: University of Toronto Press, 1988.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Sujeito da enunciação e o esboço de uma reflexão sobre singularidade enunciativa*. In: NORMAND, Claudine. (Org.) **Paralleles floues: vers une théorie du langage**. (no prelo)

FLORES, Valdir et al. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

HAGÈGE, Claude. **O homem dialogal: contribuição linguística para as ciências humanas**. Lisboa: Edições 70, 1985.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 19º ed. São Paulo: Cultrix, 2003a.

_____. Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe. In : _____. **Essais de linguistique générale** (Les fondation du langage). Paris : Editions de Minuit, 2003b.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Estudos; 93).

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

STEINER, G. **After Babel: aspects of language and translation**. Londres: Oxford University Press, 1998.

ST-PIERRE, Paul. Translation as writing across languages: Samuel Beckett and Fakir Mohan Senapati. **TTR**, v. 9, n. 1, p. 233-257, 1996. Disponível em: <www.erudit.org/revue/ttr/1996/v9/n1/037246ar.pdf>. Acesso em: agosto de 2008.

WORTON, Michael. Waiting for Godot and Endgame: theatre as text. In: PILLING, John. **The Cambridge companion to Beckett**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. (Cambridge companions to Literature).

A eficácia da tradução como estratégia de ensino de ESP

Renata Ribeiro Guimarães*

Resumo: Partindo do conceito de transferência (KODA, 2004) – em que ocorre a tradução natural e “automática” no ato da leitura – realizada pelo leitor de textos em língua estrangeira (L2), o objetivo do presente trabalho é investigar a tradução como sendo uma das estratégias de ensino-aprendizado de inglês para fins específicos (ou ESP) no contexto de uma instituição federal de Ensino Médio Técnico. O objeto de investigação compõe-se de atividades e exercícios que envolvem a reorganização de informações, originalmente em L2, em quadros-resumo, diagramas (AMORIM, 1997), fichamentos e *slides* para apresentação oral; atividades essas que foram realizadas em língua materna (L1). Assim, para atingir tal objetivo é necessário explorar a literatura relacionada à tradução e ao ensino de ESP; analisar atividades e exercícios elaborados por parte do corpo docente da instituição, a fim de identificar aquelas que corroborem o tema proposto; e, avaliar a eficácia da tradução como estratégia de ensino no contexto mencionado.

Palavras-chave: Tradução; Inglês para Fins Específicos; Ensino Médio Técnico; Estratégia de Ensino; Técnica de Resumo.

Abstract: Based on the concept of transfer (KODA, 2004) - in which the translation occurs naturally and "automatically" during the act of reading - performed by the reader of texts in a foreign language (L2), the purpose of this study is to investigate the translation as one of the strategies for teaching and learning English for Specific Purposes in a federal institution of Technical High School. The research object comprises activities and exercises that involve the reorganization of information, originally written in L2, in summary tables, diagrams (AMORIM, 1997), notetaking and slides for oral presentation; activities which were performed in mother tongue (L1). Therefore, to achieve that objective, it is necessary to explore the literature related to translation and the teaching of ESP; to analyse activities and exercises, developed by some teachers of the institution, in order to identify those ones that corroborate what is proposed and to evaluate the effectiveness of translation as a teaching strategy in the context mentioned.

Keywords: Translation; English for Specific Purposes; Technical High School: Teaching Strategy; Summarization Technique.

1. Introdução

No contexto de ensino de língua inglesa no Brasil, encontramos diversas realidades, em sua maioria, divergentes. Há as escolas de idiomas, para quais os alunos vão para aprender a entender, falar, ler e escrever em inglês, geralmente não sendo permitido o uso da língua materna, uma vez que, nessas instituições, os alunos são incentivados a pensar em inglês, sem

* Mestranda em Estudos da Linguagem da UFF e professora de Inglês para Fins Específicos do IFRJ - Campus Rio de Janeiro.

fazer qualquer correlação com a língua portuguesa. Há as instituições de ensino formal, principalmente escolas estaduais e municipais, nas quais, teoricamente, o foco seria o ensino de inglês para fins específicos, mas a realidade é que, na maior parte dos casos, vemos o ensino de gramática e tradução (sem qualquer propósito pedagógico ou simplesmente como forma de avaliação). Contudo, dentro das instituições de ensino formal, há aquelas em que o ESP (Língua Inglesa para Fins Específicos) é trabalhado de forma a visar à coexistência da língua estrangeira (L2) e língua materna (L1).

Embora haja profissionais da área que condenem a utilização da L1 nas aulas de língua estrangeira pela interferência, ou transferência negativa que comumente se observa em todo processo de aquisição de L2, ao observarmos o desempenho de determinados alunos em atividades envolvendo tradução, parece adequado pensar nela como uma boa estratégia de ensino e aprendizagem de ESP numa instituição federal de Ensino Médio Técnico. Faz-se necessário, portanto, esclarecer que o conceito que damos aqui para tradução não implica passar todos os termos de um texto em língua estrangeira para a língua materna. Antes, ele se refere à transferência das informações do texto, de uma língua para outra, durante o processo de leitura, especialmente quando as tarefas envolvem resumos em L1 de partes do texto original, em L2. Sendo assim, a motivação para esta pesquisa é consequência de cerca de dois anos de experiência com o ensino de ESP no contexto de ensino em questão e a percepção de que os alunos se sentem desafiados ao trabalhar com L1 (língua materna) e L2 (língua estrangeira) concomitantemente, ao realizarem exercícios que demandem esse tipo de tradução. Tradução essa que não vista como fim, ou forma de avaliação, mas como meio, ou estratégia de aprendizado (RIVERS; TEMPERLY, 1978).

O presente trabalho consiste na análise de uma prática pedagógica alocada em uma instituição federal de Ensino Médio Técnico. Tem-se como objetivo mostrar a tradução como uma estratégia eficaz de ensino e aprendizagem de ESP no contexto mencionado, uma vez que, apesar de não ser a única estratégia de ensino/aprendizagem utilizada em ESP, tem se revelado eficaz segundo nossa experiência profissional. Nosso objeto de estudo são os diferentes exercícios que abordam a técnica de resumo em língua materna, ou tradução reduzida, visando extrair e resumir, usando a língua materna, as informações principais contidas no texto.

O trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, explicitamos nosso direcionamento teórico, cujos pressupostos e conceitos foram prioritariamente tomados de

Rivers; Temperly (1978); Hutchinson; Waters (1987); Amorim (1995); Alves; Magalhães; Pagano (2000); Gatehouse (2001); Koda (2004); Vereza (2005); Bonfim (2006). Nosso recorte científico se encontra, portanto, na interseção das áreas de Ensino de Inglês como L2 e Tradução. Na segunda parte, a partir de uma análise das atividades feitas por alunos e exercícios elaborados por parte do corpo docente da instituição para o ensino de ESP fazemos uma breve discussão sobre eficácia da tradução como estratégia de ensino no contexto mencionado.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Tradução, transferência e leitura em L2.

Os três conceitos que são títulos desta subdivisão são abordados de forma genérica, sendo direcionados para o bilinguismo que ocorre no processo de aprendizado de uma língua estrangeira; aprendizado que, no caso da presente análise, prioriza a leitura em L2, pois é um dos focos do ESP. Na verdade, os três conceitos estão muito relacionados a partir de uma perspectiva que a transferência ocorre naturalmente desde o início do processo de leitura quando ocorre a tradução mental – de L1 para L2 – das habilidades linguísticas.

Koda (2004) discorre sobre diversos autores que, por sua vez, tem estudos publicados sobre diversas habilidades linguísticas que são transferidas durante o processo de produção e interpretação – este também visto como leitura – em L2, elas são: a morfossintaxe da língua, fonologia, pragmática, consciência metalinguística e estratégias comunicativas. E ainda diz que “à luz dos estudos mencionados, é sensato declarar que muitas habilidades de leitura desenvolvidas em uma língua podem ser aplicadas a outra”¹ (KODA, 2004, p. 14) e que “quanto mais transferência houver, mais fácil e melhor se torna a compreensão em L2”² (KODA, 2004, p. 14). Para ilustrar a forma de tradução (transferência) a ser aplicada aqui, podemos comparar com o que Alves chama de Bloco Automático (BA), que segundo ele, contém as unidades temáticas para as quais o tradutor já tem uma equivalência preestabelecida, e são processadas quase natural e automaticamente (ALVES;

¹ “In the light of these findings, it seems reasonable to assume that many reading skills developed in one language can be applied to another”. (KODA, 2004, p. 14)

² “[...]”the more transfer, the easier and better L2 comprehension”. (KODA, 2004, p. 14)

MAGALHÃES; PAGANO, 2000). Dessa forma, a transferência não passa pelo refinamento que a tradução (no real sentido da palavra) deve passar.

Contudo, ao contrário do que é postulado por Koda (2004), muitos teóricos veem a transferência de forma negativa, ou como interferência, principalmente pelo audiolinguismo, que é influenciado pelas correntes behavioristas. Por outro lado, há teóricos que pensam de forma diferente, como é o exemplo de Amorim (1995):

Outra questão importante diz respeito à utilização da língua materna na sala de aula de língua inglesa. Todo o conhecimento que o aluno possui em L1 não deve ser considerado como influência negativa e, portanto, banido da sala de aula de inglês. Ao contrário, este deve ser levado em conta durante o aprendizado de LE. (AMORIM, 1995, p. 89)

E, como a proposta deste trabalho é ver a tradução como transferência positiva durante o processo de leitura realizado por estudantes de inglês como L2, a definição de tradução citada por Bonfim (2006), referenciada em Hurtado Albir (2005), se mostra bastante pertinente: “um processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto com os meios de outra língua e que se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada”. Essa definição corrobora a definição de Koda (2004) ao aprendizado de leitura em L2 que, segundo ela, envolve duas ou mais línguas³ e que o “sucesso [que o aprendiz tem] na leitura em L2 depende extremamente da competência linguística em L1 previamente adquirida” (KODA, 2004, p. 22)⁴.

2.2. Leitura no ensino de inglês para fins específicos (ESP).

Surgido nos Estados Unidos após a demanda de “especialização” na língua inglesa, principalmente por motivos econômicos, o inglês para fins específicos é uma abordagem de aprendizado com foco nas necessidades dos aprendizes, ou seja, todo conteúdo temático e linguístico é baseado nas motivações que alunos tem para aprenderem a língua (HUTCHINSON; WATERS, 1987, p. 19). Segundo Neves⁵, “uma característica desta abordagem é que a língua não é ensinada com um fim em si mesma, mas como um meio para

³ [...] “by definition, learning to read a second language involves two or more languages...” (KODA, 2004, p. 3)

⁴ [...] “L2 reading success depends heavily on previously acquired L1 literacy competence.” (KODA, 2004, p. 22)

⁵ O ensaio do qual a fundamentação teórica foi retirada foi publicado pela professora Raquel Abrahão Edreira Neves, veiculado pelo site da Universidade Católica de Goiás, e não possui data de publicação explicitada.

se alcançar uma finalidade específica”, o que corrobora o que Hutchinson e Waters (1987) dizem, ao chamar o ESP de abordagem (dando ênfase ao processo), não de produto. Neves ainda ressalta que o ESP trabalha com as quatro habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler e escrever), porém o foco desta pesquisa é a leitura, que, segundo a autora, também é a habilidade mais ensinada no Brasil, pois é a que desperta mais interesse nos alunos, seja o fim acadêmico ou profissional. Uma justificativa para tal foco é dada por Vereza (2005) ao dizer que, no Brasil, “o inglês não é normalmente usado em situações comunicativas da vida cotidiana, mas sim, na maior parte das vezes, em situações acadêmico-profissionais”. Também vale destacar que tal habilidade é privilegiada nos documentos oficiais: Parâmetros Curriculares Nacionais e Orientações Curriculares.

Gatehouse (2001), referenciado em Carver (1983), delimita três características dos cursos de inglês para fins específicos, são elas: material autêntico, orientação relacionada ao fim/propósito e autonomia (no aprendizado)⁶. Por isso, as instruções são dadas de maneira a proporcionar aos alunos tal autonomia, dentre elas, podemos destacar as estratégias cognitivas, que contribuem grandemente no processo de leitura (VEREZA, 2005). Além das estratégias de leitura, a saber, antecipação, previsão, inferência, skimming e scanning (HEEMANN, 2009), pode-se mencionar também a análise do gênero textual, do tipo de texto, das palavras cognatas, dos elos coesivos e dos elementos de coerência. Tais estratégias, em sua maioria, já são inconscientemente utilizadas por todos os leitores, mas cabe ao professor de ESP esclarecer e incentivar o uso das mesmas antes de partirem para a leitura dos textos nas aulas, pois os alunos raramente mostram ter consciência de tais estratégias (AMORIM, 1995).

Sobre o uso da tradução no ensino de inglês para fins específicos, Widdowson (1979, *apud*. ROMANELLI, 2006)

[...] defende o uso da tradução, sobretudo quando uma língua estrangeira é estudada para fins específicos (instrumentais). Também nos níveis mais adiantados a tradução pode ser utilizada, mas só em casos de exercícios que não envolvam a estrutura gramatical superficial, e sim, aquela de nível profundo, como quando se deseja estabelecer uma equivalência semântica entre as línguas, ou ainda, uma equivalência pragmática. Através dessas práticas, segundo Widdowson, a aula de línguas estrangeiras seria enriquecida, levando-se os alunos a perceberem que as línguas utilizam

⁶ “The characteristics of ESP courses identified by Carter (1983) are discussed here. He states that there are three features common to ESP courses: a) authentic material, b) purpose-related orientation, and c) self-direction.” (GATEHOUSE, 2001)

meios diferentes para expressar a mesma informação. (ROMANELLI, 2006, p.4)

Dessa forma, visando tornar estratégias em capacidades/habilidades que possam naturalmente ser desempenhada por alunos que, por sua vez, visam se tornar usuários da língua, é necessária a prática. Assim, temos exercícios que tem como objetivo a transferência de informação, ou seja, reorganização da informação contida no texto ao completar tabelas (ou como preferimos chamar, quadro-resumo) ou diagramas com dados obtidos no texto lido (AMORIM, 1995). O resumo, que é algo que acontece naturalmente, assim como a transferência, também é citado como ponto muito importante em cursos de ESP, segundo Rivers e Temperly⁷ (1978).

3. A Tradução como Técnica de Ensino de ESP

3.1. Caracterização da pesquisa

Ainda que brevemente mencionado, vale relembrar neste momento que a pesquisa aqui relatada se caracteriza pela análise de uma prática pedagógica alocada em uma instituição federal de Ensino Médio Técnico, e tem como objetivo mostrar a eficácia da tradução como técnica de ensino de inglês para fins específicos baseada em experiências profissionais por meio da análise de exercícios elaborados pelo corpo docente da disciplina.

3.1.1. *Corpus*, metodologia e hipótese

O *corpus* é composto por exercícios e atividades que abordam a técnica de resumo (ou tradução reduzida) elaborados pelos professores da instituição em questão, aplicados a alunos dos diferentes cursos de oferecidos – Química, Biotecnologia, Farmácia, Alimentos e Meio Ambiente – pertencentes a diferentes níveis de fluência na LE (língua estrangeira) e diferentes períodos letivos. A instituição oferece a disciplina ESP para alunos de Química e

⁷ “For the normal purposes of the ESP course, students should be required to draw out important points for larger passages, either in the form of succinct note-taking or summarizing, or in order to provide answers to thought-provoking questions on the text. This parallels more closely the ultimate purposes for which the students are in class”. (RIVERS; TEMPERLY, 1978, p. 200).

Biotecnologia por 3 períodos (do 5º ao 7º), por 4 períodos para alunos de Farmácia (do 5º ao 8º) e Meio Ambiente (do 3º ao 6º), e por 5 períodos para alunos de Alimentos (do 3º ao 7º). As turmas, no geral, são compostas por um número razoável de alunos, de 10 a 20, pois são divididas por nível de conhecimento da língua, o que facilita bastante a análise de necessidades dos alunos. Baseados nos pressupostos teóricos anteriormente abordados, a análise dos exercícios e atividades será realizada de acordo com o curso, o nível de fluência em inglês e os objetivos específicos de cada atividade ou exercício, a saber, introduzir certo tema, dar destaque a pontos principais e relevantes do assunto, compreensão do texto em termos gerais, compreensão e relato de artigos científicos, etc. Tal análise permite, assim, uma reflexão sobre a eficácia da tradução, também tratada aqui como transferência, como estratégia de ensino/aprendizado de ESP no contexto dessa instituição federal de Ensino Médio Técnico.

3.1.2. Sujeitos

Os alunos geralmente têm um bom conhecimento da língua inglesa, o que ajuda na realização dos exercícios, ainda assim, eles se sentem desafiados com atividades que abordam L1 e L2 concomitantemente. São alunos pertencentes aos cursos de Química, Biotecnologia, Farmácia, Alimentos e Meio Ambiente que, no geral, usam o inglês principalmente para leitura de textos do ciclo de disciplinas específicas (técnicas) ou no estágio obrigatório.

3.2. Descrição e categorização de exercícios usados em ESP

Como citado anteriormente, o corpus contém exercícios e atividades de cinco cursos de Ensino Médio Técnico oferecidos pela instituição, a saber, Química, Biotecnologia, Farmácia, Alimentos e Meio Ambiente. A análise foi feita de acordo com o nível de conhecimento da língua, o curso e os objetivos das atividades e/ou exercícios. Foram analisados, respectivamente, exercícios de quadro-resumo, diagramas, atividades de fichamento de artigo científico e *slides* para apresentação oral em L1. As demais comparações e comentários são feitos na parte “Discussão e Análise dos Resultados”.

3.2.1. Quadro-resumo

Chamamos aqui de quadro-resumo uma atividade cujo objetivo é a transferência de informação, ou seja, reorganização da informação contida no texto ao completar tabelas com dados obtidos no mesmo (AMORIM, 1995). No caso dos exercícios propostos abaixo, a transferência é feita em L1, ou seja, temos uma espécie de tradução reduzida (resumida). Devido aos limites físicos do presente trabalho, serão apresentadas aqui partes dos exercícios, quando não for possível mostrá-los completamente.

O exercício a seguir é aplicado para alunos do 6º período dos cursos de Farmácia e Biotecnologia (níveis mais básico e mais avançado) e tem como objetivo analisar pontos principais de uma notícia do site da BBC News que traz resultados de uma pesquisa sobre contraceptivos, tema de extrema relevância para ambos os cursos. Ao realizar as atividades, os alunos deverão considerar as conclusões de estudos realizados, o método de pesquisa e os dados numéricos apresentados na segunda parte do texto (Delay).

Exercício 1:

5 10 15 20 25	Pill may boost fertility Taking the Pill for a long period may actually improve women's subsequent fertility and not reduce it as had been feared, researchers suggest. The findings from the <i>Children of the 90s</i> study can be seen as reassuring for long-term Pill users, say the researchers. Some studies published over the last 20 years had suggested that taking the Pill could reduce subsequent fertility. Others have reported temporary delays in women trying to become pregnant after stopping taking oral contraceptives compared to those who had used other forms of contraception. But this study by researchers at Bristol and Brunel universities found women who take the Pill for more than five years have a greater chance of becoming pregnant within six months than women who have never used it. They also showed those who had taken the oral contraceptive for longer period could find it quicker to get pregnant than those who used it for shorter period. Delay The researchers asked over 8,000 women to complete questionnaires while they were pregnant. The women were all	Conclusão dos estudos realizados nos últimos 20 anos
	Conclusão de outros estudos anteriores	
	Conclusão dos estudos do "Children of the 90s" das Universidades de Bristol e Brunel	
	Método da pesquisa	
	Dados levados em consideração	
	a)	
	b)	
	c)	
	d)	

O exercício abaixo, que é usado com alunos do 4º período de Alimentos, tem o objetivo de introduzir o assunto “diabetes” em L2, de modo a ativar o conhecimento prévio

sobre o assunto, já que nesse período os alunos estudam as doenças relacionadas à alimentação.

Exercício 2:

Diabetes Overview

Diabetes is a life-long disease marked by elevated levels of sugar in the blood. It can be caused by too little insulin (a chemical produced by the pancreas to regulate blood sugar), resistance to insulin, or both.

To understand diabetes, it is important to first understand the normal process of food metabolism. Several things happen when food is digested: A sugar called glucose enters the bloodstream. Glucose is a source of fuel for the body. An organ called the pancreas makes insulin. The role of insulin is to move glucose from the bloodstream into muscle, fat, and liver cells, where it can be used as fuel. People with diabetes have high blood glucose. This is due to the fact that their pancreas does not make enough insulin or their muscle, fat, and liver cells do not respond to insulin normally, or both.

There are three major types of diabetes:

Type 1 diabetes is usually diagnosed in childhood. The body makes little or no insulin, so daily injections of insulin are required to sustain life. Without proper daily management, medical emergencies can arise.

Type 2 diabetes is far more common than type 1 and makes up about 90% of all cases of diabetes. It usually occurs in adulthood. Here, the pancreas does not make enough insulin to keep blood glucose levels normal, often because the body does not respond well to the insulin. Many people with type 2 diabetes do not know they have it, although it is a serious condition.

Gestational diabetes is high blood glucose that develops at any time during pregnancy in a person who does not have diabetes.

There are many risk factors for diabetes, including: Family history of diabetes (parent or sibling); Obesity; Age greater than 45 years; Certain ethnic groups (particularly African-Americans and Hispanic Americans); High blood pressure; High blood levels of triglycerides (a type of fat molecule); High blood cholesterol level.

High blood levels of glucose can cause several problems, including frequent urination, excessive thirst, hunger, fatigue, weight loss and blurry vision. However, because type 2 diabetes develops slowly, some people with high blood sugar experience no symptoms at all. About 40% of type 2 diabetics have no symptoms of the condition.

(Abridged from health.yahoo.com/health/enters/diabetes/)

(A) Complete o quadro, em português, com base no texto.

Definição		
Tipos de Diabetes	Ocorrência	Causa
Fatores de Risco	*	*
	*	*
Sintomas	*	*

Assim como o exercício anterior, a atividade sobre clonagem a seguir, também tem como objetivo introduzir o assunto em L2 para alunos do 7º período de Biotecnologia, a fim de fazer uso do conhecimento que eles já adquiriram principalmente nas disciplinas relacionadas às técnicas específicas. O texto original tem 6 páginas (mais duas páginas de sugestões de leituras adicionais) e o exercício consiste de uma tabela de uma página para ser completada em L1.

Exercício 3:

Objetivos: ler texto informativo sobre clonagem e desenvolver técnica de resumo

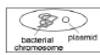


Introduction

The possibility of human cloning, raised when Scottish scientists at Roslin Institute created the much-celebrated sheep "Dolly" (*Nature* 385, 810-13, 1997), aroused worldwide interest and concern because of its scientific and ethical implications. The feat, cited by *Science* magazine as the breakthrough of 1997, also generated uncertainty over the meaning of "cloning" --an umbrella term traditionally used by scientists to describe different processes for duplicating biological material.

What is cloning? Are there different types of cloning?

When the media report on cloning in the news, they are usually talking about only one type called reproductive cloning. There are different types of cloning however, and cloning technologies can be used for other purposes besides producing the genetic twin of another organism. A basic understanding of the different types of cloning is key to taking an informed stance on current public policy issues and making the best possible personal decisions. The following three types of cloning technologies will be discussed: (1) recombinant DNA technology or DNA cloning, (2) reproductive cloning, and (3) therapeutic cloning.



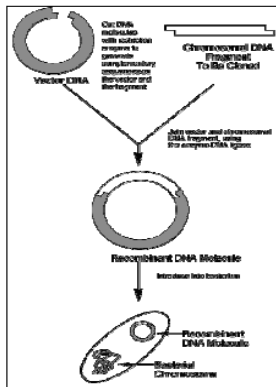
Recombinant DNA Technology or DNA Cloning

The terms "recombinant DNA technology," "DNA cloning," "molecular cloning," and "gene cloning" all refer to the same process: the transfer of a DNA fragment of interest from one organism to a self-replicating genetic element such as a bacterial plasmid. The DNA of interest can then be propagated in a foreign host cell. This technology has been around since the 1970s, and it has become a common practice in molecular biology labs today.

Scientists studying a particular gene often use bacterial plasmids to generate multiple copies of the same gene. Plasmids are self-replicating extra-chromosomal circular DNA molecules, distinct from the normal bacterial genome (see image to the right). Plasmids and other types of

cloning vectors were used by Human Genome Project researchers to copy genes and other pieces of chromosomes to generate enough identical material for further study.

To "clone a gene," a DNA fragment containing the gene of interest is isolated from chromosomal DNA using restriction enzymes and then united with a plasmid that has been cut with the same restriction enzymes. When the fragment of chromosomal DNA is joined with its cloning vector in the lab, it is called a "recombinant DNA molecule." Following introduction into suitable host cells, the recombinant DNA can then be reproduced along with the host cell DNA. See a diagram depicting this process:



Plasmids can carry up to 20,000 bp of foreign DNA. Besides bacterial plasmids, some other cloning vectors include viruses, bacteria artificial chromosomes (BACs), and yeast artificial chromosomes (YACs). Cosmids are artificially constructed cloning vectors that carry up to 45 kb of foreign DNA and can be packaged in lambda phage particles for infection into *E. coli* cells. BACs utilize the naturally occurring F-factor plasmid found in *E. coli* to carry 100- to 300-kb DNA inserts. A YAC is a functional chromosome derived from yeast that can carry up to 1 MB of foreign DNA. Bacteria are most often used as the host cells for recombinant DNA molecules, but yeast and mammalian cells also are used.

Reproductive Cloning

Reproductive cloning is a technology used to generate an animal that has the same nuclear DNA as another currently or previously existing animal. Dolly was created by reproductive cloning technology. In a process called "somatic cell nuclear transfer" (SCNT), scientists transfer genetic material from the nucleus of a donor adult cell to an egg whose nucleus, and thus its genetic material, has been removed. The reconstructed egg containing the DNA from a donor cell must be treated with chemicals or electric current in order to stimulate cell division. Once the cloned embryo reaches a suitable stage, it is transferred to the uterus of a female host where it continues to develop until birth.

Objetivos: ler texto informativo sobre clonagem e desenvolver técnica de resumo

1. Complete o quadro a seguir com informações resumidas sobre o texto:

Definição geral do termo "clonagem":	
Tipos de clonagem:	
Tecnologia do DNA recombinante ou clonagem de DNA:	
Clonagem reprodutiva:	
Clonagem terapêutica:	
Usos da tecnologia de clonagem:	
Clonagem de animais:	
Clonagem de órgãos para transplante:	
Riscos da clonagem:	
Clonagem humana:	

O exercício sobre o texto *About Fireworks* que segue é aplicado a alunos de 6º período do curso de Química, em que um dos temas a ser abordado, de acordo com a análise de necessidades, é a química no cotidiano e tem como objetivo resumir e apontar pontos principais de uma parte do texto que fala sobre a função dos ingredientes contidos nos fogos de artifício.

Exercício 4:

About Fireworks
Introduction
 The Chemistry of fireworks is based on the simple theory of combustion. The composition inside the firework must contain 6 vital ingredients.

5 **Fuel**
 Charcoal, commonly known in the pyrotechnic industry as black powder is the most common fuel used in fireworks. The mechanism by which the fuel functions in the firework is relatively simple. The fuel loses electrons to atoms within the oxidiser, reducing the oxidiser and releasing atoms from it. During this process, bonds are formed between the fuel and oxygen atoms forming a product which is relatively stable. However, only a minimal amount of energy is required to start the combustion of this fuel-oxidiser compound. When combustion starts, the result is a massive release of energy as the solid mixture liquefies and vaporises into the flame of ignition.

10 **Oxidising Agents**
 The function of the oxidising agent is to produce the oxygen needed in order for the mixture inside the firework to burn. These oxidisers can be nitrates, chlorates or perchlorates.

15 **Reducing Agents**
 These burn the oxygen provided by the oxidising agents to produce hot gasses. Common reducing agents are sulphur and charcoal. These react with the oxygen to form sulphur dioxide and carbon dioxide, respectively. By mixing both reducing agents, the speed of the reaction can be controlled.

20 **Regulators**
 Metals can be added to regulate the speed at which the reaction occurs. The larger the surface area of the metal, the faster the reaction will proceed (collision theory).

25 **Colouring Agents**
 Different chemicals are used to produce different coloured fireworks. Therefore, in order to produce a firework of a certain colour, the correct corresponding chemical or a mixture of chemicals can be used (see table). Hence, strontium used in conjunction with copper will yield a purple firework.

30 **Binders**

Meta	Colour
Strontium	Red
Copper	Blue
Barium	Green
Sodium	Yellow/ Orange
Calcium	Orange

(A) Responda, em português, com base no texto.

1- Como funciona o mecanismo de ignição dos fogos de artifício. _____

2- Em termos gerais, indique a função dos seguintes ingredientes dos fogos de artifício e as substâncias usadas para isso.

Agentes Oxidantes	
Função	
Substâncias usadas	
Agentes Redutores	
Função	
Substâncias usadas	
Reguladores	
Função	
Agentes Colorizantes	
Função	
Substâncias usadas	
Substâncias aglutinadoras	
Função	
Substâncias usadas	

Finalmente, o próximo exercício, cujo texto original tem 2 páginas e uma de exercícios, é utilizado com alunos de 6º período do curso de Meio Ambiente, em que o tema “Agentes Contaminadores no Meio Ambiente” é, concomitantemente, ensinado em disciplinas técnicas.

Exercício 5:



Mercury in the Environment

Fact Sheet 146-00 (October 2000)

Mercury is a highly toxic element that is found both naturally and as an introduced contaminant in the environment. Although its potential for toxicity in highly contaminated areas such as Minamata Bay, Japan, in the 1950s and 1960s, is well documented, research has shown that mercury can be a threat to the health of people and wildlife in many environments that are not obviously polluted. The risk is determined by the likelihood of exposure, the form of mercury present (some forms are more toxic than others), and the geochemical and ecological factors that influence how mercury moves and changes form in the environment.

Toxic Effects

The toxic effects of mercury depend on its chemical form and the route of exposure.

10 Methylmercury [CH₃Hg] is the most toxic form. It affects the immune system, alters genetic and enzyme systems, and damages the nervous system, including coordination and the senses of touch, taste, and sight. Methylmercury is particularly damaging to developing embryos, which are five to ten times more sensitive than adults. Exposure to methylmercury is usually by ingestion, and it is absorbed more readily and excreted more slowly than other forms of mercury. Elemental mercury, Hg(0), the form released from broken thermometers, causes tremors, gingivitis, and excitability when vapors are inhaled over a long period of time. Although it is less toxic than methylmercury, elemental mercury may be found in higher concentrations in environments such as gold mine sites, where it has been used to extract gold. If elemental mercury is ingested, it is absorbed relatively slowly and may pass through the digestive system without causing damage. Ingestion of other common forms of mercury, such as the salt HgCl₂, which damages the gastrointestinal tract and causes kidney failure, is unlikely from environmental sources.



Risk to People

15 People are exposed to methylmercury almost entirely by eating contaminated fish and wildlife that are at the top of aquatic food chains. The National Research Council, in its 2000 report on the toxicological effects of methylmercury, pointed out that the population at highest risk is the offspring of women who consume large amounts of fish and seafood. The report went on to estimate that more than 60,000 children

(A) Antes de iniciar sua leitura, observe o título, subtítulos e os blocos retóricos que compõem o texto. Indique o número do bloco retórico em que se encontra cada uma das funções comunicativas listadas a seguir. (Alguns parênteses podem ficar em branco.)

- 1- Introduction
- 2- Toxic Effects
- 3- Risk to People
- 4- Risk to Wildlife
- 5- Sources of Mercury
- 6- What factors affect methylation?
- 7- How does mercury enter the food chain?
- 8- Mercury Contamination - Past, Present and Future

- () Define metilação e explica como ela ocorre.
- () Destaca a dificuldade dos cientistas em estabelecer as interações entre mercúrio e meio-ambiente, citando exemplos.
- () Explica de que forma a contaminação da água de lagos e de outros corpos de água pode ser evitada a curto e longo prazos.
- () Descreve os meios como o mercúrio pode vir a ser consumido pelos seres humanos e apresenta dados sobre a contaminação por esse elemento.
- () Cita as fontes causadoras da contaminação por mercúrio.
- () Descreve um acidente real ocorrido devido à liberação por parte de uma indústria de mercúrio na atmosfera.
- () Caracteriza o mercúrio como elemento tóxico e aponta os fatores que determinam seu grau de toxicidade.
- () Cita os fatores que interferem na aceleração do processo de metilação.
- () Descreve os efeitos nocivos do mercúrio e do metilmercúrio no organismo humano.
- () Compara a situação da contaminação por mercúrio em algumas cidades americanas no

(C) Complete a tabela a seguir com as informações obtidas no texto.

Mercúrio no meio-ambiente			
Fontes	naturais		
	antropogênicas		
Forma mais perigosa (metilmercúrio)	como é formada		
Fatores que favorecem sua disseminação			
	dificultam sua disseminação		
toxocore a magnificacão			

3.2.2. Diagrama

Assim como o quadro-resumo (tabela), o diagrama também é mencionado por Amorim (1995, p. 84) como uma proposta de atividade para cursos de ESP. Nem sempre os diagramas aparecerão completos, pois, nesta subseção, também há limites espaciais a serem respeitados.

O próximo exercício, baseado na leitura da notícia *American Dust Brings Germs Across Ocean*, é utilizado com alunos de 6º período de Meio Ambiente. O texto tem ligação com a temática da Poluição e as Consequências para a Saúde, tema esse muito relevante e recorrente no curso. O diagrama tem o objetivo de resumir uma parte do texto somente, pois as outras são tratadas nos demais exercícios.

Exercício 6:

African Dust Brings Germs Across Ocean	
July 1, 2001	By RANDOLPH E. SCHMID
WASHINGTON — Dust from the African deserts is bringing germs and fungi across the Atlantic. Researchers who tested samples of the dust collected last summer warn that "pathogenic microbes associated with dust clouds may pose a risk to ecosystem and human health."	
5	While windborne transport of African dust to North and South America long has been known, scientists thought that few microbes would survive the trip because of exposure to ultraviolet radiation in the atmosphere.
Researchers now believe the dust clouds themselves block enough of the light to protect bacteria and other microbes during the 5- to 7-day journey.	
10	The findings of the group, led by Dale W. Griffin of the U.S. Geological Survey, are reported in the June issue of the journal <i>Aerobiologia</i> .
About 10 percent of the microbes identified were "opportunistic pathogens," Griffin said in a telephone interview.	
15	They are organisms that do not cause disease in healthy humans, but could affect someone with a compromised immune system such as AIDS patients, the very old or young and transplant or cancer patients with suppressed immune systems, he said.
"For most healthy individuals, I don't think it's a problem," said Griffin, a public health and environmental microbiologist.	
In addition, he said, some 25 percent of the microbes were known plant pathogens that affect elm trees or such crops as peaches, cotton and rice, he said.	
20	Joseph M. Prospero, director of the Cooperative Institute for Marine and Atmospheric Studies at the University of Miami said his research in Barbados also has seen fungi and bacteria associated with African dust.
He said there has been a "very clear association" of sharply increased incidence of viable fungi and bacteria in African dust arrivals.	
25	"There's no question you can transport a lot of stuff through the atmosphere," Prospero said in a telephone interview.
When the trajectories of the dust are traced backward, the dust clouds with the bacteria come only from Africa, while dust arriving from Europe or North America does not include bacteria, said Prospero, who was not associated with Griffin's team.	
30	The movement of African dust across the ocean has been increasing in recent years with the growing drought in Africa. It peaks in June through October. Large dust arrivals have been measured over roughly 30 percent of the United States, with about half the volume settling on

2- Por que eles acreditavam que esses micróbios apresentavam pouco risco?

3- Que novas informações a esse respeito foram obtidas pela pesquisa?

4- Que tipos de pessoas seriam mais suscetíveis a ser afetadas por esses microorganismos?

5- A que se refere o percentual de 25% (linha 18)?

6- Complete o diagrama com base no texto.

7- Explique a que se referem os valores de 30% e ½ (linha 32).

Entretanto, a atividade a seguir tem um diagrama cujo objetivo é direcionar o resumo de um pequeno texto introdutório sobre poluição do ar. Neste exercício, alunos do 3º período do curso de Meio Ambiente fazem uso principalmente do conhecimento prévio sobre assunto e de reconhecimento de palavras cognatas para completarem o diagrama de forma objetiva e clara.

Exercício 7:

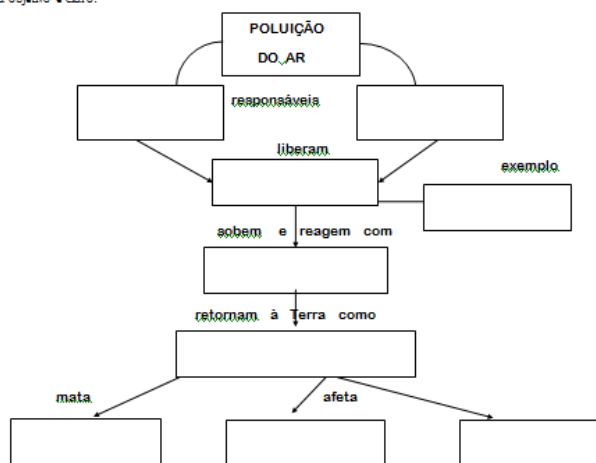
Air pollution is the result of man's use of lethal chemicals, and is a common hazard in both industrial and developing countries. One form of air pollution is acid rain.

Acid rain results from the release into the atmosphere of sulfur oxide and nitrogen oxide. Electrical generating plants, industrial boilers, large smelters, and automobiles are among the chief source of these emissions. The gases react with water droplets, forming a diluted mixture of sulfuric acid and nitric acid, and it is this mixture that returns to earth in the form of acid rain, mist, or snow. Pushed by wind currents, the acid rain often falls to the ground far from its point of origin.

Acid rain is killing vast stretches of forest in Canada, the United States, and central and northern Europe. In Europe, nearly every species of tree is affected. Symptoms include thinning of leaves and needles, deformed growth, and, in some cases, death. Acid rain has acidified lakes and streams, rendering them unable to support fish, wildlife, plants or insects. In Sweden, at least 40,000 of the 90,000 lakes have been affected, and in the United States one in five lakes suffers from this type of pollution.

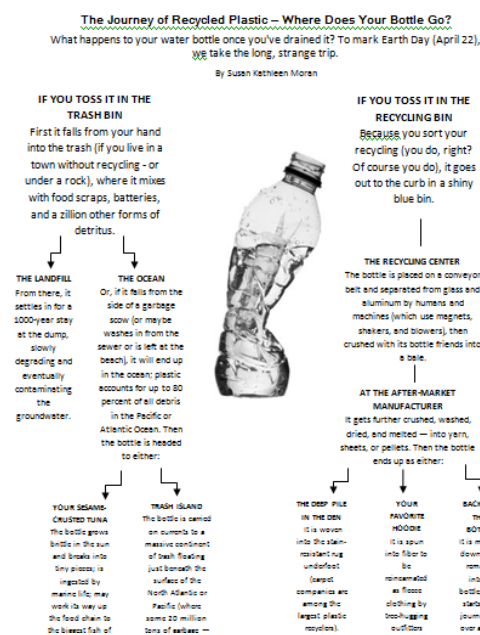
(From a poster by English Teaching FORUM, Oct. 1998)

Leia o texto acima sobre um problema ambiental importante e, em português, complete o diagrama de acordo. Seja objetivo e claro.

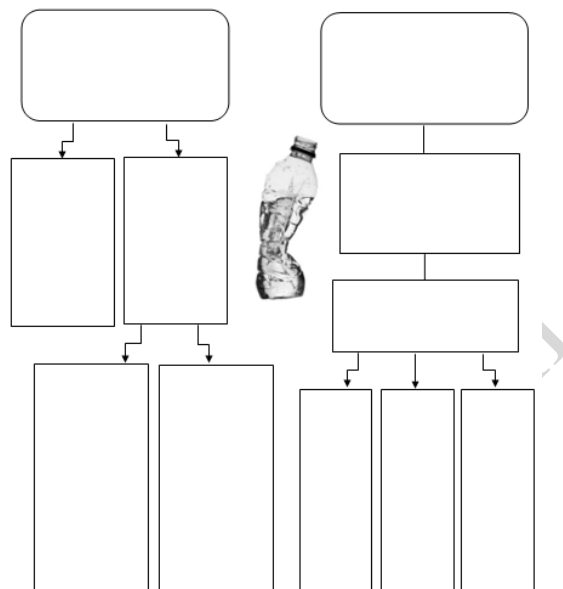


Finalmente, há mais uma atividade aplicada ao curso de Meio Ambiente, para alunos do 6º período, cujo tema Lixo e Consequências Ecológicas é amplamente trabalhado. Nota-se que a construção do diagrama segue o mesmo formato apresentado no texto original. O exercício tem como objetivo que o aluno refaça o diagrama em L1 de maneira resumida, preservando as informações essenciais, ou seja, os pontos principais.

Exercício 8:



Refaça o diagrama em português, de forma resumida, preservando as informações essenciais:



Os dois outros tipos de atividades serão descritos abaixo, analisados nos itens subsequentes, mas os exemplos não serão incluídos, visto que as atividades podem ser realizadas com qualquer artigo científico pertinente aos alunos. Além disso, os *slides* demonstram apenas o produto de um trabalho realizado em cerca de um mês. Dessa forma, a metodologia do trabalho, em que o papel da transferência e da técnica de resumo foi fundamental, torna-se tão relevante quanto, ou até mesmo mais do que o produto.

3.2.3. Fichamento

O exercício de fichamento de artigos científicos foi realizado com alunos do 7º período do curso de Alimentos, a fim de prepará-los para a apresentação oral do mesmo. Cada grupo, com 4 alunos, fez um fichamento de, no máximo, uma página (A4) em que discorreram de forma resumida sobre todas as partes do artigo em L1. O item 3.3.4 tratará da continuidade do trabalho realizado.

3.2.4. Slides para apresentação oral em L1

Visando completar o trabalho de concomitância de L1 e L2 que tinha sido previamente realizado com os alunos do 7º do curso de Alimentos (vide item 3.2.3), a culminância foi uma apresentação oral em L1, em que os alunos utilizaram *slides* em L2 como recurso visual e

mnemônico. Neste caso, a parte oral representou o uso da transferência baseada nos *slides*, que colaboraram para uma apresentação relativamente curta, resumida, do artigo científico.

Além dessa, uma atividade semelhante foi realizada com uma turma de 8º período (concluintes) do curso de Farmácia. Contudo, não houve uma parte escrita como preparação para a apresentação oral, pois o trabalho foi sugerido por professores de uma disciplina técnica do curso, que exigiram a inclusão de uma breve exposição de um artigo científico que elucidasse de maneira eficaz o assunto que estava sendo estudado naquele momento. Sendo assim, a transferência e a técnica de resumo foram utilizadas nos *slides* e se configuraram como ajuda visual e mnemônica para a apresentação oral, que foi a culminância do processo realizado. Ambos os *slides* e a apresentação foram feitos em L2.

3.3. Análise e discussão dos resultados

Esta seção é dedicada à análise dos exercícios descritos na parte anterior (3.2), em relação à fundamentação teórica, e a uma discussão sobre a relevância dos mesmos dentro no contexto educacional em questão.

Como já foi mencionado em outras partes deste trabalho, os exercícios escolhidos, descritos e analisados priorizam a transferência – tradução natural, recurso primeiro e inerente ao ser humano ao realizar o processo de leitura – e a técnica de resumo, que prima a transferência de informações de maneira reorganizada em tabelas ou diagramas (AMORIM, 1995). Para ilustrar, podemos iniciar pelos exercícios de quadro-resumo e diagrama. Eles contemplam os mais diferentes objetivos específicos das atividades, detalhados a seguir.

O quadro-resumo do Exercício 1 engloba compreensão geral do texto, do início ao fim, mas o exercício se concentra em dados científicos e estatísticos presentes no texto, e os demais dados do texto são abordados por outro exercício subsequente. Tal fato se torna pertinente ao pensarmos na estrutura do texto: uma notícia que faz uma divulgação científica.

O Exercício 2, por outro lado, visa à compreensão do texto inteiro e à busca de detalhes de todas as partes. O exercício, por exemplo, pede que o aluno defina diabetes, cite os tipos etc., conforme a ordem que o texto se apresenta. Isso ocorre, principalmente, pelo texto ser uma introdução à doença, o que faz com que todas essas informações se tornem relevantes aos alunos.

Assim como o quadro-resumo do Exercício 2, o Exercício 3 também demanda uma compreensão global do texto, porém de forma mais pontual. Os alunos estão sendo introduzidos ao assunto por meio de um texto longo, ou seja, estão realizando leitura extensiva, e precisam preencher o quadro com um pequeno resumo de cada uma das partes do texto. Os objetivos deste exercício se apresentam assim, principalmente, pelo caráter introdutório do exercício e pelo tempo de aula, pois os alunos realizaram a leitura, os exercícios e a discussão das repostas numa aula de 1 hora e 30 minutos.

Diferentemente das atividades analisadas, a Exercício 4 prioriza a transferência de informações presentes em uma parte específica do texto, em que trata da função e a substância contida em cada agente/ingrediente contido nos fogos de artifício, e as outras partes do texto são abordadas por perguntas de compreensão. Esse tipo de estruturação do exercício dá-se, provavelmente, pela estrutura dos tópicos do texto que discorrem sobre um assunto com elementos em comum. Por exemplo, em todos os tópicos há menção à função e à substância usada em cada agente/ingrediente dos fogos de artifício. Essa semelhança de abordagem de informações fica bem clara na organização do quadro-resumo.

Finalmente, o último quadro resumo, que faz parte do Exercício 5, que também requer compreensão total do texto, não é pontuado pelos tópicos apresentados no texto, assim como ocorreu no Exercício 3. Os tópicos do texto são norteadores do primeiro exercício, que enfoca a função comunicativa de cada bloco retórico. Contudo, a realização desse primeiro exercício parece colaborar de forma significativa na execução do segundo, que é o foco de nossa análise, pois ajuda o aluno a encontrar as informações a serem transferidas de forma resumida para o quadro. No entanto, devido ao detalhamento do exercício, é necessária uma leitura mais aprofundada do texto.

Começando pela análise do primeiro diagrama, o do Exercício 6, pode ser observado que o mesmo funciona como uma tentativa de reproduzir a trajetória da poeira, em que os lugares de partida e chegada são sinalizados por setas, bem como os efeitos provocados por ela. Sendo assim, o exercício aborda somente uma parte do texto, e o diagrama serve como guia para compreensão do percurso percorrido pela poeira que é ponto principal do texto.

No Exercício 7, por outro lado, o diagrama trabalha a compreensão do texto inteiro, e as setas e palavras servem de guia para a reorganização das informações contidas no texto. Esta abordagem é viável devido à extensão e ao caráter introdutório do texto, pois é curto e traz conceitos que são desenvolvidos de forma sequencial. Por exemplo, a poluição do ar, que

resulta na chuva ácida, que devasta as florestas. Como o exercício é aplicado a turmas iniciantes, devemos considerar a extensão e a estruturação do texto adequadas para trabalhar a compreensão.

Na sequência, temos o Exercício 8. O diagrama, que, assim como no exercício anterior, é o único exercício proposto, tem também como objetivo reproduzir o *design* do texto original retirado de uma revista. A organização estética do exercício, que é semelhante ao texto, colabora grandemente na compreensão, pois o aluno deve escrever, dentro de cada retângulo, um resumo em L1 preservando as informações essenciais. Dessa forma, ele não somente irá trabalhar a transferência e o resumo, mas também irá julgar o que mais importante dentro daquele texto.

Agora, faremos uma análise dos exercícios de fichamento e *slides* para apresentação oral. Essa parte será mais breve, pois os próprios objetivos dos exercícios que já foram descritos anteriormente. Na turma de Alimentos foram trabalhados fichamentos e os *slides* com o propósito de a primeira parte colaborar na preparação da apresentação do artigo científico, em que grupo levou 20 minutos e cada componente ficou responsável por resumir oralmente uma das partes (introdução, metodologia, discussão, etc). Este trabalho foi utilizado como forma de avaliação de um processo de exploração do gênero artigo científico que estava sendo realizado por cerca de 4 semanas. Os fichamentos foram relevantes na hora da preparação enquanto os *slides* foram de extrema necessidade na hora da apresentação, visto que servem como recurso visual e mnemônico para o bom desempenho no processo de resumo oral, além do fato de os *slides* estarem em L2, possibilitando assim que os alunos estabelecessem uma comparação com os termos em inglês e sua tradução (realizada na apresentação oral). Contudo, na turma de Farmácia, em que não houve o fichamento para a preparação, pois o objetivo do trabalho era preparar o aluno para a apresentação oral a ser realizada em outra disciplina do ciclo técnico, eles usaram somente os *slides* como forma de resumo. Provavelmente, fizeram seus próprios fichamentos ou anotações em L1, pois as aulas aconteceram no laboratório de informática, onde eles puderam consultar glossários e a tradução da terminologia utilizada nos artigos científicos, e eles continuavam o trabalho em suas casas. Sendo assim, aqueles que realizaram esse tipo de preparação, utilizaram a transferência e a técnica de resumo também em sua preparação.

3.4. Implicações pedagógicas

Os exercícios/atividades descritos e analisados neste trabalho têm o objetivo de estimular concomitância de L1 e L2 (transferência) em aulas de inglês para fins específicos e desenvolver a técnica de resumo, ambos inerentes ao ser humano no processo de leitura em L2. Contudo, primordialmente a estes objetivos, os textos abordados nas atividades foram escolhidos de forma a atender às necessidades dos alunos e à demanda do curso técnico. As últimas atividades (fichamento e *slides* de apresentação) tiveram ainda outras implicações pedagógicas. Na turma de Alimentos, por exemplo, ao iniciar o trabalho, os alunos relataram que aquele processo seria de extrema importância para eles, pois parte da turma é envolvida com o Projeto de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBICT) e as aulas e trabalhos estavam colaborando com o desenvolvimento das habilidades oratórias também. Já na turma de Farmácia, podemos ressaltar que o trabalho colaborativo entre professores do ciclo técnico e professores de língua estrangeira corrobora a integração dos profissionais da instituição e dos alunos do curso.

4. Conclusões e Trabalhos Futuros

Resultado de inquietações advindas da experiência com o ensino de inglês para fins específicos e acerca de dogmas postulados que “abominam” o uso de língua materna em ambientes de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, este trabalho torna-se relevante ao analisar atividades propostas e aplicadas a alunos do Ensino Médio Técnico de uma instituição federal como parte do currículo de ESP.

Os pressupostos teóricos que serviram de arcabouço para as análises e discussão dos resultados estão relacionados ao ensino de ESP, tradução, leitura em língua estrangeira, transferências e uso de L1 em aulas de L2. Os principais teóricos abordados foram Bomfim (2006); Vereza (2005); Koda (2004); Gatehouse (2001); Alves; Magalhães; Pagano (2000); Amorim (1997); Hutchinson e Waters (1987); Rivers e Temperly (1978), além de outras fontes bibliográficas que foram consultadas para eventuais esclarecimentos.

As atividades analisadas pertencem a todos os cursos da instituição: Alimentos, Biotecnologia, Farmácia, Meio Ambiente e Química. As atividades envolviam transferência e técnica de resumo trabalhados em quadros-resumo, diagramas, fichamentos e *slides* de apresentação oral, e foram aplicadas com diversos objetivos, dentre eles, compreensão

detalhada de textos curtos, compreensão de pontos principais de texto longos e introdutórios a determinados temas, preparação para apresentação de artigo científico, ajuda mnemônica e recurso visual, reprodução estratégica do formato do texto original, etc. Vale ainda destacar a importância dos exercícios em termos dos temas propostos (relevantes para os alunos de cursos específicos), do trabalho colaborativo (desenvolvido entre disciplinas técnicas e inglês) e do incentivo ao desenvolvimento da oratória e habilidades estéticas (nos *slides*), que muito contribuíram em trabalhos acadêmicos de iniciação científica.

Para trabalhos futuros, ainda abordando a concomitância entre L1 e L2 no ensino de inglês para fins específicos e visando inserir aspectos linguísticos na análise, há a possibilidade de desenvolver uma pesquisa acerca do estudo de sintagmas nominais, principalmente para níveis iniciantes, pois a transferência para L1 implica em diversos fatores, a saber, a questão da ordem das palavras, a questão da tradução de substantivos que funcionam como modificadores que antecedem o núcleo e a questão da possibilidade de a língua inglesa permitir uma sequência de modificadores antepostos ao núcleo, o que não é normal em língua portuguesa. Esta é uma possível extensão do presente trabalho.

Referências Bibliográficas

ALVES, F.; MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. **Traduzir com autonomia**: estratégias para o tradutor em formação. São Paulo: Contexto, 2000.

AMORIM, M. L. V. Ensinando leitura na sala de aula de inglês: teoria e prática. In: TADDEI, E. (Org.). **Perspectivas** – O ensino da Língua Estrangeira. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de educação, 1997, pp. 74-92.

BONFIM, R. **Babel de vozes**: crenças de professores de inglês instrumental sobre tradução. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília – DF.

CARVER, D. Some propositions about ESP. **The ESP Journal**, 2, 1983, pp. 131-137.

GATEHOUSE, K. Key Issues in ESP Curriculum development. **The Internet TESL Journal**, v. 2 (10), 2001. Disponível em < <http://iteslj.org/Articles/Gatehouse-ESP.html> > Acesso em 20 de agosto de 2010.

HEEMANN, C. Inglês Instrumental (ESP): O Uso de Estratégias de Leitura em um Curso Online. **Signo**, UNISC, v. 34 n. 56, p. 137-156, jan.-jun., 2009. Disponível em < <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/787/690> > Acesso em 15 de julho 2010.

HURTADO ALBIR, A. A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. Tradução: Fabio Alves. In: PAGANO, A.; MAGALHAES, C.; ALVES, F. **Competência em Tradução**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005, pp. 19-58.

HUTCHINSON, T., WATERS, A. **English for Specific Purposes: a learning-centered approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

KODA, K. **Insights into second language reading: a cross-linguistic approach**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NEVES, R. A. E. **O que inglês instrumental?** Goiás: Universidade de Goiás, [s.d.]. Disponível em <<http://www2.ucg.br/flash/artigos/OQueInglesInstrumental.PDF>> Acesso em 03 de agosto de 2010.

RIVERS, W., TEMPERLEY, M. **A practical guide to the teaching of English**. New York: Oxford University Press, 1978, pp. 321-325.

ROMANELLI, S. Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão. Inventário – **Revista dos Estudantes do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFBA**, Salvador, n. 05, 2006. Disponível em <<http://www.inventario.ufba.br/05/05sromanelli.htm>> Acesso em 10 de junho de 2010.

VEREZA, S. C. Fundamentos teóricos do inglês instrumental. In: SALLIÉS, T. (Org.). **Oficina de Inglês Instrumental**. Rio de Janeiro: IPEL/PUC-Rio, 2005, pp. 1-3.

WIDDOWSON, H. G. The deep structure of discourse and the use of translation. In: BRUMFIT, C. J.; JOHNSON, K. (eds.) **The Communication Approach to Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1979.

Bibliografia Consultada

BARRETO, A. V. P.; HONORATO, C. T. **Manual de Sobrevivência na Selva Acadêmica**. Rio de Janeiro: Objeto Direto, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – PCN Ensino Médio. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais. Linguagem, códigos e suas tecnologias**. Língua estrangeira moderna. Brasília: MEC, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação e Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN + Ensino Médio – Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

CELANI, M. A. A.; DEYES, A. F.; HOLMES, J. L.; SCOTT, M. R. **ESP in Brazil: 25 years of reflection and evolution**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

Domínios de Lingu@gem

Describing the methodological procedure of a translation studies investigation based on corpora

Sinara de Oliveira Branco*

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento de um estudo na área de Estudos da Tradução baseado em um Corpus Linguístico. Primeiramente, serão apresentadas as visões de teóricos que tratam do uso dos Corpora aplicados aos Estudos da Tradução, bem como as Estratégias de Tradução de Chesterman (1997). O corpus selecionado para a pesquisa é uma compilação de reportagens jornalísticas *online* dos sites *Reuters*, *BBC*, *The New York Times on the Web* e *UOL Jornais* sobre conflitos no Oriente Médio, originalmente escritos em inglês e traduzidos para o português brasileiro. Serão observadas, nas reportagens, as estratégias de tradução utilizadas seguindo o quadro de Estratégias de Tradução sugerido por Chesterman (1997) a partir dos critérios sintáticos, semânticos e pragmáticos, com o intuito de refletir sobre as práticas de tradução relacionadas a reportagens jornalísticas *online*. A metodologia da pesquisa será descrita para que, em seguida, sejam apresentados os procedimentos de análise do corpus. Após a análise, serão feitas considerações sobre o trabalho de tradução de textos jornalísticos *online* seguidos de comentários sobre a contribuição dos Corpora nos Estudos da Tradução.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Estudos Baseados em Corpora; Estratégias de Tradução; Tradução e Jornalismo *Online*.

Abstract This paper aims at presenting the methodological procedure used in order to carry out a study in the area of Translation Studies based on Corpus Linguistics (CL). Theoretical points of view regarding Translation Studies based on Corpora will be presented, as well as Chesterman's (1997) Translation Strategies. The corpus selected for the study is a compilation of online news reports from Reuters, BBC, The New York Times on the Web and UOL *Jornais* regarding Middle East conflicts originally written in English and translated into Brazilian Portuguese. The online news reports will be analysed in order to identify the translation strategies suggested by Chesterman (1997) following the criteria – from syntactic to semantic and then to pragmatic – in order to reflect on the translation practice concerning online news reports. The research methodology will be described followed by the corpus analysis description. After the corpus analysis, some comments on the translation of online news reports as well as on the contribution of Corpora to Translation Studies will be made.

Keywords: Translation Studies; Corpus-Based Studies; Translation Strategies; Translation and Online Journalism.

1 Translation and Online Journalism

In the year 2003, two Brazilian translation scholars published an article in order to reflect upon the specificity of Translation Studies in Brazil. In the article, Pagano &

* Professora da Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, BA

Vasconcellos also mapped TS in the Brazilian context using a CD-ROM published in 2001 which provided a compilation of all research work produced in the Translation Studies (TS) field in Brazil, presenting the theoretical affiliation of each of them between the years 1980 and 1990. The authors used Holmes' (1988) map as a starting point.

Pagano & Vasconcellos (*ibid.*, p. 14) say that, according to Baker (1998, p. 277), this mapping is well-accepted for the organisation of academic activity in the area, since it presents the most traditional lines of research in TS. Its distinction between applied studies (directed to practice) and pure studies (theoretical and descriptive studies developed without any direct practical application) and their subdivisions serve as a guide for translation research. However, for the fact that Holmes' map was developed in the 1970s, there was a need to update his map in order to include some advances from different areas – technology and its tools and research offer, for example. So, the authors (*ibid.*, p. 15) presented a list of sub-categories to be added to Holmes' map.

Translation Studies in Brazil also include 'Applied' and 'Pure' Studies. In the former, the focus of the study is on the computer/translation interface, included in the sub-branch 'Translation Aids' proposed by Holmes; in the latter, this research focuses on Corpus-Based Translation Studies (CTS), included in the sub-branch 'Descriptive'. However, the evolution of technology has provoked the emergence of other types of research, specifically the one being explored here, which becomes a candidate to be added to a specific list – Translation and Online Journalism. The translation of online news reports is an interesting field for research in Translation Studies (TS) as such texts seem to illustrate in an accentuated manner important points at stake in different fields of translation – texts produced in different contexts (American/British ones) reporting issues from specific cultures and realities, in addition to the urgency to translate a text that has to be posted as fast as possible, online.

Relevance of the study of online news reports can be claimed for: (i) the importance of technology in all contexts of life; (ii) the influence of the Internet on the way translations of online news reports are produced, because of the context (generally different cultures and realities), the environment where they are published (the Web); and also (iii) the importance of the computer in the production, dissemination and reception of news events. The computer – and the Internet – is an important tool for text production nowadays and this text production involving technology and the Internet has been problematised in different fields of study – from technology to the human areas.

When we analyse existing target texts, we can never be sure whether a particular translation really reflects a convention or rather the intention of an individual translator. And we would need a rather large number of samples in order to rule out other variables determining the form and quality of a translation, e.g. the (in)competence of the translator or any particular translating instructions given by the initiator. (NORD, 1991b, p. 103)

It seems important to state that the intention here is **not** to focus on any particular linguistic, cultural (or any other specific type of) pattern of translation, but on how the **content** reported is represented from the source texts (ST) selected into the target texts (TT) produced. The choice for content instead of a specific linguistic pattern of translation can be justified still drawing on Nord:

The analysis of text content has not so far been dealt with satisfactorily in the various approaches to translation-relevant text analysis. The concepts of “content”, “meaning”, “sense”, etc. remain vague, and there are very few hints on how to actually elicit the content of a text. The analysis of content is restricted more or less to the level of lexical items (THIEL 1978a, REISS 1984a) and only appears in the form of a summary (THIEL 1978a) or a paraphrase (BÜHLER 1984) of the text. (...)

By “content” we usually mean the reference of the text to objects and phenomena in an extralinguistic reality, which could as easily be a fictitious world as the real world. This reference is expressed mainly by the semantic information contained in the lexical and grammatical structures (e.g. words and phrases, sentence patterns, tense, mood, etc.) used in the text. These structures complement each other, reduce each other’s ambiguity, and together form a coherent context.

Therefore, the starting point for the analysis of content has to be the information carried by the text elements linked on the surface of the text by the text-linguistic linking devices, such as logical connections, theme-rheme relationships, functional sentence perspective, etc. (NORD, 1991, p. 89-90).

Therefore, observing the content of both ST and TT the textual aspects will be examined indirectly via the analysis of the translation strategies used to produce the translations of online news reports.

2 Corpus Selection and Orientation

The aim of this paper is to describe the methodological procedure of a study on the translation of 86 online news reports about Middle East Conflicts observing what Chesterman’s (1997) translation strategies seem to be more frequently used to achieve such a production. When the theme – Middle East Conflicts – and the Corpus – online news reports – were defined, some other important factors for the Corpus selection started to be

considered: (i) the reliability of the sites chosen; (ii) the public interest in relation to the theme; (iii) how such a general theme is reported from one language into another (from American/British English into Brazilian Portuguese, in this case) respecting the possible differences regarding news construction and language structure; and, finally (iv) how the environment (the Web) might influence the translation of online news reports.

As regards online news reports, they offer more dynamic and much faster release of information, demanding, in my opinion, a deeper look and analysis considering aspects related to: news production, audience, context, and the translation practice of online news: who translates the texts, the amount of time set for the translation work to be developed, the space for the specific piece of news available on the site, among others. The point to be raised here involves the interest in translating such pieces of news into different languages – Brazilian Portuguese in this case – and how the act of translating occurs, (i.e., what strategies seem to help translators in their work). In this context, a series of reports about Middle East conflicts are presented in parallel with their translations directed to a specific audience: online journalistic text readers, not necessarily Brazilian readers.

The fact that online news reports are the main interest here it is necessary to investigate some specific criteria adopted for the production of such a text type. Such criteria also influence the production of translation of these texts. Following Nord's (1991) idea that languages play a core role in the process of intercultural communication and translation, I subscribe to the affirmation that languages also help determine and identify who produces the ST; who orders a translation of such texts; the ST in itself; who receives the ST and translates it; the TT in itself; and who reads the TT. The whole process from receiving a ST up to the moment the TT is produced and released is complex, involving several steps and different participants, including readership. The process cannot be related simply to the purpose of the ST, but mainly to how the TT is going to operate in the target context. As Nord (1997, p. 09) says, "the function of the TT is not arrived at automatically from an analysis of the ST, but is pragmatically defined by the purpose of the intercultural communication." Therefore, the hypothesis is that, when translating online news reports, some translations tend to follow a more literal translation type, developed on the linguistic level, while others might show adaptations, additions or omissions, trying to update the TT during the translation process.

3 Corpus-Based Studies and Translation Strategies

Uzar (2002, p. 237) claims that “translation is becoming an increasingly part of society throughout the world”. Because of this, general standard manners of doing translation have improved and, “more and better qualified translations are needed” (*ibid.*). The task of rating how qualified a translation is seems to be related to aspects such as the translator’s expertise, his/her familiarity with the languages involved in the translation process and his/her sense of detachment from the source text in order to perceive among various apparently similar translation possibilities which form fits the target context best. Another helpful aspect is the use of corpora focusing on the investigation of translation products in order to describe specific translation types – in this case, translated online news reports. According to Kenny (2000, p. 93), “the use of real texts and recourse to computational tools to assist in the analysis of these texts are two of the hallmarks of contemporary corpus linguistics”, making the analysis less troublesome.

On the basis of the assumptions and quotes above, this paper focuses on Corpus Linguistics (CL) and Corpus-Based Studies and their application in Translation Studies (TS). The validity of research investigation based on CL combines micro and macro analysis, following what Tymoczko (2002) suggests when she claims that the researcher has two options when approaching research: (i) either looking at the “big picture” – a macroscopic direction –, analysing aspects of culture, for instance; or (ii) analysing particularities of the source and target languages when dealing specifically with translation – a microscopic direction. Tymoczko adds that it is important to take both directions into account when developing a piece of research, because they might be “reinforcing domains to secure strong conclusions” (*ibid.*). What one direction seems to overlook, the other direction will be able to cover more deeply.

The author’s view seems interesting especially for the type of work developed here, because it covers the use of translation tools also taking into account aspects of context and language that might be beyond the scope of such tools. Applying Tymoczko’s view of macro and micro direction to this analysis, what is considered the “big picture” or macroscopic direction in this study corresponds to the three categories Chesterman (1997) creates to classify his translation-strategy framework; and the microscopic direction refers to the strategies themselves:

Chesterman's (1997) three Categories of Translation Strategies

Syntactic strategies	
G1: Literal Translation	“maximally close to the SL form, but nevertheless grammatical.”
G2: Loan, Calque	“A deliberate choice, not the unconscious influence of desired interference.”
G3: Transposition	“any change of word class, from noun to verb, adjective to adverb.”
G4: Unit Shift	A ST unit (morpheme, word, phrase, clause, sentence, paragraph) is translated as a different unit in the TT.
G5: Phrase Structure Change	“a number of changes at the level of the phrase, including number, definiteness and modification in the noun phrase, and person, tense and mood in the verb tense.”
G6: Clause Structure Change	“changes that have to do with the structure of the clause in terms of its constituent phrases.”
G7: Sentence Structure Change	“it affects the structure of the sentence unit.”
G8: Cohesion Change	“it affects intra-textual reference, ellipsis, substitution, pronominalization and repetition, or the use of connectors of various kinds.”
G9: Level Shift	“the mode of expression of a particular item is shifted from one level (phonology, morphology, syntax and lexis) to another.”
G10: Scheme Change	“kinds of changes that translators incorporate in the translation of rhetorical schemes such as parallelism, repetition, alliteration, metrical rhythm, etc.”
Semantic Strategies	
S1: Synonym	“selects not the obvious equivalent but a

	synonym or near-synonym for it.”
S2: Antonym	“the translator selects an antonym and combines this with a negation element.”
S3: Hyponymy	“shifts within the hyponymy relation are common.”
S4: Converses	“pair of (usually) verbal structures which express the same state of affairs from opposing viewpoints, such as buy and sell.”
S5: Abstraction change	“a different selection of abstraction level may either move from abstract to more concrete or from concrete to more abstract.”
S6: Distribution change	“change in the distribution of the ‘same’ semantic components over more items (expansion) or fewer items (compression).”
S7: Emphasis change	it “adds to, reduces or alters the emphasis or thematic focus, for one reason or another.”
S8: Paraphrase	It “results in a TT version that can be described as loose, in some contexts even undertranslated. Semantic components at the lexeme level tend to be disregarded, in favour of the pragmatic sense of some higher unit such as a whole clause.”
S9: Trope change	It “applies to the translation of rhetorical tropes (i.e. figurative expressions).”
S10: Other semantic changes	“include other modulations of various kinds, such as change of (physical) sense or of deictic direction.”
Pragmatic strategies	
Pr1: Cultural filtering	“also referred as naturalization, domestication or adaptation.”
Pr2: Explicitness change	“either towards more explicitness (explicitation)

	or more implicitness (implication).”
Pr3: Information change	“either the addition of new (non-inferable) information which is deemed to be relevant to the TT but not present in the ST, or the omission of ST information deemed to be irrelevant.”
Pr4: Interpersonal change	“it alters the formality level, the degree of emotiveness and involvement, the level of technical lexis and the like: anything that involves a change in the relationship between text/author and reader.”
Pr5: Illocutionary change	“linked with other strategies: changing the mood of the verb from indicative to imperative, a change from statement to request.”
Pr6: Coherence change	“the logical arrangement of information in the text, at the ideational level.”
Pr7: Partial translation	“any kind of partial translation, such as summary translation, transcription, translation of the sounds only, and the like.”
Pr8: Visibility change	“a change in the status of the authorial presence, or to the overt intrusion or foregrounding of the translatorial presence. For instance, translator’s footnotes, bracketed comments or added glosses explicitly.”
Pr9: Transediting	“the sometimes radical re-editing that translators have to do on badly written original texts.”
Pr10: Other pragmatic changes	Changes in the layout of the text, for example; or in the dialect choice.

Chesterman’s first category – Syntactic Strategies – deals specifically with the structure and organisation of the phrases; the second category – Semantic Strategies –

concentrates on the meaning of sentences associated with the lexical choice, based on syntactic terms that best fit in a certain context; and the last category – Pragmatic Strategies – goes beyond syntactic and semantic aspects and deals with meaning in terms of what content is important to be present in the TT.

3.1 The Focus on Memes in place of Norms

Chesterman (1997, p. 02) uses the term ‘memes’ as a metaphor for translation explaining that a meme “is simply an idea that spreads”. The author (*ibid.*, p. 51) adds that “[i]f a meme comes to dominate (for any reason: practical, political, cultural, aesthetic...), and competing memes fade, one course of development is that such a meme becomes regarded as a norm – whether imposed by an authority or simply accepted as such.”

Chesterman (*ibid.*) makes a distinction between the terms ‘Normative’ and ‘Prescriptive’ saying that genuinely scientific translation theory (Translation Studies – TS) is descriptive, and, consequently, normative. Applied research – or translation training – on the other hand, focuses on what translations should be like, prescriptively. Here, the focus is on descriptive work, not on training or prescribing translation procedures. The author uses the terms ‘norm’ and ‘normative’ in a descriptive sense, in order to focus on the description, understanding and explanation of translation norms. The author adds that a certain community inevitably shares common ideas regarding what is ‘correct’ of a certain act or behaviour and the group agrees on what is in some sense ‘right’ or ‘wrong’.

Chesterman (1997, p. 55-56) presents the function of norms as being evolutionary. The author says that norms regulate behaviour, being beneficial to all parties, creating and maintaining social order, facilitating material and social interaction, and even facilitating cognitive processing. The author goes on to say that norms save both time and effort, of great importance in the world today, given the fact that society lives urgent times, demanding fast solutions, and fast decisions.

4 Using Corpora in Translation Studies Methodologically

Kenny (2000) states that the first thing to be done when developing a corpus-based investigation is to specify exactly what the researcher wants to study. After determining the ‘what’ very clearly, it is possible to start thinking about how the investigation will be

undertaken. Kenny (*ibid.*, p. 94) says that “it is clear that how we ask the research question has implications for the kind of corpus resources needed in any particular study.” The research questions thus determine whether the researcher will opt for a parallel corpus analysis or any other type. Here, the option is the parallel corpus analysis, since the work is carried out to identify translation strategies used in translations of online news reports. The parallel-corpus approach will help to find the strategies in the target texts (TT) that are of particular interest.

Kenny (*ibid.*) goes on to say that “the first challenge for the researcher is thus the specification of such interesting points in the source texts (ST).” I subscribe to this comment and add that, in fact, another challenge is exactly what to select from the corpus, because in some cases several different aspects of a specific text type seem to be interesting and worth being investigated. The parallel-corpus approach, to my view, helps the researcher focus on what was asked in the research questions without feeling lost among so much information and so many interesting points of investigation. The next step according to the author is then parsing and tagging the corpus in order to start marking what is being looked for – here, the translation strategies used in the TTs. When I first started aligning and tagging the TT and ST in order to identify Chesterman’s translation strategies, some points immediately started to call my attention: (i) sometimes the length of the TTs was smaller than the STs, or vice-versa; (ii) sometimes the TT started with what is considered to be a typical translation, with similar ideas in sentences and paragraphs, containing synonyms and similar semantic ideas. As I continued reading, I noticed that a different text started to be produced inside the translation. In other words, a TT suddenly started to present ideas, sentences and paragraphs that weren’t presented in the ST. Such a fact made me decide to include more sites to compare with the translations appearing in NYT/UOL. That was when I included BBC News and Reuters, which have Brazilian Portuguese versions of their sites, making me select the TT and ST at the same time.

It was noticed that both the ST and the TT on *BBC News* and Reuters are updated in terms of content several times during the day, meaning that there is apparently no final version for the reports. This point reminds us of the importance of marking not only the date but mainly the time of publication of the report, besides including the observation concerning the addition of information. In the case of *BBC News* and *Reuters*, the headlines were much closer in meaning to the headlines of the ST, which facilitated my search. On the other hand,

the reports presented more modifications than the ones on NYT/UOL. By modifications I mean: the addition or omission of information, which made the texts much longer or much shorter than the ST. Sometimes, on the three sites, one sentence in the TT was a translation from a sentence in the ST, but the location of the sentences was not aligned because of the inclusion of information, making the identification more painstaking. The translation strategies were identified in order to analyse the corpus as well as to observe if the translations produced followed a more target-text oriented aspect, giving emphasis to necessary adaptations and to the target readership, or if they were produced following a more source-text oriented practice of translation, close to syntactic and semantic features of the source text.

4.1 Type of Corpus

Zanettin (2000) describes different types of ‘translation-driven’ corpora and elaborates on their design and analysis. The author mentions the constant interest in developing research using computer-assisted methods of investigation in TS and moves on to cite the types of ‘translation-driven corpora’:

- “the monolingual comparable corpus, consisting of a set of translations and a comparable set of texts spontaneously created in the same language and selected according to similar criteria” (p. 105);
- “the bilingual comparable corpus. Neither of the two components includes translated texts; what is compared are texts spontaneously produced in two languages under similar circumstances and within the same domain” (p. 106). For this second type, the author explains that its purpose is “to develop a tool and a resource for trainees and practitioners in the translation profession” (*ibid.*). – Obviously, this is not the case under study here, hence it was not opted for.
- The parallel corpus: “a set of translations in one language and their respective source texts in another language” (*ibid.*).

4.2 Corpus Representativeness

Baker (1995) describes the following criteria for corpus design:

- Machine-Readable: collection of texts held in electronic form, read and analysed automatically or semi-automatically;
- Full-Text: full texts and not text fragments allowing the examination of micro level units such as words, phrases and sentences;
- Open-endedness: corpus designed with a view to the future, as an open-ended entity in which texts are constantly added to; and
- Representativeness: in building the corpus in a specific area, the researcher knows the extent to which and in what respects this corpus is representative enough to serve its purpose. The author adds that selecting a representative corpus is related not only to size, but also to the careful description of what the corpus is intended to represent.

I believe the corpus selected fits in the description presented by Baker, and I subscribe to the author's last comment because my interest is much more directed to qualitative aspects concerning the corpus than to quantitative aspects, which will serve as support for the elaboration of a qualitative analysis.

Having said that, I present what Zanettin states about the point under discussion:

One of the major issues in corpus design is that of representativeness; what distinguishes a corpus from a collection of electronic texts (or a text archive) is that a corpus is put together in a principled way so as to be representative of a larger textual population, in order to make it possible to generalise findings concerning that population. Thus, the most appropriate design for a corpus depends on what it is meant to represent. (*apud.* BIBER 1993; HALVERSON 1998; KENNEDY 1998; BIBER et al. 1998). This should be remembered before making any general statements about language, texts, or translations based on corpus analysis; what is found in a corpus will only apply to what that particular corpus represents. (ZANETTIN, 2000, p. 107).

Zanettin's quote and Baker's description seem to have points in common, and will thus serve as the basis for the Corpus selected here. Moreover, elaborating on the issue of representativeness, Halverson (1998) cites Biber's discussion on data collection:

Typically researchers focus on sample size as the most important consideration in achieving representativeness: how many texts must be included in the corpus, and how many words per text sample. Books on sampling theory, however, emphasise that sample size is not the most important consideration in selecting a representative sample; rather, a thorough definition of the target population and decisions concerning the method of sampling are prior considerations. (BIBER, 1993, p. 243).

For the selection of texts to build the Corpus under study, I have focused on both directions: the Corpus size – 86 texts, being those 43 target texts and their respective source texts aligned in parallel form – as well as the research questions to be answered:

- 1) What translation strategies are most frequently used when translating online news reports?
- 2) What are the implications of the use of the translation strategies identified in the TT?
- 3) Has the environment in which the source and target texts of the corpus were published (i.e. the Web) influenced the translation results and if so, how?

4.3 The Selection of Texts: The Target Population

Halverson (1998, p. 03) states that “defining a target population is paramount” when defining the corpus and selecting its texts. The author complements this point with Biber’s (1993) statement about the two aspects of the definition of a target population: 1) the boundaries of the population – what texts are included or excluded from the population; 2) hierarchical organisation within the population – what text categories are included in the population, and what are their definitions.” Halverson (*ibid.*, p. 03) adds that a target population “consists of specifying the boundaries and internal structure of the category” [opted for the corpus construction]. Such boundaries will help determine which instances must be included and which ones must be left aside.

4.4 Corpus Description

Zanettin (2000, p.115) affirms that “parallel corpora allow not only quantitative analysis (...). They also facilitate qualitative analysis (...).” The author mentions the need to align the Corpus in order to carry out the investigation, adding that “alignment procedures can, to a large extent, be automated, and may be performed on the basis of statistical elaboration, taking into account the number of sentences, words or even characters in the pairs of texts to be aligned.” However, the author is aware of the fact that there must be a degree of interaction between machines and humans in order to “provide a way of examining in some detail how translations map onto source texts” (*ibid.*).

5 Corpus Analysis: The Use of Translation Strategies in the Parallel Corpus

The objective here is to investigate the use of translation strategies in the Corpus selected and to show the results of the investigation presenting some examples. According to the general results, Strategy G1 (literal translation) was highly used, followed by S1 (synonym), Pr3 (information change), Pr4 (interpersonal change) and Pr2 (explicitness change), respectively, as demonstrated in the next examples:

Example 01: (TT): [Muitas vezes já se disse que a verdade é a primeira baixa da guerra G1, G5]. [Durante uma campanha eleitoral para a presidência, isso pode ser mais verdadeiro que nunca G1 S1]. [Considere uma pergunta aparentemente simples: Qual é o custo da guerra do Iraque para os Estados Unidos G1]? [O presidente Bush e o senador John Kerry deram respostas diferentes, mas ambos os candidatos ignoraram o que talvez seja o item mais caro: o impacto da guerra sobre a economia em geral G1].

(ST): [It's often said that truth is the first casualty of war.] [During a presidential campaign, that may be more apt than ever.] [Consider a seemingly simple question: What is the cost of the Iraq war to the United States]? [President Bush and Senator John Kerry have given different answers, but both candidates have ignored what may be the biggest cost item: the war's impact on the overall economy]. (NYT/UOL – text 1)

Example 02: (TT): [O ataque ocorreu na mesquita Shahidain, que é cercada de moradias baratas na região de Tameem, no centro de Mosul G1 S1 Pr2]. [Testemunhas disseram ter ouvido um forte estrondo dentro do pátio da mesquita, que ainda está em construção G1 Pr2 Pr3 Pr8].

(ST): [The attack was at the Shahidain mosque which is surrounded by cheap housing in Mosul's central Tameem neighbourhood.] [Witnesses described seeing a ball of fire and hearing a huge explosion inside the courtyard of the mosque, which is still under construction. (BBC – text 1)]

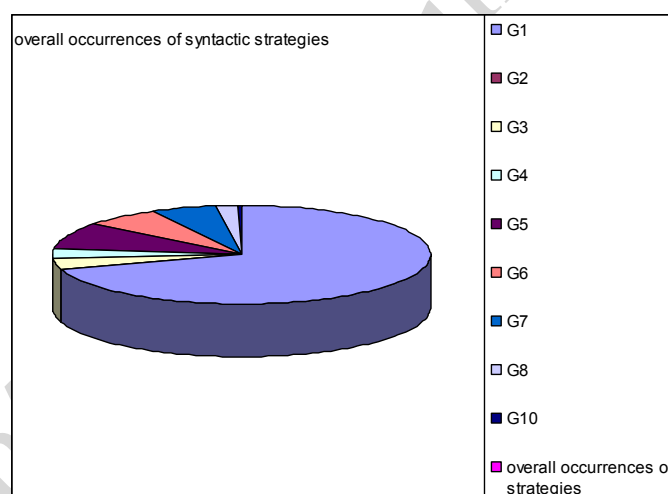
Example 03: (TT): [Kerry e muitos dos outros críticos do presidente argumentam que sua adoção de uma democratização liderada pelos Estados Unidos - repleta de uma calorosa referência a Harry Truman, o presidente que iniciou a reconstrução da Europa e do Japão - representa pouco mais do que uma justificativa pós-fato para a guerra G1 S1 Pr4]. [Eles notam que Bush fez apenas um grande discurso sobre a democratização do Oriente Médio antes de invadir o Iraque -apesar de ter falado quase diariamente sobre a ameaça das armas de destruição em massa Pr4 G1 S1]. [("Nós precisávamos de mais alguns discursos sobre a democratização, e menos do outro", reconheceu posteriormente um de seus principais conselheiros, no ano passado) Pr3 G6]. [Agora, faz parte de sua mensagem diária G1]. [Os críticos argumentam que o discurso de Bush encobre todos os erros dos últimos 18 meses, que dificultaram para os reformadores na região semear as sementes da mudança Pr4 G1].

(ST): [Mr. Kerry and many of the president's other critics argue that his embrace of American-led democratization - replete with a warm reference to Harry S. Truman, the president who initiated the reconstruction of Europe and Japan - amounts to little more than an ex post facto justification of the war]. [They note that Mr. Bush gave only one major speech about democratizing the Middle East before invading Iraq, though he spoke almost daily of the threat of unconventional weapons. [("We needed a few more of the democratization speeches, and less of the other," one of his most senior advisers conceded late last year.)] [Now, it is part of his daily message]. [Critics argue that Mr. Bush's speech glosses over all the mistakes of the last 18 months that have made it more difficult for reformers in the region to sow the seeds of change]. (The NYT – text 3)

There is a linguistic progression linked to this distribution, for example, the Syntactic Strategies evolve from word level (G1 and G2), to phrase/clause/sentence structure change (G3 to G7), and then, they evolve to cohesion and level of language such as morphology and phonology. The same happens to the Semantic Strategies, also evolving from word level (S1 to S4) to changes in the semantic level of abstraction, distribution of semantic components and emphasis (S5 to S7). After that, there is the use of paraphrase (G8). The Syntactic and Semantic categories seem to overlap with each other, and this overlapping can be observed in

the organisation and distribution presented. The Pragmatic Strategies do not follow this pattern, because they do not have a direct relation to the linguistic system of languages as the Syntactic and Semantic Strategies do. The Pragmatic Category is based on the analysis of a specific agenda, i.e., specific interests concerning clients, context, translators, editors, time constraints etc., regarding the application of its strategies and also on what was not possible to fit in the Syntactic or Semantic Category, marking the translator's interference or some kind of deviation. Strategies G10, S10, and Pr10 try to be broad enough to cover any gap not possible to be answered by the other strategies.

There is an extreme discrepancy regarding the frequency of use among the strategies. Category 1 – Syntactic Strategy – was predominant in the Corpus in terms of frequency of use. However, this predominance occurs because of the constant use of one single strategy – G1 – in the texts. This predominance of G1 is so repetitive that it places the Syntactic category as the most used one in the whole Corpus. Nevertheless, some Syntactic Strategies are hardly used, for example, G2 and G10, as can be observed next:



Pie 1. Overall occurrences of Syntactic Strategies in the Corpus.

Pie 1 demonstrates the frequent use of Syntactic Strategies, generating more literal translations. They seem to be, in fact, a very common option for translators of online news reports.

5.1 Strategy Overlapping

As the strategies evolve, they need to be complemented, in some cases by strategies from the same or any other of the two categories. The most common overlapping of strategies

happened between G1/S1; G1/S6; G1/G5 and Pr3/Pr8. It is possible to explain these combinations for the fact that, even using a syntactic, literal translation strategy – G1 –, it is necessary to make adjustments from ST to TT due to linguistic differences, as demonstrated in the next examples:

Example 04: TT: ["Mas tal progresso está ocorrendo mais rapidamente do que muitos diriam ser possível G1 S1]. [Por toda uma região conturbada, nós estamos vendo um movimento na direção de eleições, maiores direitos para as mulheres e uma discussão aberta sobre reformas pacíficas G1 S1]. [A eleição no Afeganistão há menos de duas semanas foi um evento marcante na história da liberdade G1]. [Tal eleição foi uma derrota tremenda para os terroristas G1 S1"].

ST: ["Yet, that progress is coming faster than many would have said possible]. [Across a troubled region, we are seeing a movement toward elections, greater rights for women, and open discussion of peaceful reform]. The election in Afghanistan less than two weeks ago was a landmark event in the history of liberty]. [That election was a tremendous defeat for the terrorists."] (NYT/UOL – text 3)

Example 05: TT: [**Rohani afirmou que o Irã vai "retomar parte das atividades nucleares em um futuro próximo"**, mas que **"as condições e a hora" da iniciativa ainda estavam sendo discutidas com os negociadores da França, da Alemanha e da Grã-Bretanha.** G1 S6]

ST: ["If Iran cannot exercise its rights with in the framework of the NPT, it will no longer have any respect for this treaty," Mr Rohani said.] [**Iran will definitely resume a part of its enrichment activities in the near future...** but we are still **discussing its conditions and time of restarting the activities.**"] (BBC – text 25)

Example 06: TT: [Mas, num sinal de tensões à frente, forças israelenses **fizeram buscas na cidade de Jenin, na Cisjordânia**, na segunda-feira e prenderam oito militantes palestinos, **acusados de preparar ataques** G1 S6.]

ST: [But in a sign of further tension, Israeli forces **raided the West Bank city of Jenin** Monday and arrested eight Palestinian militants they said **were making rockets for future attacks.**] (Reuters – text 3)

Example 07: TT: [Aquele contrato de um ano não foi renovado, mas a empresa **já estava conseguindo** outros, diretamente junto à Autoridade Provisória da Coalizão ou como empresa subcontratada de outras G1 G5].

ST: That one-year contract was not renewed, but the company **had already begun pulling** in others, directly with the Coalition Provisional Authority or as a subcontractor to other companies]. (NYT/UOL – text 2)

Example 08: TT: [Mas **ele afirmou** que **não vai negociar** que tecnologia o país usará em seu programa nuclear. G1, G5]

ST: "The Iranian nation **will never hold negotiations** about its definite rights," **he said**. (BBC – text 37)

Example 09: TT: ["Demos uma ordem para planejar a transferência de Qalqilya, mas não para transferi-la", disse G1 G5.]

ST: ["We gave an order to plan the way Qalqilya will be transferred, but not to transfer it yet," he said.] (Reuters – text 1)

Example 10: TT: [O líder curdo Jalal Talabani será nomeado o novo presidente do Iraque em uma reunião do Parlamento na quarta-feira, afirmaram fontes do governo. Pr3 Pr8]

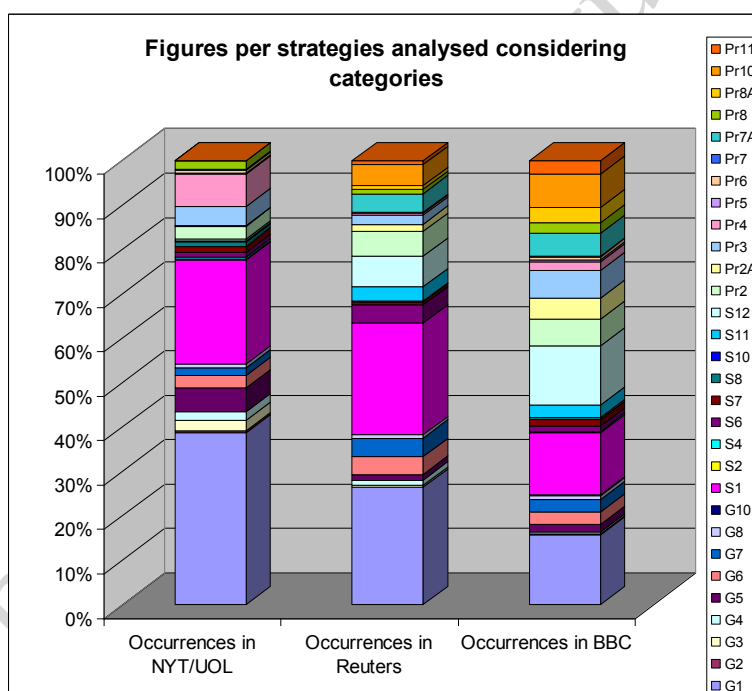
ST: [Leaders of the main political blocs said veteran Kurdish politician Jalal Talabani would be named president at a parliament meeting on Wednesday, more than nine weeks after millions of Iraqis braved insurgent bombs to vote.] (BBC – text 4)

Example 11: [Três funcionários do alto-escalão do Departamento da Defesa explicaram nesta quarta-feira (9) que as novas instruções evidenciam a proibição da utilização de cães com focinheiras durante os interrogatórios G7 Pr8]. [Segundo eles, as instruções fornecem orientações específicas para as unidades que atuam no terreno, tais como o período de tempo máximo durante o qual elas podem manter os prisioneiros sob custódia antes de libertá-los ou encaminhá-los para os seus superiores hierárquicos, os quais, então, determinarão as condições de sua detenção Pr3 Pr8].

ST: [Three senior defense officials said Wednesday that the new procedures clarified the prohibition against the use of muzzled dogs in interrogations, gave specific guidance to field units as to how long they could hold prisoners before releasing them or sending them to higher headquarters for detention, and made clear command responsibilities for detainee operations]. (The NYT – text 4)

It seems important to reinforce the idea that on *UOL* the TTs seem to follow a more source-text oriented pattern, meaning that the translations present a static pattern, without frequent changes or adaptations from the ST to the TT, while on the other sites, there was a tendency to have TTs frequently transformed into a new online journalistic text, showing a more dynamic pattern.

The analysis carried out here has provided the following figures:



Graphic 1. Specific Occurrences in NYT/Reuters/BBC.

The translators from *UOL* seem to have favoured the use of syntactic strategies, and have opted for, in order of frequency, G1 (literal translation), S1 (synonym), Pr4 (interpersonal change), G5 (phrase structure change), Pr3 (information change), Pr2 (explicitness change), G6 (clause structure change), and G3 (transposition). The tendency here was to recur to the use of syntactic strategies, opting for G5 (phrase structure change) and G6 (clause structure change).

The *BBC* site presented translated texts that were more dynamic, having part of the paragraphs translated from the ST, part omitted and several pieces of information added to it. In some cases, these TTs from the *BBC* site were presented as a kind of summary of the whole ST piece of news. Some translation strategies were not used, namely: G2 (loan, calque), S2 (antonym), and S10 (other semantic changes). Strategies G1 (literal translation), S1 (synonym), Pr 10 (other pragmatic changes), Pr3 (information change), and Pr2 (explicitness change) were, respectively, the most commonly used.

This panorama shows that the *BBC* site differs from the *NYT* site in terms of focusing more on the use of semantic and pragmatic strategies as well as presenting more dynamic texts. Here, the predominance of pragmatic strategies was higher than on the *NYT*, which shows that the translators/journalists indeed produced, consciously or unconsciously, more target-text oriented translations. *Reuters* was the site that presented more changes in terms of omissions and additions from the ST to the TT. This fact, just like on the *BBC* site, shows a greater tendency to follow the *skopos* of the supermeme called ‘most-up-to-date information’. This supermeme focuses on the updating information from the ST to the TT from time to time. Strategies G2 (loan, calque), G10 (scheme change), S2 (antonym), S4 (converses), S10 (other semantic changes), Pr6 (coherence change) and Pr7 (partial translation) were not used. The strategies most commonly used were G1 (literal translation), S1 (synonym), Pr2 (explicitness change), Pr10 (other pragmatic changes); G7 (sentence structure change), S6 (distribution change), and G6 (clause structure change), respectively. *BBC* and *Reuters* therefore were the sites that presented translations that could be described as dynamic translations, because there was a higher number of changes on the focus of information provided by the use of the strategies Pr2 (Explicitness change), Pr3 (Information change) and Pr7 (Partial translation), besides the fact that the translator/journalist was in a position that favoured him/her to make changes from ST to TT apparently with more freedom, marking the use of the strategy Pr8 (Visibility change).

As pinpointed previously, strategy G5 (phrase structure change), for example, was generally opted for on *UOL Jornais* and rarely used on *BBC News* or *Reuters*, because, in order to produce the sentences and ideas in the translations at *UOL Jornais*, it was necessary to use more nominalisations and verb changes, while on *BBC News* and *Reuters* the sentences were, in fact, retextualised, and the following strategies prevailed strategies G1 (literal

translation), S1 (synonym), Pr2 (explicitness change), Pr3 (information change), and Pr10 (other pragmatic changes), as observed in the next example:

Example 12: (TT): [Pelo menos 14 pessoas morreram na explosão de um carro-bomba num mercado lotado em Suwayrah, ao sul da capital iraquiana, Bagdá. G5 S1 Pr2 Pr3]
[Segundo as autoridades, 43 pessoas ficaram feridas e o número de vítimas fatais deve subir. Pr2 Pr3]

[A cidade é um conhecido reduto de insurgentes numa região apelidada de Triângulo da Morte do Iraque. Pr2]

[Autoridades iraquianas anunciaram nesta sexta-feira que os corpos de 14 homens foram encontrados em uma vala comum em Bagdá. G5 Pr2 Pr3 Pr10]

(ST): [At least 16 people have been killed in a car bomb attack in a market south of Baghdad, Iraqi police say.]

[As many as 40 people were injured in the blast at Suwayra, about 60km (38 miles) south of the capital.]

In Baghdad, police found a shallow grave with the bodies of 14 men, apparently the victims of execution-style killings.

[Meanwhile at least eight police officers died in a bombing near the northern city of Tikrit.] There has been intense violence since a new Iraqi government was announced in late April. More than 250 people have died.

In the Suwayra attack, a car exploded near a crowded vegetable market at about 1500 (1100 GMT) on the Friday holiday.

Mixed town

Police said the blast blew away stalls and destroyed cars.

Doctors at the local hospital said the most severely wounded had been transferred to hospitals in Baghdad.

Suwayra is a mixed Shia and Sunni Muslim town, but is near the so-called Sunni triangle, where there have been many attacks on Iraqi and coalition forces.

[Earlier in Baghdad, police investigated a hole in the ground and found 14 bodies, dressed in the long white robes favoured by Sunni Islamists.] (BBC – text 20)

Reuters and *BBC* differ from *NYT/UOL* in that they use strategies that adapt the TT because of the need to update information constantly on the sites. These sites follow the specific purpose of reporting what happened or what was said some hours/instants ago.

5.2 Dynamic/Static Translations

The figures on *UOL* show that syntactic strategies were most frequently used. Nevertheless, semantic and pragmatic strategies were used as well. The implication of a predominance of syntactic strategies is exactly that the translated texts produced tended to be static, i.e. they were not updated after being posted on the site, and followed a fixed source-text pattern.

Moving to the *BBC* and *Reuters* sites, they tended to use less syntactic strategies in comparison to the *UOL* site, opting for more semantic and pragmatic strategies. The texts on these two sites were considered dynamic texts, for the fact that they were constantly updated after being posted on the sites and followed a target-text pattern. It seems important to highlight that strategies G9 (level shift), S3 (hyponymy), S5 (abstraction change), S9 (trope change), Pr1 (cultural filtering) and Pr9 (transediting) were not used in the analysed translations. These strategies are more likely to be used in literary texts, for example, or texts having cultural aspects concerning the language and life of specific peoples, which was not the case here either. In informative texts, attention is drawn upon facts. When cultural terms come up, they are described or explained in a more pragmatic form.

6 Final Remarks

Researchers in the area of TS have worked hard to store examples from varied corpora in order to illustrate established and described theories and also to look for answers or suggestions on how to produce a specific translation type with higher assurance. The use of corpora in TS has demonstrated to be valid and necessary in order to provide high-quality research in terms of representativeness and results. Another positive point about the use of corpora in TS is that it is rewarding to come to a moment in which the researcher starts to see the results after the compilation, organisation and investigation of the corpus.

The use of the term ‘meme’ denotes the idea that decisions are made after a process of ‘selection of translation options’ and the surviving memes, i.e. the most commonly used

memes, grow strong, while the rest of them dies out. In fact, translators should follow a procedure based on concrete data, making choices based on sensible behaviour. These points are basically directed to the translation of the texts.

The motivation underlying the translation tendencies emerging from the data analysis can be related to basically three factors: (i) the *skopos* opted for and determined by the news agency; (ii) time constraints that influence the publishing of online news as fast as possible; and (iii) the need to keep readers informed by as many pieces of news as possible, almost at the same time. What I noticed after analysing the results emerging from the data analysis was that the Web and the process of Online Journalism was the main influence for the translation tendencies found here: static memes (source-oriented translations with no updates after posted on the site) and dynamic memes (target-oriented translations which are constantly updated). These tendencies should not be considered as right or wrong. Both of them serve different *skopoi* and are able to achieve the aims determined for them. The only consideration I would make is that dynamic memes serve the objective of producing updated news, which is the *skopos* that goes beyond the production of a static translation that will suffer no further changes. Therefore, journalists must take advantage of new technological advancements in order to know how to use them in their favour. I would like to add that the same should be said concerning translators. In fact, when translating online news reports, the role of a journalist and a translator almost inevitably will overlap.

7 Bibliographical References

BAKER, M. Corpora in Translation Studies: An Overview and some Suggestions for Future Research. In: **Target**, 7. Amsterdam: John Benjamins, 1995, p. 223-243.

BIBER, D. Representativeness in Corpus Design. In: **Literary and Linguistic Computing**, 8. Australia: Cambridge University Press, 1993, p. 243-257.

CHESTERMAN, A. **Memes of Translation**: The Spread of Ideas in Translation Theory. Amsterdam: John Benjamins, 1997, p. 87-116.

DEUZE, M. Understanding the impact of the Internet: On new media professionalism, mindsets and buzzwords. In: *EJournalist*, volume 1, number 1, at <http://www.ejournalism.au.com/ejournalist/deuze.pdf>. 2001.

HALVERSON, S. Translation Studies and Representative Corpora: Establishing Links between Translation Corpora, Theoretical/Descriptive Categories and a Conception of the Object of Study. In: **Meta**, XLIII, 4. Montreal: Erudit, 1998, p. 01-22.

KENNY, D. Lexical Hide-and-Seek: Looking for Creativity in a Parallel Corpus. In: Olohan, M. **Intercultural Faultlines: Research Models in Translation Studies I: Textual and Cognitive Aspects**. UK: St. Jerome, 2000, p. 93-104.

NORD, C. **Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained**. Manchester: St. Jerome, 1997.

TYMOCZKO, M. Computerized Corpora and the Future of Translation Studies. In: **Meta**, **XLIII**, 4. Montreal: Erudit, 1998, p. 1-15.

UZAR, R. S. A Corpus Methodology for Analysing Translation. **Cadernos de Tradução**, **IX**. Florianópolis: UFSC, 2002, p. 237-265.

ZANETTIN, F. Parallel Corpora in Translation Studies: Issues in Corpus Design and Analysis. In: OLOHAN, M. **Intercultural Faultlines: Research Models in Translation Studies I: Textual and Cognitive Aspects**. UK: St. Jerome, 2000, p. 105-118.

<http://www.nytimes.com>

<http://news.bbc.co.uk>

<http://noticias.uol.com.br/jornais>

<http://www.reuters.com>

Tentativa e erros: “Text”, de Carol Ann Duffy, em duas traduções

Telma Franco Diniz*

Resumo: Algumas reflexões sobre tradução poética, a partir de duas tentativas de tradução do poema “Text”, de Carol Ann Duffy, em que procurei seguir critérios preconizados pelos poetas e tradutores brasileiros Paulo Henriques Britto e Alípio Correia de Franca Neto, a saber, rigor na correspondência semântica e demais atributos poéticos como metro, rima, imagens, aliteraões, de sorte que o texto resultante tenha alto grau de semelhança com o texto-matriz, e possa ser reconhecido como tradução “propriamente dita”.

Palavras-chave: Tradução poética; correspondência; Paulo Henriques Britto; Alípio Correia de Franca Neto; Carol Ann Duffy.

Abstract: Some thoughts on poetic translation derived from two attempts at translating Carol Ann Duffy’s poem “Text”, in which I tried to fulfill the criteria established by Brazilian poets and translators Paulo Henriques Britto and Alípio Correia de Franca Neto, that is, to pursue close correspondence not only in semantics but also in the most relevant formal features, such as meter, rhymes, images, alliteration and so on, so that the resulting text is so closely analogous to the matrix, that one might call it a “translation proper”.

Keywords: Poetic translation, correspondence; Paulo Henriques Britto; Alípio Correia de Franca Neto; Carol Ann Duffy.

Preâmbulo

"...a lição dos tropeços talvez seja tão importante como a dos êxitos".

(Boris Schnaiderman)

Dentre os primeiros poemas que li na infância, lembro-me muito bem de “Trocadilho”, cuja ilustração mostrava um elefante embaraçado nos fios de um telefone, no segundo volume da antiga coleção *O mundo da criança* (p. 83):

Precisando telefonar,
diz o elefante a pensar:
“Será isto um telefane?”
Eu posso verificar,
pode ser um elefone.
Já sei! É um telefante.

* Tradutora autônoma e mestranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Email: telmafranco@hotmail.com

Qual nada, é um telefonte.
Santo Deus! Que confusão!
Hoje não acerto, não.
Alô! Aqui fala o elefunque;
Perdão, quero dizer telefanque.
Oh! Maçada! É o telefunte.
Não, senhor! Elefante... Já falei!...
Uf!!! até que enfim acertei..."

A divertida sequência de trapalhadas construída em versos *nonsense*¹ era um regalo para a menina de pouco mais de seis anos de idade.

Décadas mais tarde redescobri com prazer este e outros poemas que tinham me encantado na infância e adolescência. Porém, embora reconhecíveis em conteúdo e tema, eles eram diversos, pois diferentes eram os ecos internos, a cadência das palavras, as rimas, algumas imagens, a organização, a elocução, o léxico... e a língua em que tinham sido originalmente escritos!

O “Trocadilho” da minha infância, produzido por Helena Pinto Vieira, tinha origem no texto matriz² “Eletelephony”, de Laura Elizabeth Richards:

Once there was an elephant,
who tried to use the telephant –
No! No! I mean an elephone
who tried to use the telephone –
(Dear me! I am not certain quite
that even now I've got it right.)

Howe'er it was, he got his trunk
entangled in the telephunk;
The more he tried to get it free,
the louder buzzed the telephee –
(I fear I'd better drop the song
of elephop and telephong!)

¹No caso, o *nonsense* de “Trocadilho”, de Helena P. Vieira, é semelhante àquele explorado por Edward Lear no seu *A Book of Nonsense*, de 1846, em que o absurdo com frequência surge como brincadeira inteiramente linguística – palavras são inventadas aos borbotões e o jogo se perpetua também nas rimas e aliterações.

² ‘Texto matriz’ aqui considerado como ‘original’, ou ‘obra primeva’: a obra “que veio antes e foi semente ou substrato das subsequentes”, sejam estas traduções, adaptações, apropriações. (DINIZ, 2010, p. 118).

É certo que há semelhanças entre “Eletelephony” e “Trocadilho”: o personagem elefante é mantido e as divertidas invencionices de Laura Richards (“telephant”, “elephone”, “telephunk”), em parte responsáveis pela comicidade do texto, são reproduzidas por Helena Vieira. Porém, as trapalhadas linguísticas que no poema de Richards cabiam ao narrador, no poema de Vieira cabem ao personagem elefante. A meu ver, ao deixar o narrador “de escanteio” e alçar o elefante a personagem central da história, Vieira “ganha” seu público leitor pela identificação: as crianças simpatizam com o elefante trapalhão que, assim como elas, também tem dificuldade para pronunciar palavras incomuns. Porém, fora esse ganho, a manobra também causa perdas³. Enquanto em “Trocadilho” há apenas um personagem trapalhão, em “Eletelephony” há *dois* personagens trapalhões a despertar a simpatia das crianças: o narrador que se atrapalha com as palavras e que, ciente disso, faz um *mea culpa*: “I fear I’d better drop the song of elephop and telephong”⁴; e o elefante, que se atrapalha com a tromba: “Howe’er it was, he got his trunk entangled in the telephunk; the more he tried to get it free, the louder buzzed the telephee”⁵. No “Trocadilho” de Vieira, o elefante tem consciência do seu erro e também faz um tipo de *mea culpa*: “Santo Deus! Que confusão! Hoje não acerto, não”; mas não há nenhuma menção ao fato de o elefante ter embaraçado a própria tromba ao fio do telefone. Essa omissão é de certa forma compensada pela ilustração que, dialogando com o texto, revela o enrosco do elefante, conforme mencionado no primeiro parágrafo deste artigo. No entanto, as semelhanças são insuficientes para considerar “Trocadilho” uma ‘tradução propriamente dita’ de “Eletelephony”, segundo os critérios de Paulo Henriques Britto e Alípio Correia de Franca Neto. E que critérios seriam esses?

Acuristas da tradução poética

³ “Perdas” e “ganhos” são termos usados por Paulo Henriques Britto e Alípio Correia de Franca Neto ao comentar e refletir sobre sua prática tradutória, como veremos logo mais, no decorrer do texto.

⁴ “Melhor esquecer essa ladainha de elefope e telefinha”. [em tradução livre, de minha autoria]

⁵ “Tanto faz, pois ele tanto fez que a tromba embarçou-se no telefez; quanto mais tentava livrar-se do enrosco, mais alto tocava o telefesco”. [em tradução livre, de minha autoria]

Paulo Henriques Britto (2011a) recorre a uma equação conceitual para enunciar seu ideal (ou quase ideal) de tradução e fala em “relação de analogia” e “correspondência”: sendo A um poema no idioma α e B um poema no idioma β , B será uma tradução de A se houver, entre A e B, uma relação de analogia tal que, ao se comparar A e B, seja possível identificar “uma correspondência mais ou menos próxima entre ao menos algumas características importantes de A e de B” (BRITTO, 2011a). Cabe ao próprio tradutor, por meio de leitura rigorosa e atenta, estabelecer a hierarquia dessas “características importantes” antes de se lançar à tradução. Tais características são inerentes a cada poema: enquanto em um poema podem ser as rimas, noutra podem ser as aliterações, ou a melodia, o ritmo, a métrica, a semântica... “ou tudo junto”. (BRITTO, 2011b)

Para Alípio Correia de Franca Neto, um poeta-tradutor pode chegar à poesia até mesmo traduzindo “em prosa um poema rimado e metrificado no original”, mas esse tipo de tradução, segundo ele, estaria mais próximo de uma “apropriação”, que não é o que ele busca ou pratica. Seu ideal é fazer “um tipo de representação tão mimética quanto possível do original.” (FRANCA NETO, 2008a, p. 276).

Nessa busca por “representação mimética” e “correspondência”, Franca Neto e Britto evitam demasiadas liberdades na tradução de conteúdo e forma. Coincidentes em seus pontos de vista, ambos se afastam do modelo poundiano, cristalizado no notório adágio “make it new”⁶ (POUND, 1993, p. 264; MILTON, 2010, p. 144), que durante décadas inspirou tradutores a tomar liberdades semânticas para reestruturar o poema em outra língua desde que, é bom lembrar, fosse mantida a fidelidade à forma, e o texto resultante se sustentasse como poema por si mesmo nessa outra língua.

Assim como Franca Neto e Britto, o poeta Michael Hamburger, aclamado tradutor de Hölderlin para o inglês, era um tradutor-poeta metucioso, que produzia traduções miméticas e evitava liberdades semânticas. Ao contrapô-lo a Ezra Pound, o também poeta e tradutor Peter Dale (1998, p. 39) o inscreveu na tradição de “acuristas”⁷, que se esmeram na reprodução de detalhes semânticos e da melodia de cada verso. Sobre Michael Hamburger, Franca Neto (2007, p. 452) também disse se

⁶ Slogan do “Canto LIIP”: “Tching prayed on the mountain and/ wrote MAKE IT NEW/ on his bath tub/ Day by day make it new” (*The Cantos of Ezra Pound*, publicado pela primeira vez em 1934;)

⁷ “[...] compared to Pound you were all what might be indicated as in the tradition of ‘literal/ry accurists’.” (DALE, 1998, p. 39)

tratar de um tradutor que mantinha distância das “técnicas poundianas, rejeitando-lhes as liberdades semânticas”, preferindo, por outro lado, as abordagens “mais ‘literais’, formais e eruditas”. Pelo exposto, acredito que os brasileiros Britto e Franca Neto também se inserem na tradição de abordagem acurista, que busca a tradução poética talhada o mais rente possível, como fica evidente em suas declarações a seguir:

Quando, numa tradução poética, percebo que um ou outro verso não faz jus ao original, prefiro engavetá-la. (FRANCA NETO, 2008b)
Às vezes, a melhor homenagem que um tradutor pode fazer a um poema é deixar de traduzi-lo⁸. (BRITTO, 2001a).

O próprio Britto (2006, p. 64), porém, relativiza a última afirmação ao admitir que “em tradução temos sempre de nos contentar em atingir apenas em parte a meta almejada”. O relativo, no entanto, jamais abole o absoluto. A meta continua e é necessário persegui-la. Afinal, ainda segundo Britto (2007, p. 8), se a impossibilidade de atingir uma meta for tomada ao pé da letra, qualquer empreendimento humano ficará inviabilizado: “Se a meta de se conservar sempre saudável é inatingível, já que todos nós estamos fadados a adoecer e morrer em algum momento, devemos concluir que cuidar da saúde é inútil?”

Sobre as abordagens

Franca Neto não acha que existam regras sobre como traduzir um texto poético, nem tampouco uma matemática inflexível no processo de escolha do metro na língua de chegada. Porém, em sua busca pela representação mimética, ele considera que “a escolha de um verso com tempo de elocução mais próximo se impõe”. Em geral, segundo ele, “a escolha do metro mais próximo precede a tradução”. Porém, pode ocorrer de esse metro mais próximo (e ideal) se revelar insuficiente para recriar a teia de sentidos e transmitir todas as nuances percebidas no original. Assim, de acordo com Franca Neto (2008a, p. 276), a escolha de um metro maior, dentro de certos limites, é válida.

Ainda segundo Franca Neto, “a tradução poética é um ato interpretativo do começo ao fim” e o tradutor, para ser bem-sucedido, deve antes de tudo fazer um “estudo exaustivo, um escrutínio severo do original”. (FRANCA NETO, 2008b).

⁸ No original: “Sometimes, the best tribute a translator can pay to a poem is to refuse to translate it”. (BRITTO, 2001a).

Tomando como base os tipos de tradução definidos por John Dryden (1992, p. 17) em “On Translation”⁹ – metáfrase, paráfrase, imitação¹⁰ – Franca Neto diz preferir a paráfrase, que seria “uma tradução com latitude, em que o autor é mantido ao alcance dos olhos”. E embora as palavras do autor não possam, de forma alguma, ser alteradas, elas podem, sim, ser ampliadas, desde que estejam dentro da teia de sentidos percebida no original. Franca Neto exemplifica com “night” e “noite escura”: digamos que o tradutor precise compor uma rima em que “escura” cairia bem. Se o autor fala em “night” e o poema é alusivo à escuridão, o tradutor pode compor o verso com “noite escura” e não estará fugindo à “trama de imagens” criada pelo autor, mesmo que este não tenha expressamente escrito “dark night” (FRANCA NETO, 2008b). Contudo, o êxito no trabalho das rimas e de todos os níveis de linguagem do poema dependerá sempre “do talento individual do poeta-tradutor” (FRANCA NETO, 2008a, p. 274):

Dele se espera, no que diz respeito às rimas e a outras estruturas significantes, o mesmo que se pode esperar de um poeta – que seja alguém altamente tendencioso em termos de significante, e que seja provido de instrumentos críticos capazes de detectar a idiosincrasia das rimas em outros idiomas, e de recursos técnicos suficientes para as reproduzir em sua língua. Não basta saber que aqui e ali o poema rima, é preciso ver de que maneira ele rima. De qualquer forma, seu sucesso sempre dependerá do fato de a rima, em dado contexto, ser uma consequência natural do movimento do pensamento ou fazer parte da trama de imagens e metáforas que foi identificada no poema original, reforçando ainda mais as relações entre som e sentido.

Paulo Henriques Britto não espera menos do tradutor de poesia. Na metodologia desenvolvida para avaliar traduções poéticas, Britto (2001b, 2006, 2008, 2011a, 2011b) examina o grau de correspondência alcançado pelo tradutor nos diferentes níveis de linguagem envolvidos no poema:

Temos consciência de que o texto poético trabalha com a linguagem em todos os seus níveis – semânticos, sintáticos, fonéticos, rítmicos, entre outros. Idealmente, o poema deve articular todos esses níveis, ou pelo menos vários deles, no sentido de chegar a um determinado conjunto harmônico de efeitos poéticos. A tarefa do tradutor de poesia será, pois, a de recriar, utilizando os recursos da língua-meta, os

⁹ Prefácio de John Dryden sobre suas traduções de *Ovid's Epistles*, de 1680 (DRYDEN, 1992, p. 17).

¹⁰ No original: First, that of metaphrase, or turning an author word by word, and line by line, from one language into another (...). The second way is that of paraphrase, or translation with latitude, where the author is kept in view (...) but his words are not so strictly followed as his sense (...). The third way is that of imitation, where the translator (if now he has not lost that name) assumes the liberty, not only to vary from the words and sense, but to forsake them both as he sees occasion (DRYDEN, 1992, p. 17).

efeitos de sentido e forma do original – ou, ao menos, uma boa parte deles. (BRITTO, 2002, p. 1).

Idealmente, para cada efeito percebido no original, ou texto-matriz, deveria corresponder um efeito no texto-resultante, ou tradução. Assim, sempre que um efeito ou atributo do original não é recriado na tradução, ocorre uma perda. Porém, já sabemos que uma tradução com correspondência em todos os níveis, sem nenhuma perda, é raramente possível em tradução poética (BRITTO, 2001b). Em todo o caso, o tradutor deve tentar recriar pelo menos os elementos mais significativos: “Na tradução do poema, deveremos tentar preservar aqueles elementos que apresentam maior regularidade no original, já que eles serão possivelmente os mais conspícuos na língua original” (BRITTO, 2002, p. 3). Vemos que, ao procurar estabelecer uma metodologia objetiva para a avaliação *a posteriori* de traduções poéticas, Britto desenvolveu uma ampla reflexão sobre a tradução poética, da qual o feliz tradutor pode se valer *a priori*.

De modo sucinto, na prática é preciso primeiro que o tradutor observe quais são as características semânticas e formais mais significativas do original; e segundo, que determine o grau de relevância dessas características, num tipo de hierarquia, para minimizar perdas (BRITTO, 2001a). Se a característica for relevante e não houver correspondência, a perda será significativa. Doutra maneira, quanto mais próximo o casamento entre os componentes de uma dada característica do original e os componentes de sua contraparte na tradução, menor será a perda. Contudo, o tradutor não deve perder de vista que, em prol da métrica, rima, efeito sonoro, e outros atributos, talvez se façam necessários cortes lexicais. Em suma, segundo Britto (2011a) o tradutor deve:

identificar as características poeticamente significativas do texto poético;
atribuir uma prioridade a cada característica, dependendo da maior ou menor contribuição por ela dada ao efeito estético total do poema; e
recriar as características tidas como as mais significativas das que podem efetivamente ser recriadas, ou seja, tentar encontrar correspondências para elas.

Sobre Carol Ann Duffy

Carol Ann Duffy, autora do poema “Text” que ora apresento, talvez seja a poeta de língua inglesa mais lida na atualidade. Popular na Inglaterra desde os anos 1990, Duffy ganhou notoriedade internacional em 2009, ao se tornar a primeira mulher apontada “Poet Laureate” pela rainha da Inglaterra. Inédita no Brasil, sua obra talvez ganhe tradução em português após sua participação na Flip, Festa Literária Internacional de Paraty, neste 2011.

Nascida em Glasgow, em 1955, Duffy mudou-se com pais e irmãos para a Inglaterra quando tinha seis anos. Muitos de seus poemas têm raízes nessa cisão, na consciência de alteridade adquirida precocemente. “Originally”, publicado em *The other country*, diz:

All childhood is an emigration. Some are slow,
leaving you standing, resigned, up an avenue
where no one you know stays. Others are sudden.
Your accent wrong¹¹. (DUFFY, 2004, p. 7).

Duffy é professora de Criação Literária e Poesia Contemporânea na *Manchester Metropolitan University* e uma das participantes mais ativas do projeto *Poetry Live!*¹² que há treze anos incentiva a leitura de poesia entre adolescentes ingleses ao promover a visita *in loco* de autores às escolas, para leituras dos próprios poemas.

Segundo John Mullan, da University College London, Duffy sucedeu em popularidade a poetas como Philip Larkin e Ted Hughes graças, em parte, às escolas de ensino médio, que incorporaram seus poemas à grade curricular de poesia contemporânea¹³. Ainda de acordo com Mullan, o apelo exercido por Duffy sobre os professores do ensino médio inglês tem razões práticas: seus poemas usam esquemas claros de rima e métrica, e em geral são divertidos e perspicazes¹⁴. Ela compõe, de fato, em forma fixa. Mas também em versos livres, de maneira lírica ou divertida, com linguagem simples ou elaborada, leve e intensa. Seu lado irônico pode ser conferido em

¹¹ Em tradução livre: “Toda infância é uma emigração. Algumas são lentas, te deixam esperando, resignada, numa avenida onde ninguém te conhece. Outras são repentinas. Seu sotaque um erro.”

¹² Para mais informações, visite <http://www.poetrylive.net/about.html> Acesso em 9 dez 2011.

¹³ “Over the past decade, Carol Ann Duffy has been the most popular living poet in Britain, her sales greatly helped by the fact that she has succeeded Hughes and Larkin as the most common representative of contemporary poetry in schools” (MULLAN, 2005). Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/books/2005/oct/05/poetry.forwardprizeforpoetry2005>

¹⁴ “There are also aspects of her poetry that appeal to English teachers for good practical reasons. Her poems are frequently humorous; they use clear schemes of rhyme and metre”. (MULLAN, 2005). Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/books/2005/oct/05/poetry.forwardprizeforpoetry2005>

The world's wife, em que ela assume diferentes *personas* e se manifesta na pele de mulheres de figurões históricos ou ficcionais como “Mrs Midas” e “Queen Kong”, entre outras, e “Mrs Darwin”, a seguir:

7 April 1852

Went to the Zoo.

I said to Him –

Something about that Chimpanzee over there reminds me of you¹⁵.

(DUFFY, 2000, p. 20)

Duffy tem mais de 30 livros publicados e prestigiosos prêmios literários, entre eles o *T. S. Eliot Prize* pelo livro *Rapture*, do qual foi extraído o poema “Text”. *Rapture* reúne 52 poemas e parece registrar, semana a semana, a história de um amor: desde o primeiro momento, quando a paixão se instala, passando pelo embevecimento de se saber correspondida, o encontro sexual e espiritual, a estabilidade, os conflitos, a reaproximação, novos conflitos, e enfim, ruptura. “Text” é o segundo poema da coletânea: o sujeito lírico não desgruda do celular e, enquanto aguarda uma provável mensagem, lê e relê as mensagens enviadas. Escrito em linguagem simples, “Text” tem características de métrica e rima que se prestam a meu propósito de traduzir poesia fixando-me nas estratégias propostas por Britto e Franca Neto, como já dito anteriormente. Mãos à obra:

Métodos e estratégias postos em prática

Text

I tend the mobile now

¹⁵ Em tradução livre: “7 de abril de 1852. Fomos ao Zoológico. Me virei pra Ele – Alguma coisa naquele chimpanzé me lembra você.”

like an injured bird.

We text, text, text
our significant words.

I re-read your first,
your second, your third,

look for your small xx,
feeling absurd.

The codes we send
arrive with a broken chord.

I try to picture your hands,
their image is blurred.

Nothing my thumbs press
will ever be heard.

(DUFFY, 2005, p. 16)

Primeiro passo: fazer um escrutínio severo do original, como sugere Franca Neto (2008b), e identificar as características poeticamente significativas do texto. A seguir, atribuir prioridades, dependendo da maior ou menor contribuição dada pelas características ao efeito estético total do poema, como sugere Britto (2000).

O que primeiro me chamou a atenção no original foram as rimas ou quase rimas *bird/ words/ third/ absurd/ chord/ blurred/ heard* que a mim soaram como o som repetitivo de um celular no modo vibratório, “rrr”, hipótese plausível, já que o poema sugere uma troca de mensagens (*we text text text*) pelo celular (*mobile*). Segundo, a métrica: os versos curtos, mormente trímetros jâmbicos, sugerem a brevidade das mensagens de texto disparadas por celular. Terceiro, o tom informal: a autora usa códigos culturalmente difundidos entre jovens ingleses, como o hábito de substituir

“kisses” pela letra “xis” em sequência, “xxx”, ao se despedir numa mensagem - “small xx” é, puramente, “beijinhos”.

Assumi que essas três características – a “sonoridade vibratória” das rimas, o metro curto, e o tom informal – eram os elementos mais relevantes do original e passei ao segundo passo: tentar encontrar correspondências para as características mais significativas entre as que podem efetivamente ser recriadas (BRITTO, 2000). Chamei esta primeira tentativa de “versão fônica”. Arrisquei também uma tradução mais preocupada com a precisão semântica e intitulei-a “versão semântica”. Dispus ambas ao lado do original, no quadro a seguir, para facilitar a análise, os comentários e as comparações, desenvolvidos logo em seguida, com atenção especial aos termos e expressões destacados em negrito.

Text

Texto-matriz	Mensagem de texto (versão fônica)	Mensagem de Texto (versão semântica)
I tend the mobile now like an injured bird.	Afago o celular hoje como a um filhote de tordo .	Cuido do celular hoje como de um pássaro ferido.
We text, text, text our significant words.	A gente mil vezes digita nossas palavras mais ternas.	A gente digita, digita palavras caras, afetivas.
I re-read your first, your second, your third, look for your small xx, feeling absurd.	Releio a primeira, a segunda, a terceira, e curto procurar seus bjs sentindo-me absurda .	Releio uma, duas, três vezes seguidas, procuo seus beijos sentindo-me descabida.
The codes we send arrive with a broken chord.	Nossos segredos chegam com um toque surdo.	Os torpedos que envio chegam com um zumbido.
I try to picture your hands, their image is blurred.	Tento lembrar suas mãos, a imagem é turva.	Tento imaginar suas mãos, a lembrança é furtiva.
Nothing my thumbs press will ever be heard.	Nada que meus dedos toquem jamais se fará discurso .	Nada que meus dedos apertem jamais será ouvido.

No esforço de obter rimas com “sonoridade vibratória”, tomei algumas liberdades na “versão fônica”. No segundo verso, “injured bird” (“pássaro ferido”) vira “filhote de tordo”. Embora um passarinho ferido e um filhote de passarinho possam inspirar os mesmos cuidados que o sujeito lírico devota ao celular, o registro do poema

sobe um pouco de tom: poucas pessoas sabem que “tordo” é uma família de pássaros à qual pertencem os “melros”, “rouxinóis” e “sabiás”. No quarto verso, apelei a um acréscimo (“curto”) para obter o som “vibratório”; embora condenável, vejo um atenuante nesse acréscimo: como o tom do original é informal, acredito que o verbo “curtir”, tão difundido hoje nas mídias sociais, ajuda a manter baixo o registro, compensando pelos momentos em que houve elevação de registro. No caso do “small xx”, acabei optando por “bjs”, usado em substituição a “beijinhos” em mensagens eletrônicas. Em voz alta, a forma abreviada “bjs” soa da mesma maneira que “beijos” na forma extensa; mas, visualmente, o recurso se aproxima da informalidade do original, e acredito que não haja queda nem elevação de registro. A expressão “sentir-se absurda” (oitavo verso) não é corriqueira em português. Seria mais comum dizer “sentir-se ridícula” ou “descabida”, mas o verso “sentindo-me absurda” não causou estranheza entre as cerca de 20 pessoas que ouviram essa versão, o que me faz crer que é uma expressão em processo de absorção no Brasil, talvez pela influência mesma do inglês¹⁶. Porém, no último verso, ocorreu uma incontornável elevação de registro: o singelo “Nothing my thumbs press will ever be heard” torna-se o enigmático “Nada que meus dedos toquem jamais se fará discurso” com um quê de “metalinguístico”. Isso sem contar que o original fala em ouvir (“heard”) e a tradução sugere o falar (“discurso”). Quanto à métrica, penso que ficou bem resolvida: em português, a redondilha compõe razoável correspondência com o trímetro inglês (BRITTO, 2008, p. 29).

A “versão semântica” seguiu bem de perto o conteúdo, escapando apenas no quinto e sexto versos: em lugar de reler as mensagens de texto uma após a outra (primeira, segunda, terceira, segundo o original), o sujeito lírico, obcecado, lê as mensagens seguidamente, “três vezes seguidas”. Foi um “escorregão” deliberado: como nos demais versos eu havia conseguido razoáveis rimas toantes com foco no “i” (“ferido”, “afetiva”, “descabida”, etc.), achei por bem fazer o mesmo nesse verso e apelei para “vezes seguidas”.

As duas versões acusam perdas e talvez nenhuma tenha todos os atributos necessários para ser considerada uma “tradução propriamente dita”, segundo os critérios de Franca Neto e Britto.

¹⁶ A expressão ‘sentir-se absurda’, com o verbo em diferentes conjugações, ocorre raramente na internet; na maior parte das vezes, ocorre em textos traduzidos ou blogs de ‘temática adolescente’, como o mundo dos vampiros.

Mas eu tinha a minha preferida: apesar de a “versão semântica” ter sido mais fiel ao sentido, eu considerava que as rimas com “sonoridade vibracall” eram o grande trunfo de “Text”. E como a “vibração” tinha desaparecido na “versão semântica”, dando lugar a rimas um tanto banais, feitas com o particípio, eu podia declarar que minha predileta era a “versão fônica”, pois esta tinha tentado manter o efeito sonoro.

Reflexões finais

No entanto, uma surpresa me aguardava.

Eu havia submetido minhas versões – juntamente com as explicações dadas aqui sobre tom, métrica e ‘sonoridades vibratórias’ – a alguns amigos, professores e tradutores. Agradeço a todos, em especial a um deles, que me disse:

Li o seu trabalho e gostei. Porém devo lhe dizer que os ingleses não costumam pronunciar os Rs pós-vocálicos, de modo que em palavras como *bird* e *third* o R na verdade é mudo no dialeto britânico -- ou seja, não há “sonoridade vibratória”¹⁷.

Eu fora traída pelo meu ouvido americanizado, que me fizera pronunciar todos os Rs do poema “Text”. Carol Ann Duffy, autora de origem escocesa, moradora da Inglaterra desde os seis anos de idade, não haveria de ter qualquer traço de “ouvido americanizado”. E decerto não lhe teria ocorrido usar “sonoridades vibratórias” na composição do poema, já que ela simplesmente jamais pronunciaria os “Rs pós-vocálicos”.

De repente eu era a criança de “sotaque errado” do poema “Originally”, de Carol Ann Duffy, citado há pouco – “your accent wrong”. E me sentia em parte como o elefante trapalhão de Helena Vieira: “Santo Deus! Que confusão! Hoje não acerto, não”. E um pouco também como a narradora de Laura Richards, atrapalhada com um telefone e suas assonâncias: “I fear I’d better drop the song of elephop and telephong.”

E foi o que fiz: “I dropped the song of celuphong”. Abandonei a ladainha das “sonoridades vibratórias” do celular e engavetei minhas tentativas de tradução, já que a melhor homenagem que eu poderia fazer a “Text” seria deixar de traduzi-lo.

¹⁷ Paulo Henriques Britto, em email do dia 08 de dezembro de 2008.

Três anos se passaram desde então. Hoje tiro minhas tentativas da gaveta porque uma história é feita também de erros. Se alguém fizer bom uso das ideias, dos tropeços, e das idas e vindas que revelei neste artigo, este talvez venha a ser o meu acerto.

Referências

BRITTO, Paulo Henriques. “My six years with Elizabeth Bishop”. In: **II Encontro Internacional De Tradutores**, 2001. Belo Horizonte, UFMG. 2001a. Disponível em: <http://www.phbritto.org/2011/07/my-six-years-with-elizabeth-bishop.html> Acesso em 24 fev 2008

_____. “A avaliação de tradução de poesia”. Conferência apresentada na Universidade de São Paulo no dia 12 de maio de 2011, como parte do “**Ciclo de Palestras sobre Tradução**”, organizado pelo Departamento de Letras Modernas e pelo CITRAT (FFLCH/USP). 2011a. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=BC8mrLouP1I>

_____. “Para uma avaliação mais objetiva das traduções de poesia”. In KRAUSE, Gustavo Bernardo. **As margens da tradução**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Caetés/UERJ, 2002. (*mimeo*)

_____. “Towards more objective evaluation of poetic translation”. In: **Seminário As Margens Da Tradução**, Rio de Janeiro, UFRJ. 2001b. Disponível em: <http://www.phbritto.org/2011/07/towards-more-objective-evaluation-of.html> Acesso em 23 fev 2008.

_____. “A humble form”. *Jornal de Resenhas*, no. 60, **Folha de S. Paulo**, 11 de março de 2000. Disponível em: <http://www.phbritto.org/2011/07/humble-form.html> Acesso em 11 maio 2008.

_____. “Correspondências estruturais em tradução poética”. **Cadernos de Literatura em Tradução** no. 7, p. 53-69, São Paulo: Humanitas, 2006.

_____. “É possível avaliar traduções?” **Tradução em Revista**, v. 4, p. 1-12, 2007.

_____. “A tradução para o português do metro de balada inglês”. **Fragmentos**, n. 34, p. 25-33, Florianópolis: UFSC, 2008.

_____. “A tradução como crítica”. Palestra proferida em mesa-redonda com Berthold Zilly e Márcio Seligmann-Silva. In: **II Seminário Internacional De Crítica Literária**, realizado em 8 de dezembro de 2011, no Itaú Cultural, São Paulo. 2011b.

DALE, Peter. **Michael Hamburger in Conversation with Peter Dale**. London: Between the Lines, 1998.

DINIZ, Telma Franco. “Tradução, adaptação, apropriação: recriações de uma mesma matriz”. In: SILVA, Maria de Fátima Sousa e; BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro

(Org.). **Tradução & recriação**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2010.

DRYDEN, John. "On Translation". In: SCHULTE, R. & BIGUENET, J. (ed.) **Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

DUFFY, Carol Ann. **Rapture**. Londres: Picador, 2006.

_____. **The world's wife**. Londres: Picador, 2000.

_____. **The other country**. Londres: Anvil Press Poetry, 2004.

FRANCA NETO, Alípio Correia de. "Sobre o autor". In: HAMBURGER, Michael. **A verdade da poesia**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. Entrevista concedida a Dirceu Villa e Marina Della Valle, em **Cadernos de Literatura em Tradução** no. 9, p. 269-279, São Paulo: Humanitas, 2008a.

_____. *Poesia via tradução*. Palestra proferida em mesa-redonda da **VIII Jornada de Tradução e Terminologia/Citrat**. Tema: *Tradução Literária - Teorias e Práticas*, Universidade de São Paulo, 2008b.

MILTON, John. **Tradução: teoria e prática**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MULLAN, John. What are our poets writing about? In: **The Guardian**, 5 out 2005. Acesso em 29 jun 2008. Disponível em: <http://www.guardian.co.uk/books/2005/oct/05/poetry.forwardprizeforpoetry2005>

POETRY LIVE! Disponível em: <http://www.poetrylive.net/index.html> Acesso em 09 dez 2011.

POUND, Ezra. **The Cantos of Ezra Pound**. New York: New Directions, 1996.

RICHARDS, Laura. "Trocadilho". In: **O mundo da criança**. v. 2. Adaptação de Helena Pinto Vieira do poema "Eletelephony". Rio de Janeiro: Editora Delta, 1949.

_____. **Eletelephony**. Disponível em: http://allpoetry.com/poem/8596727-Eletelephony_wbr_-by-Laura_Elizabeth_Richards Acesso em 03 jul 2011.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Tradução, ato desmedido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.